

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Área de Concentração em Arqueologia



**ARQUEOLOGIA GUARANI E SISTEMA DE ASSENTAMENTO NO
EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA**

Josiel dos Santos

Pelotas, 2016

Josiel dos Santos

**ARQUEOLOGIA GUARANI E SISTEMA DE ASSENTAMENTO NO
EXTREMO SUL DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, área de concentração em Arqueologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial ao título de Mestre em Antropologia – Área de concentração em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Guedes Milheira

Coorientador: Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237a Santos, Josiel dos

Arqueologia guarani e sistema de assentamento no extremo sul de Santa Catarina / Josiel dos Santos ; Rafael Guedes Milheira, orientador ; Juliano Bitencourt Campos, coorientador. — Pelotas, 2016.

172 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

1. Arqueologia guarani. 2. Litoral sul-catarinense. 3. Sistema de assentamento. 4. Domínio do ambiente. 5. Contato colonial. I. Milheira, Rafael Guedes, orient. II. Campos, Juliano Bitencourt, coorient. III. Título.

CDD : 930.1

Aos meus pais, Bento e Elvira, e à
Lisiane – que estiveram presentes no
fôlego e na energia da formulação de
cada frase que aqui vai escrita.

Agradecimentos

Aos meus pais, Bento e Elvira, sou e serei grato a cada passo que dou, por sua demonstração de garra diante da vida, pelo apoio nas minhas escolhas e por entenderem que a ausência por vezes se faz necessária. Ao Nei e à Néia, irmãos e amigos sempre. À tia Maria e à vó Custódia (*in memoriam*), por me abrigarem nos momentos primordiais, ao me abrirem as portas de sua casa.

Pela constante companhia, pelo amor e pela confiança, por entender o quanto tudo isso é importante pra mim, agradeço à Lisiane, que tem me acompanhado desde o início desta trajetória, me apoiando nos altos e baixos – te amo, senhorita!

Agradeço ao meu orientador, Rafael Milheira, pela confiança depositada, pelos conhecimentos compartilhados de forma prestativa, pela paciência nos momentos de sumiço e pela disposição e empolgação em suas contribuições e orientações fundamentais. Ao Juliano Bitencourt Campos, coorientador desta pesquisa e coordenador do Projeto de Pesquisa Arqueologia Entre Rios, sou imensamente grato pelo apoio irrestrito, pelo incentivo constante e por disponibilizar toda a logística que viabilizaram a realização deste trabalho. Estendo meu agradecimento aqui, também, aos gestores do IPARQUE/UNESC pelos espaços proporcionados à pesquisa acadêmica. Sou grato também ao Marcos César, por suas contribuições e discussões sempre pertinentes.

Um agradecimento ao baita amigo, ao irmão, Richard Ronconi, presente desde o processo de seleção, primeira companhia rumo à Pelotas, sempre confiou e deu incentivo para a execução de mais este projeto. Também agradeço ao Edenir (grande zé!), constantemente presente e dando forças nos momentos mais tensos da trajetória.

Sou grato ao Ricardo Martins por ser um solícito anfitrião em Pelotas e, junto com o Cesar Hoffmann e o Guilherme Schoeler, aos quais também sou grato, me situarem nos primeiros meses me aventurando em Satolep. Um agradecimento aos colegas do mestrado, especialmente à turma do barulho, Estelamaris, Orestes, Átila, Alexandre Mafaim, Cleiton, Leandro e André, pelas reuniões, agrupamentos e conversas sobre arqueologia, antropologia, política, metafísica, étlicos e derivados, a vida, o universo e tudo mais. Ainda em Pelotas sou grato também à Melina e à Duda pelo providencial apoio e amizade.

Ao pessoal do Setor de Arqueologia sou grato pelo aprendizado proporcionado no convívio cotidiano, e aos que participaram durante as atividades de campo e laboratório: Alan, Alexandre, Héron, Jean, Juliano Costa, Diego Pavei e Renata (esta galera é demais!). Ao Neemias e ao Marlon sou grato por muito me ensinarem sobre a prática arqueológica e pelo constante apoio e incentivo; ao Jedson Picci e ao Rafael Casagrande pelas profícuas conversas sobre Guaranis, cerâmicas arqueológicas, possibilidades e impossibilidades da arqueologia, bibliografias, política, música, cultura.

A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

Com este trabalho procuramos contribuir para o conhecimento acerca do processo de ocupação Guarani no litoral do extremo sul catarinense. Dentro de uma área piloto delimitada entre os municípios de Balneário Rincão e Araranguá, estudamos a variedade dos sítios associados às populações Guarani que teriam ocupado a região em um momento próximo ao início do processo colonial. Agregando informações oriundas de diferentes momentos da pesquisa arqueológica local e acrescentando novos dados produzidos no âmbito deste trabalho, buscamos elucidar, a partir da variedade do registro arqueológico, as diferentes estratégias utilizadas por estas populações no que diz respeito ao domínio do território litorâneo caracterizado pela presença dos rios, lagoas, dunas e Oceano Atlântico. Neste sentido, buscamos articular os dados empíricos e a bibliografia arqueológica, etno-histórica e histórica, a fim de propor um modelo de domínio e gestão do ambiente local. Por fim, busca-se inserir a presença Guarani na região dentro de um contexto histórico mais amplo, no âmbito das expansões coloniais ibéricas, demonstrando que este processo histórico, fartamente documentado, pode também ser observado em seus aspectos materiais, a partir de elementos específicos dos vestígios materiais associados a determinados sítios arqueológicos aqui estudados.

Palavras-chave: Arqueologia Guarani; Litoral Sul-Catarinense; Sistema de Assentamento; Domínio do Ambiente; Contato Colonial.

ABSTRACT

This work aims to contribute to the knowledge about the process of Guarani occupation on the coast of the southern end of Santa Catarina (Brazil). Within a pilot area enclosed between the municipalities of Balneario Rincão and Araranguá, we studied the variety of sites associated with the Guarani people who have occupied the region at a time near the beginning of the colonial process. Aggregating information from different moments of local archaeological research and adding new data produced in this work, we seek to elucidate, from the variety of the archaeological record, the different strategies used by these populations to dominate the coastal territory, characterized by the presence of rivers, ponds, dunes and the Atlantic Ocean. In this sense, we intend to articulate the empirical data and the archaeological, ethno-historical and historical bibliography, in order to propose a model of control and management of the local environment. Finally, we propose a delimitation of the Guarani presence in the region within a broader historical context –the Iberian colonial expansion –, demonstrating that this historical process, amply documented, can also be observed in its materiality, from specific elements of material remains associated with certain archaeological sites studied here.

Keywords: Guarani Archaeology; Southern coast of Santa Catarina; Settlement Pattern; Control of the Environment; Colonial Contact.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	20
2.1 CONSTITUIÇÃO DA ARQUEOLOGIA GUARANI: UM BREVE HISTÓRICO.....	20
2.2 PROPOSIÇÃO DE MODELOS DE DOMÍNIO TERRITORIAL EM ARQUEOLOGIA GUARANI	26
2.3 APLICAÇÃO DE MODELOS: ABORDAGENS RECENTES.....	31
3 ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL SUL CATARINENSE	40
4 SISTEMAS DE ASSENTAMENTO, ARQUEOLOGIA REGIONAL E ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM: APORTES TEÓRICOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	44
5 O AMBIENTE DA PESQUISA	51
6 O REGISTRO MATERIAL	55
6.1 VESTÍGIOS DE ESTRUTURAS.....	55
6.2 VESTÍGIOS CERÂMICOS	58
6.2.1 A pesquisa em cerâmica arqueológica no Brasil: um breve sobrevoo histórico	58
6.2.2 Parâmetros de análise da cerâmica arqueológica	63
6.2.2.1 Quantidade	64
6.2.2.2 Tratamento de superfície	66
6.2.2.3 Espessura.....	71
6.2.2.4 Projeção das formas	73
7 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	77
7.1 ANTECEDENTES	77
7.2 ESTRUTURAS DE MORADIA	79
7.3 ESTRUTURAS DE ACAMPAMENTOS.....	97
7.4 FRAGMENTOS CERÂMICOS ISOLADOS	108
7.5 SEPULTAMENTOS ISOLADOS	109
7.6 DEMAIS SÍTIOS	110
7.7 DATAÇÕES OBTIDAS.....	110
8. DISCUSSÃO	114
8.1 DOMINANDO O ESPAÇO ENTRE AS LAGOAS E O MAR: HIPOTETIZANDO A OCUPAÇÃO GUARANI NO LITORAL DO EXTREMO SUL CATARINENSE	114
8.2 AS ETAPAS DO CONTATO E O PROCESSO DE DESOCUPAÇÃO: POR UMA HISTÓRIA INDÍGENA DO LITORAL CATARINENSE	124
8.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ilustração dos contextos festivos e rituais onde se faziam uso dos vasilhames cerâmicos entre os grupos Tupi do litoral.	74
Figura 2. Seis principais formas de vasilhas cerâmicas arqueológicas associadas às populações Guarani (1. <i>yapepó</i> : panela; 2. <i>ñaetá</i> : caçarola; 3. <i>ñamõpiu</i> : prato para assar; 4. <i>cambuchí</i> : jarra para bebidas; 5. <i>ñaembé</i> : prato para comer; 6. <i>cambuchí caguaba</i> : tigela para beber). ..	75
Figura 3. Localização da Área Piloto da pesquisa.....	77
Figura 4. Coleta de superfície efetuada no sítio SC-ARA-002.	83
Figura 5. Abertura das trincheiras 1 e 2 do sítio SC-ARA-002.....	83
Figura 6. Perfil Oeste da Trincheira 1 do sítio SC-ARA-002.	84
Figura 7. Perfil Leste da Trincheira 2 do sítio SC-ARA-002.....	85
Figura 8. Vista panorâmica do sítio SC-ARA-008 (as setas vermelhas indicam a posição das manchas de solo escurecido).	87
Figura 9. Croqui com a posição das manchas de solo escurecido do sítio SC-ARA-008 e as respectivas áreas escavadas.	88
Figura 10. Evidenciação da Estrutura de Combustão 1 no sítio SC-ARA-008.....	89
Figura 11. Evidenciação da estrutura de Combustão 2 no sítio SC-ARA-008.....	89
Figura 12. Perfil 15 lado oeste da mancha 1 do sítio SC-ARA-008.....	90
Figura 13. Perfil oeste da quadrícula F21 da Mancha 2 do sítio SC-ARA-008.	90
Figura 14. Perfil oeste da Mancha 1 do sítio SC-ARA-008.....	90
Figura 15. Vista vertical da divisão dos setores de escavação do sítio SC-ARA-010.	91
Figura 16. Escavação no sítio SC-ARA-010.....	91
Figura 17. Áreas escavadas no sítio SC-ARA-010.	92
Figura 18. Croqui da mancha de solo escurecido do sítio SC-ARA-010 e as respectivas áreas escavadas.	92
Figura 19. Vista parcial da área do sítio arqueológico SC-ARA-007, coberta por plantio de milho e eucalipto.	94
Figura 20. Vista parcial do sítio SC-ARA-018.....	95
Figura 21. Perfil exposto pelo cruzamento da estrada e detalhe de fragmentos cerâmicos evidenciados.	96
Figura 22. Área parcial do sítio SC-ARA-019.	98
Figura 23. Seta vermelha indicando a posição de vestígio cerâmico e Poço-teste realizado ao fim da escavação da Quadrícula 1 do sítio SC-ARA-019.	98

Figura 24. Medição da espessura da mancha de solo escurecido no Perfil leste da Trincheira 1 e Seta vermelha indicando posição de fragmento cerâmico identificado no nível 5 da Trincheira 1 do Sítio SC-ARA-019.	99
Figura 25. Nível 2 da Trincheira 2 – em primeiro plano é possível visualizar a tênue camada de solo escurecido do sítio SC-ARA-019.	99
Figura 26. Estruturas de combustão 1 e 2, respectivamente. Os círculos vermelhos demonstram as áreas de maior concentração de material carbonizado do sítio SC-ARA-019.	100
Figura 27. Desenho estratigráfico do perfil Leste da Trincheira 1 do sítio SC-ARA-019.	100
Figura 28. Vista da Lagoa dos Esteves a partir do sítio SC-ARA-022.	101
Figura 29. Vista parcial do sítio SC-ARA-016, atualmente sob cultivo de laranja.	102
Figura 30. Área do sítio SC-ARA-028.	103
Figura 31. Área de inserção do sítio SC-ARA-057.	104
Figura 32. Vista parcial da área de inserção dos montículos que constituem o sítio SC-ARA-047.	104
Figura 33. Levantamento topográfico da área do sítio SC-ARA-031 e do seu entorno.	106
Figura 34. Abertura das sondagens 1 e 2 no sítio SC-ARA-031.	107
Figura 35. Sondagens 1 e 2 no sítio SC-ARA-031.	107
Figura 36. Sondagem 3 do sítio SC-ARA-031, onde se nota a presença de material conquiológico e rochoso até 40 cm de profundidade.	108
Figura 37. Exemplo de armadilhas de pesca a partir de mecanismo de tensão e gatilho.	121
Figura 38. Pesca embarcada praticada atualmente no rio Araranguá.	121
Figura 39. Gravura representando práticas de pesca.	122
Figura 40. Base de castiçal em cerâmica.	131
Figura 41. Fragmento cerâmico de base plana do Sítio SC-ARA-017.	132
Figura 42. Fragmento cerâmico de base plana do Sítio SC-ARA-017.	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição do tratamento de superfície externo dos sítios recentemente escavados.	69
Tabela 2. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados <i>in situ</i>	70
Tabela 3. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados <i>in situ</i>	71
Tabela 4. Lista dos sítios arqueológicos associados às populações Guarani identificados na Área Piloto da pesquisa.	78
Tabela 5. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-021.	80
Tabela 6: Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-004.	81
Tabela 7. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.	82
Tabela 8. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.	84
Tabela 9. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-008.	87
Tabela 10 Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-010.	93
Tabela 11. Resultados das datações por C ¹⁴	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quantidade de fragmentos cerâmicos coletados durante o Projeto Interpraias ou analisados <i>in situ</i>	65
Gráfico 2. Quantidade de fragmentos cerâmicos provenientes dos sítios escavados.....	65
Gráfico 3. Distribuição do tratamento superficial externo dos sítios recentemente escavados.	69
Gráfico 4. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados <i>in situ</i>	70
Gráfico 5. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados <i>in situ</i>	71
Gráfico 6. Proporção das espessuras máximas, mínimas e médias, em milímetros.....	72
Gráfico 7. Distribuição das espessuras dos fragmentos, agrupadas em conjuntos de 5 milímetros.....	72
Gráfico 8. Distribuição das formas projetadas segundo os sítios.....	76
Gráfico 9. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-021.....	80
Gráfico 10. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-004.....	81
Gráfico 11. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.....	82
Gráfico 12. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.....	84
Gráfico 13. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-008.....	87
Gráfico 14. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-010.....	93
Gráfico 15. Datações de sítios Guarani no litoral sul catarinense.....	112

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1. Distribuição dos sítios arqueológicos Guarani dentro da área piloto

Apêndice 2. Detalhe Topográfico do Sítio SC-ARA-031

Apêndice 3. Desenhos de bordas e projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-008

Apêndice 4. Desenhos de bordas e projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-010

Apêndice 5. Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-017

Apêndice 6. Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-018

Apêndice 7. Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-022

Apêndice 8. Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-028

Apêndice 9. Fragmentos cerâmicos oriundos de coletas superficiais dos sítios do Projeto Interpraias

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-002

Anexo 2. Conjunto de vasilhames cerâmicos inteiros encontrados ao longo da área da pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere no âmbito de um projeto institucional mais amplo intitulado “Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba (AERUM)”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território da UNESC. As pesquisas desenvolvidas por este grupo têm entre suas problemáticas a compreensão da ocupação humana em uma região delimitada pelo Rio Mampituba (ao sul), Rio Urussanga (ao norte), Oceano Atlântico (ao leste) e Encosta da Serra Geral (ao oeste) (CAMPOS et al., 2013; CAMPOS, 2015).

As pesquisas arqueológicas dentro deste território, intensificadas sobretudo a partir dos últimos anos, têm identificado vestígios materiais de diferentes populações que teriam ocupado os distintos ambientes regionais utilizando diversas estratégias durante um período de pelo menos 4000 anos. São registros relacionados à Tradição Umbu, às populações sambaquieiras, aos Jê Meridionais e aos Guarani (CAMPOS et al., 2013; 2015; SANTOS; PAVEI; CAMPOS, 2016).

Neste contexto, procuramos contribuir para o entendimento do cenário pré-colonial regional a partir do estudo do sistema de assentamento dos sítios arqueológicos associados às populações Guarani, cuja ocupação se estende desde a região do litoral central catarinense até a planície litorânea do Rio Grande do Sul. Com este intuito, delimitamos uma área piloto situada no litoral dos municípios de Araranguá e Balneário Rincão, cujo ambiente é caracterizado por um complexo lagunar paralelo ao Oceano Atlântico, onde se impõem, ainda, o rio Araranguá, o rio dos Porcos e uma planície lagunar delimitada a oeste por um cordão de dunas sedimentadas características do sistema laguna-barreira pleistocênica.

Dentro destas delimitações é contabilizado um montante de 37 sítios arqueológicos atribuídos à ocupação Guarani, dentre outros sítios associados a outros momentos de ocupação. Pesquisas anteriores têm apontado que a ocupação Guarani na região do litoral sul catarinense ocorreu de uma forma intensa e breve, com as datações arqueológicas apontando um horizonte de 300 anos de domínio territorial, que teria se iniciado cerca de 150 anos antes do contato com os europeus e diminuído drasticamente já nas primeiras décadas de contato, com seu esvaziamento demográfico cerca de 150 anos depois (MILHEIRA, 2010).

Neste sentido, o estudo da ocupação Guarani no litoral catarinense acarreta em observar duas idiosincrasias inerentes a esta região em específico. A primeira diz

respeito ao domínio de um espaço distinto ao que estas populações tradicionalmente estariam acostumadas a ocuparem ao longo de sua extensa expansão desde a Amazônia. Com efeito, reconhecidas como populações expansoras de seu território e de seu modo de vida, pesquisas arqueológicas, etno-históricas, etnográficas e históricas, ainda que em muitos aspectos tenham divergências quanto ao ponto de partida e às rotas seguidas, têm demonstrado que a maior parte dos sítios pesquisados está localizada junto aos grandes rios do interior meridional da América do Sul – Paraguai, Paraná e Uruguai – e em áreas florestadas, onde se verificam locais propícios, do ponto de vista ambiental, para a reprodução da economia horticultora tradicionalmente desenvolvida pelos Guarani (NOELLI, 2004; BONOMO et al., 2015).

O litoral meridional, assim, teria sido ocupado recentemente, como uma continuidade da expansão ocorrida pelo interior. Neste sentido, quanto à origem desta ocupação no litoral sul catarinense, pode-se pensar em duas hipóteses principais (conforme MILHEIRA, 2010). Na primeira delas a chegada destas populações ter-se-ia dado a partir do interior do continente, atravessando o planalto e descendo pelo norte do estado. Esta hipótese vai ao encontro do relato de Cabeza de Vaca, em viagem de 1555, quando testemunha a presença constante de aldeias Guarani no trajeto em que faz do litoral catarinense ao interior do Paraguai, ou seja, áreas interioranas que contrastam em termos demográficos com a região litorânea.

Todavia, há que se considerar que as regiões costeiras, mais ao sul, propiciariam um ambiente já longamente conhecido e manejado pelos Guarani, conforme as datações dos sítios do litoral norte do Rio Grande do Sul, que alcançam a margem de aproximadamente 1000 A.P.. Assim, os grupos Guarani poderiam ter vindo de regiões próximas ao rio Guaíba e lagoas próximas, ou mesmo da região de Osório, onde sua presença é identificada arqueologicamente, haja vista a data de 1070 ± 110 A.P. (SI-413) do sítio Bassani 1 (NOELLI; MILHERA; WAGNER, 2014). Além do mais, esse deslocamento poderia ser realizado com mais facilidade devido a este território já se encontrar dominado pelos Guarani na época da “expansão” para a região sul catarinense – portanto este movimento encontraria mais facilidade em relação à eventual partida do interior, já que, para que esta última ocorresse, seria necessário o contato com outros grupos, notadamente populações que têm sido associadas aos Jê do Sul (NOELLI, 1996). Datações recentemente sistematizadas por Bonomo et al. (2015) corroboram esta hipótese, ao apontarem para rotas de expansão rumo ao litoral sul catarinense a partir

dos rios Paraná e Uruguai, atravessando o Rio Grande do Sul pelos rios Ibicuí e Jacuí e direcionando-se ao norte na medida em que atingiam o litoral.

O segundo elemento caracterizador da presença Guarani na região diz respeito à sua inserção dentro do contexto das grandes navegações europeias, redundando na chamada conquista do Novo Mundo. De fato, grande foi o contato entre estas populações e elementos da expansão, principalmente os espanhóis e portugueses. O primeiro momento deste contato, já no início do século XVI, ter-se-ia dado de forma exploratória e comercial com os navegadores espanhóis que tinham esta costa como entreposto em direção ao rio da Prata. Deste momento também são as instalações das primeiras missões religiosas, iniciadas primeiramente pelos franciscanos e em um segundo momento empreendidas pelos jesuítas. Um momento drástico deste processo histórico é caracterizado pelas descidas realizadas pelos bandeirantes vicentistas em busca de mão-de-obra escrava para serem vendidas no sudeste da colônia que se formava.

Portanto, é dentro deste contexto de ocupação intensa e recente que se inserem os sítios arqueológicos por nós estudados. Os dados levantados são oriundos de mais de uma década de pesquisas, que tem início no levantamento arqueológico realizado no âmbito do Projeto Interpraias (LAVINA, 2000), cujos resultados permitiram observar a intensidade da ocupação regional e do potencial de estudo, representados pelo conjunto de sítios identificados. Ao longo dos anos seguintes novos sítios foram sendo incorporados aos já conhecidos, potencializando, desta forma, a composição de um quadro de ocupação regional dentro das particularidades deste ambiente, mas, como demonstraremos, seguindo uma determinada lógica tradicional de domínio do espaço. Com efeito, são estas estratégias de domínio que buscaremos apresentar, propondo-as a partir da articulação das informações acumuladas ao longo dos anos da pesquisa na região. Foi possível, neste sentido, identificar sítios que apontaram para distintas funções dentro do sistema de assentamento, desde aqueles relacionados a moradias permanentes até os associados a acampamentos especializados em determinadas funções específicas, relacionadas a atividades de caça, plantio e pesca. Pretende-se demonstrar, desta forma, que diante deste novo contexto litorâneo, estas populações aplicaram e desenvolveram estratégias que possibilitaram explorar os potenciais do ambiente em suas mais diversas ofertas.

Assim, com nossa pesquisa buscamos, em linhas gerais, a verificação, a partir destes dados arqueológicos, da aplicabilidade de modelos de ocupação territorial

formulados a respeito das populações Guarani. Baseamo-nos principalmente no modelo propostos por Noelli (1993) e Soares (1997), que se complementam em sua substância, para pensar os sítios da área de estudo de uma forma integrada, a partir da perspectiva de uma Arqueologia Regional (ARAUJO, 2001; MILHEIRA, 2008), estudando os sítios de maneira sistêmica, em articulação no espaço e configurando territórios em disputa.

Com este intuito, no primeiro capítulo faz-se um breve histórico da constituição de uma arqueologia Guarani a partir do início do século XX. Neste sentido, mencionam-se as influências das pesquisas de etnólogos pioneiros, como Curt Nimuendaju, Léon Cadogan, Alfred Métraux e Egon Schaden, no âmbito das pesquisas arqueológicas e as formas como suas proposições foram sendo incorporadas à arqueologia Guarani. Após tratar sumariamente da influência da implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA na arqueologia Guarani, aborda a constituição de modelos de ocupação territorial elaborados a partir de fins da década de 1980. Finaliza realizando um levantamento de pesquisas efetuadas nas últimas décadas que tiveram como objetivo central o estudo de sistemas de assentamentos relacionados às populações Guarani.

No segundo capítulo é realizado um histórico das pesquisas arqueológicas efetuadas no litoral sul de Santa Catarina. Procura-se demonstrar desta forma que, apesar do relevante número de sítios associados às populações Guarani já identificados nesta região, poucos ainda são os trabalhos que buscaram analisar esta ocupação.

O capítulo três, por sua vez, trata do aporte teórico utilizado na interpretação dos dados empíricos. Assim, são feitas algumas considerações sobre as pesquisas arqueológicas tratadas em nível regional. Discorre-se, ainda, acerca das noções de sistema de assentamento, arqueologia regional e arqueologia da paisagem, procurando-se demonstrar como estes enfoques podem contribuir no sentido de elucidar os vestígios materiais tratados na pesquisa.

O ambiente regional é descrito de forma sumária no capítulo quatro, onde se procura elencar as principais características do ambiente regional, que posteriormente serão considerados junto aos demais dados como importante elemento para se pensar a diversidade das estratégias utilizadas pelos Guarani na ocupação local.

Os capítulos cinco e seis, respectivamente, tratam da descrição extensiva dos vestígios materiais e dos sítios arqueológicos identificados ao longo da área de pesquisa. No capítulo cinco são descritas as eventuais estruturas (mancha de solo escurecido, marcas de fogueiras, etc.) e os vestígios cerâmicos associados ao conjunto dos sítios, apontando para os parâmetros que contribuem para a interpretação da variedade dos

sítios dentro de um contexto sistêmico de ocupação territorial. Da mesma forma, o conjunto dos sítios arqueológicos é descrito tendo em vista uma incipiente classificação de acordo com suas características e com os resultados apresentados no capítulo anterior. Partindo destes dados, no capítulo final é proposto um modelo de gestão territorial do ambiente local pelos Guarani, que faria parte de um contexto de domínio socioambiental mais amplo, que se estenderia pelo litoral sul catarinense e norte sul-riograndense. Inicia-se, ainda, uma reflexão acerca dos diferentes momentos de contato entre estas populações e os colonizadores europeus oriundos de diversos países (sobretudo Espanha e Portugal), em distintos momentos e ocasionando diferentes relações. A partir de informações dos vestígios arqueológicos, tendo como pano de fundo a literatura etnohistórica, propõe-se que a arqueologia possui um importante potencial informativo que contribui para a elucidação destes momentos de contato em nível local, representados no conjunto material aqui estudado por elementos cerâmicos e por características de composição dos sítios arqueológico que permitem pensar as dinâmicas de contato ocorridas entre as populações Guarani e os missionários católicos, em um primeiro momento, e posteriormente os conflitos entre aqueles e os bandeirantes que desciam os sertões desde o sudeste em busca de mão-de-obra escrava indígena.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 CONSTITUIÇÃO DA ARQUEOLOGIA GUARANI: UM BREVE HISTÓRICO

A temática Guarani é um dos assuntos mais estudados na etnografia indígena e na arqueologia pré-colonial no Brasil, sendo pesquisado em âmbito acadêmico desde o século XIX. Mencionados desde os primeiros contatos com os colonizadores europeus, os grupos falantes da família linguística Tupi-Guarani, da qual faz parte a língua Guarani, são citados ao longo de cinco séculos de contato, nas mais diversas situações e lugares. Desde náufragos do século XVI até naturalistas do século XIX, passando por distintos tipos de cronistas, que tinham ou não como tema principal a observação de algum aspecto de seu modo de vida. Estas populações são citadas nas crônicas que vão formando página por página a figura de uma ampla e complexa nação que teria ocupado um vasto território antes da chegada dos colonizadores.

Já no final da década de 1980, Bartomeu Meliá apontava que:

[...] a bibliografia relativa aos Guarani, no seu estado atual, é simplesmente enorme, pelo menos em termos quantitativos. De todos os povos do tronco Tupi e, mais especificamente, de todos aqueles que fazem parte da família linguística Tupi-Guarani, foram os Guarani os que suscitaram maior número de estudos e referências bibliográficas (MELIÁ, 1987, p. 17).

Este estudioso, em seu extenso apanhado sobre a bibliografia Guarani, propõe uma divisão de acordo com as formas e as motivações que geraram tais informações. Aponta, assim, cinco categorias, que denomina, respectivamente, de Etnologia da conquista, Etnologia missionária, Etnologia dos viajantes, Etnologia antropológica e Etnologia etno-histórica.

As informações oriundas das três primeiras categorias, que abarcam desde os primeiros anos da colonização até o século XIX, não tinham, segundo Meliá (1987), como objetivo central e único, o estudo das sociedades indígenas com as quais tomava contato. Portanto, as informações que se podem tirar destes escritos dizem respeito a dados pontuais e dispersos no meio de demais elementos, requerendo do pesquisador que sobre estas obras se debruchar, que seja realizada uma espécie de garimpo, a fim de retirar informações que proporcionem o entendimento de determinados aspectos da vida Guarani. Exceção é feita para alguns trabalhos pontuais, dos quais os mais destacados são as obras coligidas por Antonio Ruiz de Montoya, os quais tinham como objetivo explícito entender determinados aspectos da cultura e da organização social dos grupos

com os quais tomou contato – com destaque para o seu riquíssimo dicionário intitulado “*Tesoro de la lengua Guaraní*” (1876 [1639]), ferramenta de facilitação no diálogo entre missionários e indígenas, e utilizado como potente fonte de pesquisas na área da arqueologia. Todavia, ressalte-se que este conhecimento não era em si um fim, mas antes uma ferramenta utilizada no esforço de catequização empreendido fortemente pela Companhia de Jesus. Além do mais, a própria compilação destes conhecimentos se dá em um contexto ideológico muito forte, qual seja a catequização indígena, requerendo, portanto, um uso extremamente cuidadoso dessas fontes.

Aos trabalhos realizados exclusivamente com fins antropológicos e acadêmicos, Meliá (1987) se refere como Etnologia antropológica e Etnologia etno-histórica. Surgindo a partir do início do século XX, a etnologia antropológica tem entre seus nomes pioneiros os de Curt Nimuendaju, León Cadogan, Alfred Métraux e Egon Schaden – todos com forte atuação em campo, cujos trabalhos proporcionaram informações que passaram a ser tomadas como referência e parâmetro no estudo dos Guaraní. Já na categoria da etnologia etno-histórica, Meliá insere os trabalhos preocupados com a sistematização das informações oriundas da documentação histórica e os estudos arqueológicos.

Curt Nimuendaju e León Cadogan tiveram importante destaque na produção do conhecimento sobre os Guaraní na primeira metade do século XX. Suas obras são profundamente caracterizadas pela imersão no modo de vida dos grupos com os quais tiveram contato e pela penetração em sua linguagem, revelando-nos o lugar fundamental das palavras dentro de sua cultura.

Meliá (1987) cita Curt Nimuendaju como o primeiro a realizar trabalhos sistemáticos e propriamente acadêmicos no campo da extensa bibliografia sobre a etnologia Guaraní. A profundidade de suas investigações sobre o modo de vida e a religião permitiu a este estudioso observar dados essenciais sobre seu modo de ser, transformando seus escritos em obra fundamental e de referência, sendo amplamente reproduzidos nos estudos posteriores.

A obra de León Cadogan, por sua vez, desenvolvida em meados do século XX, se aprofunda na língua e na religião de diversos grupos Guaraní do Paraguai, produzindo importantes informações sobre o modo de ser e a maneira de estar no mundo destes grupos, que o etnógrafo traduzia a partir de seu refinado estudo das palavras. Sua obra se caracteriza, assim como a de Nimuendaju, pelo nível de aprofundamento a que conseguiu chegar quanto ao modo de vida e aos aspectos

religiosos dos grupos com os quais conviveu. Outro fundamental aspecto de sua atuação diz respeito à sua militância em defesa dos povos tradicionais, denunciando abusos e apresentando propostas (MELIÁ, 1987).

Em 1948 Alfred Métraux elabora uma síntese de grande parte das informações produzidas até então para compor o verbete sobre os Guarani no *Handbook of South American Indians*. Sobre este trabalho Meliá (1987, p. 42) aponta: “A referência bibliográfica de fontes do tempo da conquista e da colônia e de trabalhos modernos recolhe toda a literatura mais significativa que se produzira até então”. Coligindo uma miríade de fontes, discorre sobre diversos aspectos da vida destes grupos, cujas parcialidades locais são consideradas. Apresenta, ainda, uma síntese dos dados arqueológicos produzidos em diversos locais, citando, mesmo que pontualmente, as pesquisas desenvolvidas. Descreve, ainda, elementos materiais da cultura Guarani em seus diversos âmbitos, desde as vestimentas até as moradias, bem como os itens utilizados nas atividades de captação e produção de alimentos.

Milheira (2014a, 2014b) assinala que a principal síntese efetuada até então sobre os grupos Tupi-Guarani e que teve maior influência sobre as pesquisas arqueológicas foi a realizada por Alfred Métraux, através de suas obras “*Les migrations historiques des Tupi-Guarani*” (1927), “*La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*” (1928) e “A Religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guaranis” (1979). Essas obras, somadas ao trabalho publicado no *Handbook of South American Indians* (1948), foram tão importantes que influenciaram as pesquisas arqueológicas de maneira decisiva em três questões principais (conforme MILHEIRA, 2014a):

- 1) Influenciado pelas proposições de Nimuendaju (1987 [1914]), que acompanhou a migração dos Apapocuva Guarani desde o Mato Grosso até o litoral do Rio de Janeiro, este autor sugere que a grande expansão dos Guarani pelo território sul americano seria consequência das constantes migrações pela busca da “terra-sem-males”. Proposição esta que permaneceu por muito tempo no seio das discussões sobre a expansão Guarani, tanto nas pesquisas etnográficas quanto arqueológicas.

- 2) Baseado em dados linguísticos, históricos e arqueológicos, considerava o rio Tietê como uma fronteira entre as populações Tupinambá e Guarani. Novamente, esta seria outra hipótese constantemente discutida nas décadas posteriores, principalmente a partir da década de 1980, primeiro com o trabalho de Brochado (1984), cujos resultados

reforçariam esta proposta, e posteriormente com Scatamacchia (1990), cujas pesquisas deslocariam esta fronteira para o rio Paranapanema.

3) Outra contribuição de fundamental importância que este autor deu às pesquisas sobre os Guarani, e quem tem sido permanentemente refinada desde então, diz respeito à sua proposição de que o território Guarani poderia ser delimitado pela presença de uma cerâmica com características típicas, que poderia ser assim reconhecida:

[...] decorações onduladas produzidas por impressões feitas com o polegar na argila ainda mole; desenhos lineares em vermelho e preto sobre um fundo esbranquiçado; e o uso de jarros cônicos de chicha como urnas funerárias [...] vasos tipicamente Guaranis foram encontrados associados com peças labiais de resina, um enfeite labial ainda usado pelos modernos Cainguaís. [...] as urnas funerárias que eram originalmente jarros de chicha, são de dois tipos principais: 1) um tipo cuja parte superior é decorada com fileiras de impressões onduladas ou marcas produzidas com os dedos ou com uma vareta; e 2) um tipo pintado (MÉTRAUX, 1948, p. 39-40).

Assim, as pesquisas, proposições e hipóteses destes autores, produzidas sobretudo na primeira metade do século XX, contribuíram de maneira fundamental para a elaboração de um robusto corpus teórico e interpretativo acerca do conhecimento sobre as populações Tupi-Guarani. Seu trabalho de campo, dados coligidos e sistematizados, levantamentos documentais e linguísticos, produziram informações que referenciaram grande parte dos trabalhos posteriores sobre o tema.

No entanto, estas informações foram muitas vezes reproduzidas desconsiderando os contextos em que foram coligidas e generalizando elementos localizados para se referir a toda uma suposta nação Tupi-Guarani. Os dados publicados por Nimuendaju, por exemplo, referem-se a momentos e a lugares pontuais, não justificando, desta forma, que se generalizem as informações referentes a estes dados específicos como se representassem os Guarani de todos os tempos e lugares. A própria noção de migração por motivos religiosos ou em busca da “terra-sem-males”, apontada como hipótese em sua obra, foi extensamente reproduzida e desdobrada nas décadas seguintes, parecendo querer-se que esta se aplicasse a um conjunto extensamente amplo e diverso daquele estudado pelo próprio etnólogo alemão no início do século XX. Assim também os estudos de Cadogan, não obstante as leituras que faz das crônicas coloniais, se referem a grupos específicos do Paraguai contemporâneo à época de sua atuação.

Reforça-se que estas produções intelectuais são essenciais para a constituição do conhecimento sobre os Guarani, todavia, salienta-se a importância da crítica ao

transportar os modelos formulados ao registro arqueológico ou buscar utilizar a arqueologia para testar os modelos.

Quanto às pesquisas arqueológicas, Noelli (1993) aponta o ano de 1871 como o inaugural das pesquisas referentes aos Guarani, pois é neste ano que é realizado o trabalho de Burmeister, cuja abordagem se diferencia das menções ocasionais encontradas nos cronistas dos períodos anteriores.

Analisando um conjunto de 360 publicações produzidas ao longo de 120 anos de pesquisa (1872-1992), Noelli (1993) constata a uniformidade de objetivos e métodos empregada na maioria dos estudos deste período. A principal preocupação se referia à ocupação da bacia do Prata, onde predominavam os trabalhos de prospecção e a análise do material cerâmico, buscando-se chegar ao entendimento da ocupação geo-histórica e à elaboração de tipologias.

Neste campo, até a década de 1920, as escavações não tinham uma orientação metodológica explícita, constituindo-se como verdadeiras buscas assistemáticas por objetos em detrimento da contextualização dos sítios arqueológicos. As primeiras abordagens sistemáticas são registradas na Argentina, com um incipiente interesse pelas sequências estratigráficas e culturais (AMEGHINO, 1918) e escavações em malha quadriculada e controle de estratigrafia, gerando croquis horizontais (LOTHROP, 1932). Todavia, estas inovações não tiveram seguidores nas décadas posteriores.

Já no Brasil, a gênese da implantação de técnicas e métodos de campo controlados se daria de forma enfática a partir da década de 1950, contexto no qual são ministrados os primeiros cursos de métodos e técnicas e publicadas as primeiras datações de Carbono 14, tendo na direção destas inovações o casal de pesquisadores franceses Annette Laming e Joseph Empeaire (NOELLI, 1993).

No entanto, é com a instalação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, no ano de 1965, que se dá um impulso em direção à padronização da prática arqueológica no Brasil. A partir de diversos cursos de formação de arqueólogos, constituiu-se um conjunto de profissionais que influenciariam a arqueologia brasileira nos anos posteriores, com a uniformização de métodos e técnicas e com a formação de uma ampla rede de pesquisadores com objetivos comuns atuando em diversos estados do Brasil e em algumas regiões dos países vizinhos. A preocupação com a uniformidade das abordagens se reflete na elaboração de diversos manuais durante os primeiros anos de vigência do Programa, onde os trabalhos de campo eram orientados pelo “Guia para a Prospecção Arqueológica no Brasil” (EVANS; MEGGERS, 1965) e as análises

laboratoriais orientadas pela “Terminologia Arqueológica para a Cerâmica” (CHMYZ, 1966) e pelo manual “Como interpretar a linguagem da cerâmica” (MEGGERS; EVANS, 1970).

A implementação do PRONAPA traz, portanto, uma explícita preocupação em criar uma padronização metodológica e terminológica com o intuito de expandir de forma rápida o conhecimento sobre a dispersão dos sítios arqueológicos no território brasileiro, impulsionando sobremaneira a profissionalização da prática no país (DIAS, 1995; OLIVEIRA, 2002).

Os efeitos da implantação e desenvolvimento do Programa no que diz respeito à arqueologia Guarani refletem-se, sobretudo, no estabelecimento da Tradição Tupiguarani, que, não obstante a procedência das críticas posteriores, permitiu observar a ampla distribuição dos sítios arqueológicos ao longo de um extenso território da América do Sul, bem como a sistematização de uma massa de dados que vinha sendo levantada de forma pontual e assistemática durante as décadas anteriores (NOELLI, 1993).

Os sítios até então relacionados aos povos falantes do Tupi passam por um grande impulso nas pesquisas com os trabalhos realizados no âmbito do PRONAPA. Dentro do objetivo de entender a ocupação pré-colonial do território brasileiro, através do estabelecimento de centros de origem e rotas de difusão, é definida a Tradição Tupiguarani, entendida como:

Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobe branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e pelo uso de tembetás (CHMYZ, 1966, p. 146).

O estabelecimento do sistema de fases e tradições levou à delimitação de diferentes conjuntos tecnológicos distribuídos ao longo do território brasileiro, o que era acompanhado pelo pressuposto da rigidez das fronteiras culturais, que por sua vez poderiam ser diagnosticadas a partir de elementos materiais guias que revelariam a identidade de seus produtores. Assim, grande parte da preocupação das pesquisas arqueológicas da época girou em torno do enquadramento dos sítios encontrados nas tradições e fases já definidas ou na criação de novas denominações para aqueles conjuntos cuja associação com as já existentes não era possível. A dispersão do material arqueológico diagnóstico sobre determinado espaço territorial era entendido, portanto, como caracterizador de fronteiras e expansões culturais.

Concomitante ao PRONAPA se desenvolveu, também nos anos 1960, o Projeto Paranapanema, cuja principal novidade consistia na introdução da escavação em área ampla, seguindo a decapagem por níveis naturais. Se a ênfase nas prospecções e estabelecimentos de áreas de dispersão, levada a cabo pelo PRONAPA, contribuiu para se ter uma noção da área de abrangência geográfica dos registros arqueológicos Guarani, o método implantado por Luciana Palestrini (a partir das técnicas desenvolvidas por Leroi-Gourhan), com ênfase no registro mais pontual intra-sítio, permitiu o levantamento mais detalhado das estruturas internas dos assentamentos. Todavia, Noelli (1993) aponta que, não obstante os avanços metodológicos proporcionados por este método, houve um limitado acréscimo às pesquisas sobre os Guarani, haja vista o número reduzido de escavações assim realizadas.

Na região sudeste do país, nos anos posteriores à implantação do Projeto Paranapanema, duas tradições de pesquisa ganham destaque. De um lado se colocam os trabalhos realizados por Maria Cristina Scatamacchia, onde há uma forte ênfase na análise dos textos etno-históricos como subsídio de análise dos sítios cerâmicos. Seguindo explicitamente as propostas de Brochado (1984), essa região começa a ser pensada como um local de fronteira entre os Tupinambá e os Guarani, deslocando, portanto, o território fronteiriço entre os Guarani e os Tupi concebido por Métraux (1948) do rio Tietê para o rio Paranapanema, a partir do surgimento de novas informações e a análise de novos dados empíricos. A outra vertente de pesquisas é representada pela continuação do Projeto Paranapanema, liderado por José Luiz de Moraes, onde se procura entender a ocupação regional de uma forma sincrônica e sistêmica, com uma expressiva ênfase na aplicação da Arqueologia da Paisagem (OLIVEIRA, 2002).

2.2 PROPOSIÇÃO DE MODELOS DE DOMÍNIO TERRITORIAL EM ARQUEOLOGIA GUARANI

No estado do Rio Grande do Sul, em meados da década de 1980, Schmitz (1985), a partir do estabelecimento de seriações de proximidade cultural, estuda um conjunto de sítios situados na região do Alto Rio Jacuí. Como resultado, propõe interpretações sobre a cronologia e a movimentação das aldeias dentro de um território determinado, que corresponderia a seu “território de domínio” dentro de uma região específica. A relevância deste estudo está no fato de que há um enfoque que não associa

diretamente o número dos sítios a uma suposta densidade demográfica, mas os aborda como resultante de ocupações em distintos momentos por um mesmo grupo.

A partir desta abordagem o autor sugere que cada uma das aldeias, pelo menos no início, se movimentaria dentro de um espaço restrito, separadas de outras por quilômetros de distância. Embora admita que a fauna e a flora ofereciam abundância de recursos, trabalha com a ideia de esgotamento do solo, fator que causava a mobilidade da aldeia dentro deste território. A partir da seriação por proximidade cultural identifica núcleos que podem representar: a) várias aldeias interagindo em um determinado espaço; b) um mesmo território sendo colonizado por somente uma aldeia, que se desmembraria posteriormente, por mais de uma; c) diversas aldeias que se intercalariam. Concebe, pois, o “território de domínio” como a área correspondente ao “funcionamento e sobrevivência” de uma aldeia (SCHMITZ, 1985).

Na década de 1970, Donald Lathrap, adotando as proposições de Aryon Rodrigues para a linguística, buscou estabelecer a dispersão geográfica das línguas do tronco Tupi utilizando o método histórico-comparativo. Esta proposta inicial de Lathrap seria desenvolvida em termos teóricos e empíricos por Brochado em sua tese de doutoramento. Oliveira (2002) destaca este trabalho como um marco que impulsionaria novas perspectivas sobre a arqueologia Guarani. Desvinculando-se de muitos dos pressupostos do PRONAPA, do qual fizera parte, Brochado (1984) aponta como uma agenda explícita de seus estudos a vinculação entre os vestígios arqueológicos e as populações indígenas, defendendo a busca pela interface etnográfica da cultura material. A partir da articulação de informações linguísticas, etno-históricas e arqueológicas, este autor propõe novas leituras acerca das rotas e processos de migração das populações que saíram da Amazônia e ocuparam grande parte da costa Atlântica e da bacia Platina, incluindo o sul do Brasil. Estabelece, ainda, a divisão da tradição Tupiguarani em duas subtradições, o Tupinambá e o Guarani. Segundo a proposta de Brochado (1984, 1989), estas subtradições representariam sociedades com uma origem amazônica comum, mas que teriam se dividido há cerca de dois mil anos atrás; os Tupinambás ocupando o nordeste e o sudeste do Brasil, no sentido oeste-leste e depois norte-sul, com algumas incursões para o interior em pontos localizados, e os Guaranis descendo pelas várzeas dos grandes rios do interior até ocuparem boa parte da região meridional. Estes dois movimentos ocorreriam através do processo denominado de “enxameamento”, pelo qual uma aldeia crescia e se dividia, com um novo grupo ocupando planejadamente novos territórios, mas com a permanência do grupo antigo no território anterior.

Portanto, sob uma ótica distinta daquela que vinha seguindo até então, Brochado (1984; 1989) propõe que a ocupação destes territórios era planejada e resultado do domínio que o grupo tinha do ambiente, sendo que à medida que novas áreas eram ocupadas, as antigas continuavam sendo habitadas, proporcionando uma rede de comunicação que redundou na manutenção de uma matriz cultural estandardizada mesmo diante da extensa área dominada ao longo de dois milênios, caracterizada pela manutenção de padrões sociais e tecnológicos ao longo do tempo e do espaço. Ou seja, ao mesmo tempo em que as populações Guarani iam ocupando sistematicamente novos territórios fora da Amazônia e assimilando as distintas potencialidades ambientais e as populações com as quais se encontrava, determinadas características de sua sociabilidade continuariam direcionando seu modo de vida. Neste sentido, as relações políticas internas e externas, as formas de mapeamento e exploração do ambiente, a formação das aldeias, o modo de confeccionar seus objetos (dos quais a cerâmica é o elemento arqueológico mais evidente), embora eventualmente adaptados às condições ambientais e históricas, seguiam um fio condutor que perdurava através do tempo, caracterizando um grande complexo cultural que mantinha constante comunicação no amplo espaço que ocupava.

Inspirados nestas perspectivas surgem pesquisadores, nas décadas de 1980 e 1990, que buscarão aprofundar as associações entre o material arqueológico e as populações indígenas, utilizando fortemente as fontes etno-históricas dos primeiros séculos da colonização. É neste momento em que começam a aparecer importantes pesquisas que ampliam o escopo das abordagens em torno da arqueologia das populações Guarani (NOELLI, 1993; MONTICELLI, 1995; LANDA, 1995; SOARES, 1997).

Este tipo de abordagem, articulando as fontes materiais arqueológicas com a documentação etno-histórica, já havia sido bastante explorada por Métraux nos anos 1930 e 1940. No entanto, foi bastante desconsiderada pela arqueologia empirista desenvolvida pelo PRONAPA, que se focou na descrição e classificação de vasilhas cerâmicas (para definição de seriação) e localizações de sítios arqueológicos, compondo-se um mapa geral de tempo, espaço e tipos materiais mais frequentes. É interessante notar, portanto, que as abordagens teóricas na temática da Arqueologia Guarani oscilam sistematicamente entre o “cotejar” de diferentes fontes de distintas naturezas, a fim de compor as sínteses e problematizar os conhecimentos tradicionais sobre os Guarani. Talvez seja esse ‘efeito elástico’ que tenha gerado aquilo que Meliá

(1987) chamou de “o Guarani de papel”, em que cada época e sociedade produz o seu Guarani.

Durante a década de 1990 uma nova geração de arqueólogos retomou o tema da Arqueologia Guarani com novos olhares teóricos cotejando fontes materiais e escritas. Esse novo movimento foi extremamente importante no sentido de tecer uma crítica contundente à arqueologia empírica pronapiana, uma vez que a massa de dados gerados pelas pesquisas desse Programa pouco foi refletida à época em que foi constituída. Desta forma, partiu-se de discussões limitadas à composição de um mapa de tempo e espaço com base na descrição de tipos de vasilhas, seriação e localidades de sítios, para aspectos sociológicos da vida e organização social Guarani, como dinâmicas de ocupação territorial, composição de território, modo de vida aldeão, usos e significados da cultura material, arquitetura e formas das aldeias, controle e uso de recursos ambientais, interações sociais com outras culturas não-Guarani, tecnologias (não apenas cerâmica), dieta alimentar e práticas de caça, pesca e coleta.

Neste sentido, o trabalho de Noelli (1993) pode ser citado como um importante avanço desta perspectiva. Partindo da articulação de dados arqueológicos com informações etnográficas, etnológicas e etno-históricas (sobretudo os verbetes do dicionário guarani-castelhano elaborado pelo missionário Antonio Ruiz de Montoya, em 1639, acrescentado por uma extensa série de outras etnografias), buscou estabelecer um modelo ecológico de subsistência e ocupação territorial para o caso Guarani, propondo sua aplicação a uma área de domínio na região do Delta do Rio Jacuí, nas proximidades da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em seu trabalho, o autor pensa o ambiente ocupado pelos Guarani como uma área integrada através de diferentes estratégias de utilização dos diversos estratos ambientais que comporiam seu território de domínio. Aponta, assim, principalmente aspectos econômicos relativos à captação de recursos e ocupação de novos territórios como elementos essenciais para o entendimento das estratégias de ocupação territorial dos distintos espaços (NOELLI, 1993; 1999/2000).

Este autor demonstra o refinado conhecimento que os Guarani tinham do ambiente, manejando e alterando-o segundo suas necessidades e sua tradicionalidade. Assim, ao longo das áreas ocupadas inseriam e transportavam as plantas mais utilizadas em diversas atividades do seu cotidiano, como itens alimentícios, medicinais e materiais. Estes itens comporiam um conjunto botânico que ia sendo implementado na medida em que trocavam experiências com outros grupos ou entravam em contato com

novos ambientes, assimilando intensamente ao seu cotidiano os mais distintos recursos florísticos (NOELLI, 1999/2000).

Este conhecimento e manipulação seriam de tal monta que o mesmo autor chega a apontar que:

Seu sistema de manejo agroflorestal certamente contribuiu para a ampliação da biodiversidade das comunidades vegetais das regiões onde se instalavam, uma vez que em vários pontos do Sul do Brasil há espécies nativas de outras regiões, como a própria Amazônia, Centro-Oeste do Brasil, Chaco, Andes e Pampa (NOELLI, 1999/2000, p. 249).

O manejo das plantas seria, assim, realizado em diversos espaços ao longo da extensão de seu domínio territorial, havendo intensa troca de mudas e sementes entre as aldeias, contribuindo para a disseminação de determinadas espécies. Além das roças abertas em clareiras no meio da mata, cultivavam, ainda, em diversos locais, tendo em vista distintos fatores, como clima, umidade, tipo do solo. Assim, havia o cultivo junto da aldeia, próximo das casas; nas trilhas que ligavam as aldeias e as roças; em clareiras, naturais ou oriundas de derrubadas de árvores; além de ampliarem espécies predominantes em determinados locais, como ervais de mate, palmitais e pinheirais. Este território presenciaria roças e áreas de pousio em distintos estágios (NOELLI, 1999/2000).

Outro trabalho que influenciaria os estudos posteriores sobre a arqueologia Guarani é o de Soares (1997), onde formula um modelo de ocupação do território levando em consideração fatores sociais de aliança entre grupos localizados geograficamente. Neste modelo, a organização social e política classificar-se-ia segundo suas relações internas e a complexidade presente na sua forma de ocupação territorial.

Neste sentido, apresenta quatro níveis organizacionais interligados entre si. De forma concêntrica, a ocupação do espaço e a rede de relações sociais teria sua expressão menor e mais simples na família extensa, reunião de um determinado número de famílias nucleares, ligados por parentesco, no mais das vezes, em uma mesma casa e sob a chefia de um líder, geralmente um dos mais velhos da família. Estas famílias extensas podiam comportar até sessenta famílias nucleares que, por sua vez, eram formadas por quatro ou cinco pessoas em média (SOARES, 1997).

Em seguida viriam as aldeias, formadas pelos conjuntos de famílias extensas assentadas em um espaço restrito, algo similar a um povoado. A aldeia seria o local onde eram empreendidas as relações sociais mais elementares e cotidianas. Neste

cenário aconteciam as atividades coletivas e as festas religiosas, evidenciando de forma mais nítida as relações de reciprocidade e parentesco (SOARES, 1997).

O conjunto destas aldeias englobadas em um território mais amplo, constituindo uma unidade sociopolítica, seria o *teko'á*. É aí que se reproduziriam as relações econômicas, sociais, políticas e simbólicas próprias do modo de ser Guarani. Um *teko'á* poderia comportar desde oito até 120 famílias extensas, distribuídas e interligadas de distintas formas (SOARES, 1997).

E, finalmente, o *guará* seria a categoria espacial que englobaria distintos *teko'á* em um mesmo território contínuo, delimitado por limites geográficos naturais – assim como os *teko'á* –, e por uma consciência de unidade sociocultural da população que o habitava. Seria dentro e a partir destes espaços, então, que se desenvolveriam suas sociabilidades e suas relações políticas (SOARES, 1997).

2.3 APLICAÇÃO DE MODELOS: ABORDAGENS RECENTES

Observando este amplo espectro bibliográfico não é difícil perceber que o extenso escopo de informação vem dos mais distintos tempos e espaços, desde o início da colonização até os dias atuais. Há que se abordá-las, portanto, observando-se certas especificidades, como por exemplo o risco de se tomar informações díspares como se estas fizessem parte de um conjunto homogêneo, formando o que Soares (2012) chama de “Frankenstein Guarani”, ou mesmo de realizar analogias diretas esquecendo-se dos contextos e condições nos quais as informações foram produzidas. Pois, é importante admitir que determinadas fontes são de momentos e lugares específicos, mas que, todavia, têm sido tomadas como referência para se pensar um grande grupo em um imenso período de tempo. Essas fontes seriam, então, de caráter pontual, aleatórias, não necessariamente válidas e ideológicas, exigindo cautela em seu uso (SOARES, 2012).

Os modelos formulados nas décadas de 1980 e 1990 influenciaram fortemente as pesquisas sobre arqueologia Guarani que se produziram desde então. Todavia, como alerta Soares (2012) e Hepp (2012), partem da sistematização de dados históricos e etno-históricos, utilizando informações dos mais distintos lugares, sobretudo dos escritos de Montoya. Logo, faz-se necessário a intensificação da produção de dados empíricos, focando diversas regiões, para que se busque testar tais modelos, o que contribuirá sobremaneira para seu refinamento, reformulação ou mesmo rejeição.

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, procedeu-se a uma revisão das pesquisas relativas à arqueologia Guarani que, nos últimos anos, tiveram como objetivo o estudo da espacialidade territorial a partir do registro arqueológico. Os trabalhos que descrevemos a seguir se referem principalmente à arqueologia Guarani do sul do Brasil, o que pode ser justificado tanto pela maior concentração de sítios identificados nos três estados quanto pelo expressivo número de arqueólogos em atuação. É notável, neste sentido, que as abordagens levadas a cabo nestes trabalhos estejam evidentemente ligadas à “escola” à que os pesquisadores pertencem, onde podemos perceber duas linhas principais de abordagem nas pesquisas.

A primeira destas linhas estaria ligada à preocupação de observar a inserção dos sítios na paisagem, fazendo correlações entre sua localização e como as potencialidades do ambiente poderiam influir na manutenção ou adaptação cultural do grupo, com um forte caráter descritivo e classificatório, não prescindindo, no entanto, de sugestões e interpretações acerca do uso do espaço. Percebe-se nestes trabalhos a aplicação da proposta sugerida por Schmitz (1985), nos quais um determinado conjunto de sítios dentro de uma área específica é pensado como pertencente a um território de domínio, e onde sua variedade representaria diferentes momentos de ocupações.

Klamt (2004) estuda um total de sete sítios localizados próximos à confluência do Arroio Lajeado do Gringo com o rio Jacuí, no município de Ibarama, RS, procurando entender a instalação das aldeias, a forma de obtenção e o uso de recursos de subsistência. Neste sentido, é muito enfática na sua abordagem a relação feita entre a ocupação do vale e as capacidades ambientais. São observados na descrição dos sítios sua inserção na paisagem, sua posição em relação aos demais sítios e os potenciais recursos do entorno (hídrico, faunístico, florístico, solo).

O autor divide os sítios arqueológicos por ele estudados entre “unidades habitacionais” e “área de enterramento”. Abordando os seis sítios que considera unidades habitacionais, faz uma análise individual de cada sítio, observando sua localização, as possibilidades de obtenção de recursos, os vestígios cerâmicos e líticos e as eventuais datações, além de realizar aproximações demográficas. Dentre suas considerações a respeito das unidades habitacionais, o autor aponta que a escolha do local de assentamento é realizada por motivos ambientais, procurando ocupar as várzeas, a poucos metros do rio. Observa também que não há uniformidade entre os sítios quanto à apropriação de matéria-prima, o que pode sugerir diferentes funcionalidades para os mesmos. O autor pensa os sítios como pertencentes a um único

assentamento (que seria composto também por outros sítios do vale), “que se movimentava em um território sob seu domínio” (KLAMT, 2004, p. 252).

Machado (2008) busca caracterizar a ocupação dos portadores da tradição Tupiguarani no Médio Rio das Antas. Trabalhando a partir das denominações e métodos pronapianos, procura observar a inserção dos sítios na paisagem a partir da divisão entre as subtradições Pintada, Corrugada e Escovada. O autor ‘reclama’ da impossibilidade de se obter o mínimo de 100 fragmentos por cerâmica de cada sítio, para a aplicação do método Ford, atribuindo isto “ao estado de conservação do sítio e à própria dinâmica de ocupação da área” (MACHADO, 2008, p. 41), sem, no entanto, problematizar o fato de que a diferença de densidade das cerâmicas poderia indicar uma utilização efêmera do espaço, ou seja, apontar para a função do sítio, ou mesmo ser resultado de processos de desocupação diferenciados.

A partir da variação das dimensões dos sítios e da densidade de materiais sugere que pôde haver variações no tempo de assentamento e na densidade demográfica dos mesmos. Os sítios são observados de acordo com sua inserção no ambiente e com suas dimensões, divididos entre pequenos, médios e grandes. É observado que, de forma geral, vão ficando pequenos em direção à nascente do rio. A cronologia das ocupações (200-300 anos – séculos XVI e XVII) e os deslocamentos dentro da área foram inferidos a partir da decoração da cerâmica. Ou seja, a diferença de decoração é vista em termos de tempos distintos, seguindo a fórmula de seriação proposta por Brochado (1973) ainda no âmbito pronapiano, cuja proposição foi de que as populações Guarani teriam abandonado formas mais complexas de estilos cerâmicos ao longo de sua história, desde a predominância de cerâmicas pintadas (em tempos mais antigos), passando pelas cerâmicas corrugadas (em tempos intermediários), até as cerâmicas escovadas (em tempos mais recentes, influenciados pela colonização europeia).

Observando as diferenças de quantidade e tipos de artefatos, localização e tamanho dos sítios, Machado (2008) sugere que nem todos teriam sido de habitações, sendo os sítios menores correspondentes à realização de tarefas específicas. A distribuição dos sítios também é percebida como áreas ocupadas em distintos momentos (pousios, por exemplo). Todavia, apesar de apresentar algumas conclusões breves, não vai além na interpretação destas diferenciações.

Para analisar a “inserção dos sítios na paisagem”, o autor dividiu-os em sete grupos tendo como critério o agrupamento de determinados conjuntos em áreas específicas. Procedeu, assim, à descrição das áreas em que cada grupo estava inserido e,

posteriormente, à descrição dos sítios, separando-os em isolados, em duplas, em grupo ou escalonados (MACHADO, 2008).

Em uma abordagem similar, Pestana (2007), pautado sobretudo pela técnica da seriação do material cerâmico, estuda os sítios localizados na planície costeira central do Rio Grande do Sul, procurando entender o povoamento pré-colonial da região sob um enfoque histórico-cultural. Assim, o autor aplica o modelo de tradições e fases, onde determina para a região as fases Capivaras, Capororoca e Bacopari, inseridos sob a sub-tradição Corrugada. Neste sentido, a partir destas classificações, é realizada uma distribuição dos sítios ao longo do território ocupado. Partindo desta distribuição, faz inferências preliminares acerca da mobilidade dos grupos e classifica-os como aldeias, sítios isolados ou híbridos, sugerindo hipóteses de assentamento baseadas em ocupações e reocupações ou ocupações concomitantes. É observado, também, a partir da constatação de sítios arqueológicos atribuídos a outros grupos e/ou tradições, as possíveis interações interculturais que ocorriam na área.

A região de estudo é dividida, de acordo com a distribuição dos sítios segundo suas características, em três partes – meridional, central e setentrional –, onde as partes meridional e setentrional seriam caracterizadas pela presença mais constante de sítios “híbridos”, portanto sugerindo uma região de fronteira, e a parte central se caracterizaria como um ambiente propício à ocupação tradicional, resultando na maior densidade de sítios interpretados como aldeias (PESTANA, 2007).

Carbonera (2008), por sua vez, analisa o “Acervo Marilandi Gourlart”, composto por documentações e coleções de material arqueológico provindos de dois projetos de salvamento arqueológicos realizados em 1980 e 1997 na região oeste catarinense, no curso alto da bacia do Rio Uruguai. Neste trabalho a autora procurou sistematizar as informações provenientes de tais projetos com o objetivo de perceber os sítios segundo sua inserção no ambiente, sendo pesquisada, para tanto, uma amostragem de 93 sítios (de um total de 310), que continham informações mais preservadas.

A partir das informações analisadas fez-se uma divisão dos sítios por localização geomorfológica (cume, platô, encosta superior, meia encosta, encosta inferior, segundo terraço, primeiro terraço) e por tamanho de sítio (grande – mais de 1000 objetos cerâmicos –, médio – de 80 a 1000 objetos cerâmicos – e pequeno – de 1 a 80 objetos cerâmicos), cujos resultados posteriormente são cruzados com o intuito de verificar a porcentagem de sítio por feição geomorfológica segundo seu tamanho. Observa-se, ainda, a distribuição de conjuntos de sítios de acordo com as respectivas altitudes, a

distância dos sítios em relação ao rio e nascente mais próximos e a presença de afloramentos rochosos e sua distância média em relação aos sítios. É realizada, ainda, a análise de dois conjuntos, com incipientes apontamentos em relação a possíveis aldeias e a contatos entre as tradições Tupiguarani e Taquara (classificados como sítios “híbridos”, demonstrada pela presença de cerâmica de ambas as tradições em dois sítios de cada conjunto) (CARBONERA, 2008).

Quanto ao tratamento dos vestígios líticos, abordou-se as fontes de matérias-primas dos materiais encontrados, em alguns casos sua distância em relação a determinados sítios, propondo-se, a partir do cruzamento dos dados, a interpretação de alguns sítios como acampamentos temporários e outros como assentamentos mais duradouros – embora nem todos tenham sido definidos dentro desta classificação, e os que foram o foram de uma forma não sistemática. Também foi mencionada a presença de vestígios associados a outras tradições como marcadores de contato cultural (CARBONERA, 2008).

A partir da inserção no ambiente e do contato com outras tradições, esta autora infere algumas possibilidades relativas à ocupação da região, principalmente quanto às escolhas de locais de assentamentos e contatos com outros grupos. Todavia, não se aprofunda na caracterização dos sítios arqueológicos dentro de um território integrado, destacando, inclusive, que

com estes dados havíamos pensado em aplicar o modelo elaborado por Noelli (1993) para áreas de povoamento Tupiguarani, mas como na região estudada ao menos os sítios mais representativos estão fortemente mesclados com elementos de outras culturas, provavelmente as respostas seriam pouco seguras e representativas sem um exame mais minucioso dos sítios e do material. Também faltam datas para podermos separar eventuais períodos na ocupação desse espaço. Falar, então, em tekohá (território), em teii (habitação), em teii ogas (unidades domésticas), em ocupações periféricas às casas e acampamentos unifuncionais, seria algo fictício (CARBONERA, 2008, p. 188).

Em uma perspectiva relativamente distinta estão os trabalhos que procuraram abordar os sítios identificados de uma maneira integrada, entendendo a variedade dos mesmos como resultados de diferentes estruturas que formariam uma rede sistêmica na ocupação do ambiente e inserindo em diferentes graus o elemento social como parte integrante da constituição do território. Embora isto também tenha sido considerado em diferentes graus na abordagem anteriormente descrita, uma diferença fundamental é o esforço explícito de correlação dos dados arqueológicos com aqueles etno-históricos e

etnográficos, partindo em grande medida dos modelos propostos por Brochado (1984; 1989), Noelli (1993; 1999/2000) e Soares (1997).

Neste sentido, Milheira (2008) realiza um estudo de arqueologia regional na região da Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e da Serra do Sudeste, no Rio Grande do Sul, buscando estabelecer uma relação sistêmica entre os sítios inseridos dentro dos diferentes estratos ambientais destas duas regiões. Parte, assim, dos modelos propostos por Noelli (1993) e Soares (1997), verificando as possibilidades de aplicação dos mesmos ao registro arqueológico. Partindo do cruzamento dos dados materiais intra e inter-sítios, das características ambientais da região e das fontes históricas, etnográficas e etno-históricas, propõe um modelo de ocupação Guarani da região em que são observadas as estratégias de ocupação dos diferentes ambientes, onde a variedade dos sítios representaria distintos espaços dentro de um território integrado, como estruturas relacionadas a áreas de roça, pesca, caça e habitação.

Neste estudo o autor propõe a caracterização de um território de domínio que denomina como “*Teko 'á do Arroio Pelotas*”, que abrangeria uma área com raio de cerca de 35 km, o qual estaria dividido em duas porções principais, uma relacionada ao litoral e a outra relacionada à Serra do Sudeste. Estas duas porções estariam integradas dentro de um mesmo sistema, ocupando lugares específicos na dinâmica sociocultural do grupo. O principal indicador da relação destes dois territórios seria representado pelo material lítico identificado na região litorânea, cuja matéria-prima seria proveniente da serra, apontando para a integração entre estes dois ambientes (MILHEIRA, 2008).

Observando os possíveis fatores sociais, econômicos, políticos e simbólicos (como as relações de reciprocidade, o crescimento demográfico, a pressão populacional, a variação na disponibilidade de recursos e a busca da terra-sem-males) que teriam concorrido para a constituição da ocupação deste território, Milheira (2008) sugere que a área da Serra faria parte da ocupação principal e mais antiga, onde o potencial de abastecimento seria maior, ao passo que o litoral faria parte de uma área periférica, ocupada posteriormente, onde a exploração dos recursos lacustres teria um importante papel, tanto na medida em que se pensa na adaptação a estes ambientes quanto na medida em que se imagina as relações de trocas que poderia haver entre estas aldeias do litoral e as do interior.

Por sua vez, Hepp (2012) busca discutir a ocupação da região do Vale do Rio Tibagi, pensando nos modelos vigentes – Noelli (1993) e Soares (1997), expostos acima

– e no estabelecimento de particularidades regionais, verificando a compatibilidade destas propostas com o registro material presente na área de estudo. O autor salienta que

boa parte das referências das quais eles [os modelos] foram concebidos provém da região do Guairá, que se limita à área de estudo e inclusive em algumas referências cita os contextos do rio Tibagi. A probabilidade é de que as informações etno-históricas se cruzem com os dados arqueológicos e, na medida das possibilidades interpretativas, sejam mais adequados para pensar nos processos de ocupação e nos sistemas de assentamento. Testar, de fato, as duas perspectivas é laborioso e extenso para o que dispõe-se nessa pesquisa, porém é possível ter um vislumbre do que pode vir a ser considerado uma comparação de dados arqueológicos e dados etno-históricos para a construção de uma possibilidade interpretativa para o rio Tibagi (HEPP, 2012, p. 58).

Assim, analisa cinco sítios arqueológicos escavados em “diferentes compartimentos topográficos”, observando-se sua inserção no ambiente, suas dimensões e os vestígios materiais que os compunham; importante ressaltar que as dimensões dos sítios não se limitaram às manchas escuras, que inclusive eram ausentes em dois deles. O autor associa demografia e permanência à presença de dois conjuntos de vasilhames específicos, quais sejam os utilizados para cozinhar e os utilizados para armazenar líquidos e alimentos, que apontam, respectivamente, para a produção de alimentos em quantidade e variedade, e para a elaboração de recipientes de grandes dimensões e de formato complexo (HEPP, 2012).

A partir da articulação das análises da cultura material e da distribuição dos sítios, Hepp (2012) aponta que os dados materiais sugerem que estes fizeram parte de assentamentos de pequeno porte e com poucos habitantes. Isto é interpretado de duas formas alternativas: fariam parte de um território periférico de aldeias maiores ou seria o resultado de estratégias frente ao elemento colonizador, que consigo trazia epidemias e apresamentos. O contato com os jesuítas e com outros grupos indígenas também é colocado em questão.

Na região do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Dias (2003) estudou sítios Guarani que se distribuem ao longo de uma área de 120 km². De acordo com o agrupamento dos sítios, propõe a composição de quatro conjuntos específicos, que comporiam o território de domínio de dois *Teko'á*. Partindo da análise da composição espacial destes conjuntos, sugere que o centro de um destes territórios estaria representado por um conjunto de 25 sítios distribuídos em vários agrupamentos sugestivamente localizados na confluência do arroio Sertão com o rio dos Sinos, na confluência do arroio Caraá com o rio dos Sinos e próximo à confluência do arroio

Grande com os arroios Pinheiros e Bom Retiro. Estes três ambientes representariam, portanto, momentos distintos da ocupação de uma mesma aldeia, que se deslocaria dentro de um território específico movida por diversos motivos, tais como necessidades de manutenção de estruturas, mortes ou doenças e/ou acidentes (como incêndios, por exemplo). Associados a esta aldeia central estariam dois outros núcleos periféricos, representados, respectivamente, por dois sítios inseridos próximo à nascente do rio dos Sinos e por outros dois sítios localizados no vale do arroio Campestre.

A aproximadamente 7 km de distância dos três conjuntos anteriores, em área de topografia acidentada e altitude mais elevada, junto ao curso do arroio Rolantinho, foi localizado um único sítio. Esta informação, associada aos relatos da população de que na região existiriam outros sítios arqueológicos similares, leva Dias (2003) a sugerir esta como uma área de domínio territorial distinta da anterior.

Quanto à cronologia desta ocupação, as datações disponíveis para os vales dos rios Jacuí, Vacacaí, Pardo e Caí apontam para uma profundidade temporal de pelo menos 2000 anos. Estas datas são mais antigas na bacia hidrográfica do Alto Jacuí, ficando mais recente à medida que se vai entrando as outras bacias hidrográficas, corroborando para esta região a proposta de Brochado (1984) de que as ocupações se davam em um primeiro momento nos grandes vales, para depois, com a pressão populacional, ocupar os vales menores.

Centrando seu foco na ocupação Guarani do litoral norte do Rio Grande do Sul, Wagner (2014) realiza um levantamento das características ambientais regionais, buscando observar a inserção dos sítios arqueológicos neste ambiente, apontando para elementos tais como captação de recursos e prestígios das aldeias a partir de sua posição dentro do território estudado. A partir da articulação destas observações, o autor analisa os conjuntos dos sítios identificados sob a ótica de ocupações sistemáticas do ambiente regional. Neste sentido, aponta as preferências da ocupação sobre as elevações pleistocênicas, onde as características dos sítios denotariam aldeias de maiores prestígios.

Sugere, assim, que os conjuntos de sítios podem ser interpretados como diferentes *teko'á*, caracterizando distintas ocupações em diversos ambientes, ou como uma só ocupação representando um extenso *teko'á* do litoral norte do Rio Grande do Sul. A variedade destes sítios é interpretada como evidências de distintas aldeias de diferentes tamanhos e graus de prestígios dentro do território de domínio do grupo, sendo que alguns sítios representariam o deslocamento de uma mesma aldeia dentro de

um território restrito. Determinados sítios representariam, contudo, unidades específicas dentro do ambiente de domínio, utilizadas em atividades relacionadas às incursões de caça e pesca ou mesmo acampamentos de roça. Todavia, não deixa de ser levantada a questão de que estes sítios de dimensões menores poderiam representar habitações reduzidas associadas ao período da chegada do colonizador europeu na região, provocando a desintegração do modo de vida tradicional destas populações (WAGNER, 2014).

Por fim, Dias e Silva (2014) apresentam os resultados de um levantamento sistemático dos sítios associados às populações Guarani na região Metropolitana de Porto Alegre, no âmbito do “Plano Operacional para a Identificação e Delimitação de Terras Indígenas nas Regiões Sul do Lago Guaíba e Norte da Laguna dos Patos, RS”. Os sítios identificados, acrescentados aos que vêm sendo detectados desde a década de 1970 (DIAS; SILVA, 2014), demonstram a intensa ocupação efetuada por estas populações naquele ambiente. Estes autores observam, de acordo com a implantação dos sítios estudados, que estes grupos ocuparam preferencialmente as planícies aluviais, sobretudo nas proximidades das praias do Lago Guaíba. Sobre esta preferência anotam que:

Além da importância do deslocamento por canoas que interligaria facilmente diferentes áreas do território do Lago Guaíba, esta escolha das praias em detrimento das encostas para a localização das aldeias também pode ser pensada em função da ampla disponibilidade de recursos aquáticos. Neste caso, pode-se considerar tanto a abundância de peixes em todo o sistema lagunar, quanto a exploração da fauna típica dos banhados característicos das planícies aluviais, incluindo também uma maior disponibilidade sazonal de certas espécies de aves e peixes, com destaque para a tainha e a corvina (DIAS; SILVA, 2014, p. 108).

Os autores destacam, assim, o expressivo papel desempenhado pelo sistema hidrodinâmico local na sua ocupação e no desenvolvimento social que ali se desenrolaria. Abordam, ainda, a configuração atual da ocupação do espaço pelos *Mbyá* que atualmente vivem na região. Desta forma, fazem uma relação direta entre a ocupação colonial e a atual, refletidas em sua territorialidade e mobilidade.

3 ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL SUL CATARINENSE

As primeiras pesquisas arqueológicas no litoral sul catarinense¹ de que se têm notícia iniciam-se a partir da década de 1920. No início e durante as décadas seguintes estas pesquisas tiveram como principal objeto os sambaquis situados ao longo da planície costeira, com forte ênfase nos municípios de Laguna e Imbituba. É a partir da década de 1960, no entanto, no âmbito das expedições realizadas pelo arqueólogo pioneiro João Alfredo Rohr, que começa a haver uma variedade quanto ao foco da pesquisa, inserindo também em seus registros sítios cerâmicos de Florianópolis, Laguna e Jaguaruna. Durante as duas décadas seguintes este autor continuaria realizando expedições de localização e registro de sítios associados às populações pré-coloniais que habitaram o território catarinense. Seus trabalhos de campo foram de fundamental importância na confecção de mapas e localização de sítios, que contribuíram sobremaneira para pesquisadores posteriores (ROHR, 1969; 1973; 1976; 1984).

No início da década de 1970 Eble e Schmitz (1972) estudaram um sítio cerâmico em uma região de dunas litorâneas, localizado a aproximadamente 800 metros do mar, no município de Laguna. A análise dos vestígios cerâmicos e líticos identificados neste sítio levaram estes pesquisadores a interpretá-lo como um acampamento temporário inserido dentro de um contexto de movimentos migratórios entre as regiões sul e norte do litoral catarinense.

No município de Imbituba, no ano de 1999, uma equipe do Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense – IPAT/UNESC, realizou intervenções em 25 estruturas associadas aos Guarani identificados na área de implantação da Zona de Processamento de Exportação (ZPE). Estas estruturas, impactadas em diferentes graus, foram caracterizadas pela presença de manchas de solo escurecido, com aparecimento associado de carvão vegetal, artefatos cerâmicos e líticos fragmentados ou inteiros e restos faunísticos. Destas, três foram escavadas de forma sistemática, sendo que o restante recebeu intervenções pontuais, com aberturas de trincheiras com dimensões de 2 m x 4m, objetivando obter amostras sistemáticas do material coletado (LAVINA, 1999).

¹ A Região Sul Catarinense é aqui entendida como a porção geográfica do estado de Santa Catarina limitada pelo município de Garopaba ao norte, a divisa com o Rio Grande do Sul ao sul, a encosta da Serra Geral a oeste e o Oceano Atlântico a leste.

Foram identificadas, ainda, sete estruturas funerárias. Destas, algumas estavam associadas às manchas escuras – sendo que uma se localizava em seu interior – ao passo que outras se encontravam em locais externos a estes, variavelmente dispostas no terreno. Quanto ao seu conteúdo, foram identificados restos humanos preservados em três delas: um sepultamento adulto primário, um sepultamento adulto secundário e um sepultamento infantil primário. Os acompanhamentos variaram desde vasilhames menores até lâminas de machado, tembetás e contas de colar. Chama a atenção, ainda, a presença de um vasilhame associado à tradição Itararé no interior de um sepultamento e fragmentos deste mesmo tipo de cerâmica associados a outro sepultamento (LAVINA, 1999).

A quantidade e a variedade de estruturas e vestígios materiais identificados neste trabalho apontam este como um grande assentamento Guarani (LAVINA, 1999), todavia, estes dados merecem ser retomados e novas investigações feitas a fim de se refinar o entendimento sobre a ocupação deste sítio.

No ano de 2000, também a equipe do IPAT/UNESC realizou um levantamento arqueológico ao longo do traçado projetado para a implantação da Rodovia Interpraia, entre as localidades de Morro dos Conventos, em Araranguá, e Lagoa dos Esteves, então município de Içara (atual município de Balneário Rincão). Neste levantamento foram identificados e cadastrados 20 sítios arqueológicos associados aos Guarani que teriam habitado a região da Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá (LAVINA, 2000).

Para entender a implantação dos sítios e a ocupação do espaço, realizou-se a análise das potencialidades apresentadas pelo ambiente do entorno. Para isso, foram estabelecidas duas escalas de análise: uma, de âmbito maior, procurou entender a implantação regional, realizando um levantamento dos recursos disponíveis ao longo de 10 km de raio de cada sítio arqueológico; já em escala menor, procurou-se, em um raio de 5 km, observar os fatores que teriam condicionado a escolha específica dos locais onde os sítios foram identificados (LAVINA, 2000).

Os sítios estudados neste projeto caracterizaram um conjunto distribuído espacialmente numa área de 4500 metros, estando em sua maioria uns próximos dos outros e associados ao rio Araranguá e às lagoas da Região (Faxinal, Esteves e Mãe Luzia, principalmente). Destes, três foram escavados, sendo os dados daí oriundos articulados com as informações provenientes de um detalhado levantamento das potencialidades ambientais do entorno – com a descrição da fauna, da flora, do solo e da geomorfologia – apontando para a presença de um extenso potencial de recursos que

poderiam ter sido utilizados pelos grupos pré-coloniais que ocuparam esta região. A partir do cruzamento das informações, junto com um levantamento etno-histórico acerca do modo de vida Guarani, é sugerido esta como uma área explorada em sucessivas ocupações, representadas pelos sítios arqueológicos distribuídos ao longo do ambiente (LAVINA, 2000).

O Projeto da Rodovia Interpraia (LAVINA, 2000), para além de suas características relacionadas ao âmbito da arqueologia preventiva, constitui-se como importante referência no que diz respeito à potencialidade de conhecimento da história pré-colonial na região, pois se caracteriza como um estudo pioneiro na medida em que demonstra o alto número de sítios presentes na área, denotando a intensidade de sua ocupação, bem como propõe uma frutífera articulação entre as potencialidades do ambiente local para a implantação de um sistema de assentamento Guarani tradicional.

A partir destes dados iniciais, Lino (2007; 2009) propõe um modelo de mobilidade e área de domínio territorial na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá. Neste trabalho o autor procura observar a relação dos aspectos culturais Guarani com as potencialidades ambientais da região no processo de ocupação do território. Busca, neste sentido, verificar a aplicação do modelo ecológico proposto por Noelli (1993), correlacionando-o com os elementos faunísticos, florísticos e geológicos presentes neste ambiente, propondo que se pense a região litorânea da bacia do Rio Araranguá como componente de um *teko'á* específico. Todavia, o próprio autor salienta que em seu trabalho não foram feitas distinções entre sítios que representariam aldeias e sítios que representariam estruturas com outras funções (como acampamentos), assinalando, neste sentido, a importância da intensificação das pesquisas objetivando refinar o entendimento desta ocupação.

Recentemente, Milheira (2010) se propôs a discutir a ocupação Guarani no litoral do município de Jaguaruna. Partindo da cronologia obtida nas datações, observa que o processo de ocupação Guarani se deu de forma “súbita e massiva”, em um período compreendido entre 1360-1470 AD e 1449-1614 AD, portanto um espaço de tempo relativamente breve. Aponta, assim, que este processo de expansão rápido ter-se-ia dado devido a um possível “vazio demográfico” encontrado pelos Guarani na época em que a arqueologia registra seus primeiros vestígios materiais na região. Já que, segundo a literatura e a cronologia arqueológica, neste momento as populações associadas aos sambaquis já haviam desaparecido e os Jê do planalto não se estabeleceram permanentemente no litoral, apesar de realizarem incursões esporádicas

(MILHEIRA, 2010; MILHEIRA; DEBLASIS, 2013). Propõe, então, que este vazio demográfico teria sido o cenário que possibilitou a ocupação massiva no limiar da colonização europeia, gerando a alta densidade de sítios atribuídos à população Guarani identificados no litoral sul catarinense, visto o curto espaço de tempo entre as datações mais antigas e as mais recentes. Desta forma, sugere uma ocupação projetada, que teria ocorrido de forma rápida e intensa a partir de algum ponto já densamente ocupado (MILHEIRA, 2010).

Outra característica deste trabalho é que inseriu a ocupação Guarani na região dentro de um processo histórico de conflito com os bandeirantes paulistas, que provocou o seu etnocídio e genocídio. Isto pode ser observado no registro arqueológico a partir da expressiva quantidade de carvão presente em alguns sítios, remetendo à queima das casas decorrentes dos conflitos ou mesmo do processo de abandono, e da alta densidade de material arqueológico identificado (tralha doméstica), sugerindo uma desocupação rápida dos assentamentos (MILHEIRA, 2010; MILHEIRA; DEBLASIS, 2013).

4 SISTEMAS DE ASSENTAMENTO, ARQUEOLOGIA REGIONAL E ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM: APORTES TEÓRICOS PARA A INTERPRETAÇÃO DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Datam do início do século XX as primeiras pesquisas arqueológicas tratadas a partir de dimensões regionais, com mapeamentos de sítios e artefatos tomados como maneiras de se responder questões específicas, como migrações ou relações entre tipos de solos e tipos de assentamentos. Já nas primeiras décadas do século XX Crawford (1912, 1922) utilizava fotografias aéreas como forma de analisar os sítios a partir de uma ampla perspectiva geográfica. Nos Estados Unidos, desde a década de 1940, há a prática de levantamento em amplas áreas, como é o exemplo do levantamento realizado no baixo vale do Mississippi, onde Phillips, Ford e Griffin (1951) buscavam definir relações entre os vestígios materiais de populações antigas e o ambiente estudado (ARAUJO, 2001).

Gordon Willey, realizando o levantamento arqueológico do Vale do Rio Viru, no Peru, propõe de forma pioneira o conceito de “Padrões de Assentamento” como “a maneira como o homem se dispõe sobre a paisagem onde vive” (WILLEY, 1953, p. 1), que balizaria as pesquisas em âmbito regional nas décadas posteriores (ARAUJO, 2001). Embora esta pesquisa tenha sido inspirada e até mesmo impulsionada por Julian Steward, as resoluções de Willey marcariam um expressivo distanciamento da abordagem ecológica daquele pesquisador. Assim, mais do que evidências entre a interação entre humanos e ambiente natural, os padrões de assentamento ofereceriam evidências para o estudo da organização social, econômica e política das populações antigas (TRIGGER, 2004).

Neste sentido,

Ele não negava que fatores ecológicos desempenham um papel significativo na configuração dos padrões de assentamento, mas observava que muitos outros fatores, de natureza cultural e social, também se refletem no registro arqueológico, e não estava disposto a considerá-los simples reflexos dos padrões gerais de adaptação ecológica. Ao contrário, ele tratava os padrões de assentamento como uma fonte de informação sobre muitos aspectos do comportamento humano (TRIGGER, 2004, p. 277).

Willey buscou, portanto, correlacionar os processos culturais e os padrões regionais de assentamento, demonstrando que o estabelecimento das populações em determinado meio é realizado de forma ordenada, sistemática, e não de modo aleatório.

Assim, as diferenças no registro arqueológico foram entendidas como produtos de interações internas e sistemáticas, sendo que os sítios não deveriam ser tomados de forma individual, mas sim como componentes de um sistema maior, onde as unidades teriam papéis específicos e complementares dentro de um todo (DIAS, 2003).

Posteriormente, na medida em que ia sendo operacionalizado, o conceito de Padrão de Assentamento passou por revisões críticas que resultaram na elaboração da noção de Sistema de Assentamento. Assim, Padrão de Assentamento passa a caracterizar a disposição de um determinado conjunto de sítios no ambiente, observando sua relação geográfica e fisiográfica. Por outro lado, o Sistema de Assentamento representaria a intencionalidade que agiria na ocupação destes espaços, orientada por elementos culturais próprios de uma dada comunidade (DIAS, 2003; MORALES, 2007).

Dentro deste âmbito de pesquisas regionais, surgem a partir da década de 1970 discussões que buscam problematizar a noção de “sítio arqueológico”, entendido como uma marca específica e restrita na paisagem. Trabalhos começam a aparecer tratando de forma enfática também os espaços entre os sítios ou mesmo extrapolando a ideia do sítio arqueológico como unidade de análise e considerando apenas a distribuição dos artefatos em determinadas áreas (ARAUJO, 2001).

Com efeito, tendo em vista a variedade dos vestígios identificados ao longo da área piloto desta pesquisa, que vão desde sítios com exumações de mais de dez mil vestígios, manchas de solo escurecido de espessuras e tamanhos variados, variabilidade material, até outros sítios caracterizados pela presença de esparsos fragmentos cerâmicos ou até mesmo fragmentos isolados, entendemos que é importante refletir sobre a concepção do que é um sítio arqueológico, tendo em vista que no mais das vezes esta é considerada uma unidade analítica e pedagógica (BICHO, 2011) utilizada pelo arqueólogo em sua investigação. Definições são diversas, que vão desde a presença de um artefato até a concepção de toda uma paisagem como passível de ser considerada um documento arqueológico por si. Bicho (2011) aponta que estas concepções podem variar de acordo com a região, a cronologia ou mesmo os objetivos do estudo. Um vestígio isolado, por exemplo, pode não ser tratado como um sítio arqueológico quando se está pensando em uma lógica de escavação, já quando o objetivo é formar um mapa de localização este seria um ponto a mais no espaço que contribuiria para o entendimento da distribuição dos vestígios e da ocupação humana em determinada região.

Dentro destas discussões é proposta a noção do “não-sítio”, que também representaria a presença de atividade humana. Bicho (2011, p. 96) faz referência à conceituação de Plog et al. (1983, p. 613 apud BICHO, 2011, p. 96), onde é definido

“não-sítio” como uma zona que potencialmente se pode interpretar como de atividade humana, mas cuja cultura material não o consegue definir espacialmente. Este conceito opõe-se ao de “sítio” descrito como um local que potencialmente pode ser interpretado como resultante de atividade humana e cuja cultura material o define espacialmente.

Ainda estes mesmos autores (PLOG et al. 1983 apud BICHO, 2011) propõem a definição de um sítio arqueológico a partir da quantidade de material identificado – no caso cinco artefatos por metro quadrado. Um ponto que destacamos, no entanto, e que é de fundamental importância no escopo desta pesquisa, é que a variedade na densidade do material pode nos dar subsídios para interpretar determinado local dentro dos espaços de domínio territorial da região pesquisada, estando a densidade material ligada à forma como determinado lugar foi utilizado (ocupado e/ou abandonado) dentro de um contexto sociocultural e econômico sistêmico – considerando, ainda, os eventuais impactos pós-deposicionais pelos quais os sítios passaram, como, por exemplo, atividades agropecuária, urbanização, jazidas de areia ou argila etc..

Portanto, na definição dos sítios não estabelecemos hierarquias a partir da densidade de seus conjuntos materiais, mas procuramos os abordar de forma contextualizada e inter-relacionada a fim de extrair informações acerca do seu contexto social. Neste intuito, torna-se indispensável considerar não apenas os sítios marcados por presença de estrutura ou considerável densidade de material arqueológico. Vestígios e fragmentos, dispersos em determinada paisagem, constituindo agrupamentos menores ou até mesmo isolados, têm o potencial de representar atividades humanas específicas e distintas daquelas exercidas nos locais tradicionalmente considerados como assentamentos.

Nesta esteira, Morais (2011, p. 18) propõe também o uso da categoria de “local de interesse arqueológico”, que, além de sua definição original dada por Plog e Hill (1971) – achados arqueológicos isolados – também compreende

outros componentes físicos da paisagem: uma cascalheira de litologia diversificada, um dique de arenito silicificado, um pavimento detrítico (matérias-primas de boa fratura conchoidal), um barreiro (um barro bom para a cerâmica), um compartimento topográfico adequado a determinado tipo de assentamento, etc..

Quanto à espacialidade da ocupação na paisagem, Scheinsohn (2001, p. 286) salienta o que denomina de “continuidade espacial da conduta humana”. Ou seja, em sua reflexão, os recursos, e conseqüentemente as pessoas, transitam de pontos em pontos dentro de determinado ambiente, indo desde a área de coleta até a área de processamento ou consumo (moradias). Os sítios arqueológicos como entendidos tradicionalmente, portanto, seriam os locais onde estes elementos e atividades se agrupam, representando apenas parte da conduta humana, esta que se desenvolve ao longo de todo o ambiente, e cujo comportamento deveria ser investigado tendo em vista a forma holística e inter-relacional que se dá entre as pessoas e seu meio e entre elas mesmas.

É neste sentido que buscamos ir além da noção de sítio arqueológico como unidade individual de análise, para pensá-lo de uma forma integrada com o ambiente e com os outros sítios que compõem o território no qual o mesmo está inserido. Assim, apesar da unidade ser de extrema importância no sentido em que torna prática a intervenção do arqueólogo com o objetivo de analisar específicos aspectos dos vestígios materiais, tais como objetos e estruturas, estes são pensados como um ponto dentro de uma rede mais ampla, que, em conjunto com as informações ambientais, permitem pensar as estratégias e dinâmicas de ocupação do território por determinado grupo social.

Os estudos sobre a espacialidade da conduta humana e seus reflexos nos registros materiais encontram novas reflexões a partir da década de 1980, com a gênese da Arqueologia da Paisagem. Sob este novo enfoque, busca-se um novo fôlego para se pensar as formas como se dão a interação das sociedades com o ambiente. Desta maneira, os vestígios arqueológicos observados são tomados como oriundos de uma paisagem socialmente construída e ordenada, a partir de diferentes aspectos, que envolveriam questões de ordem econômica, social, cultural, simbólica, ideológica e cognitiva.

Inspirado nas ideias foucaultianas que relacionam a emergência de uma nova ordem social moderna a um reordenamento do espaço, do corpo e da arquitetura, Criado Boado (1991) propõe três implicações principais para se pensar o ordenamento do espaço no âmbito do conhecimento arqueológico. Aponta, assim, uma estreita relação entre o espaço, o pensamento e a sociedade, onde a construção do espaço é parte da constituição de uma sociedade e de sua organização socioeconômica, implicando em admitir os aspectos históricos e políticos do mesmo. Assim, o espaço não seria uma

realidade física prévia, dada e externa ao corpo social, mas sua constituição teria íntima relação com os aspectos socioculturais e simbólicos da população que o ocupa.

Todavia, ressalta o autor que diante desta concepção, é necessário que se reconheça que nosso sistema epistêmico, via de regra, concebe o espaço de uma forma distinta daquelas populações cujos vestígios materiais estudamos. Com o intuito de apresentar um ponto de partida para a resolução desta questão, Criado Boado (1991) lembra que a concepção histórica da natureza no pensamento Ocidental, a partir da modernidade, é a de um elemento externo que precisa ser dominada, racionalizada e organizada com vistas à dela se retirar resultados sociais e economicamente satisfatórios. Com efeito, este tratamento caracterizou a formação do pensamento moderno acerca do ambiente, gerando a dicotomia entre a concepção do natural e do social, onde o primeiro estaria relacionado à desordem e ao primitivo, ao passo que o segundo se referiria a um mundo ordenado pelo engenho humano. Três formas de ver o ambiente podem ser elencadas neste contexto: uma concepção funcionalista, segundo a qual os fatores econômicos e sociais produziram o ordenamento geométrico e espacial; uma concepção empírica, tomando o espaço como passível de medição, quantificação e objetivação; e uma noção moderna (ou positivista) que conceberia a generalização das observações, gerando leis e padrões universais sobre o espaço.

No entanto, a ocupação do espaço está intrinsecamente ligada à forma como determinada sociedade o percebe, dizendo respeito, portanto, à sua formação cognitiva e cultural, levando ao entendimento de que, para se estudar o espaço ocupado por determinado grupo, estas variáveis precisam ser consideradas, cuja ausência acarreta em uma mera sobreposição de nossa visão sobre a das populações estudadas. É importante considerar, portanto, que a história da humanidade não é caracterizada por uma reduzida gama de comportamentos em relação ao ambiente. Isto está demonstrado, por exemplo, ao admitirmos que nem todas as sociedades, mesmo que se reproduzindo por longo tempo e ocupando um amplo território, se pautaram pelo monumentalismo e pela redução das forças da natureza ao seu mínimo – como se percebe nitidamente ao longo da história do pensamento Ocidental –, como é o caso nítido das populações Guarani.

Considerar o contexto em que os assentamentos ou até mesmo artefatos são identificados torna-se fundamental, portanto, na medida em que a correlação com o ambiente e com outros assentamentos contribui para a interpretação de determinada região do ponto de vista das estratégias de ocupação humana utilizadas por determinado grupo. A observação da composição dos assentamentos, suas características, sua

inserção no ambiente e em relação a outros assentamentos permite, desta forma, inserir as unidades em um contexto social mais amplo, proporcionando as observações das distintas atividades humanas desenvolvidas dentro de determinado contexto regional.

Neste intuito, para além da escavação, o trabalho de investigação de campo pode ser constituído pelo estudo da paisagem ou por investigações da superfície do sítio, que, ancorado em objetivos explícitos, proporcionam o levantamento robusto de dados empíricos que permitirão a interpretação da ocupação humana em determinado território (RENFREW; BAHN, 2011, p. 73). Salienta-se, ainda, que o material de superfície nos permite ir além da identificação do sítio arqueológico, possibilitando o estabelecimento de correlações e hipóteses do lugar ocupado por determinado lugar dentro de uma estrutura social mais ampla. As técnicas de intervenção, como sondagens e escavações, nesta perspectiva, seriam aplicadas com objetivos estritamente delineados, visando responder questões específicas que contribuem para a robustez de um determinado modelo.

É neste sentido que outra abordagem da Arqueologia da Paisagem é importante para o estudo da arqueologia em nível regional. Como aponta Morais (2011), a Arqueologia da Paisagem tem dentre seus pressupostos a intersecção de várias disciplinas e técnicas, que articuladas de forma integrada possibilitarão o exercício da interpretação arqueológica. Nesta perspectiva, “entender a Geografia e o Meio Ambiente de determinada área é, assim, um importante aspecto da pesquisa arqueológica. Permite, outrossim, que um olhar isolado no passado possa ser inserido em um contexto amplo e melhor compreensível” (MORAIS, 2011, p. 31).

Em um contexto onde os vestígios de atividades humanas no passado tendem a desaparecer, ‘sobrevivendo’ somente aqueles oriundos de materiais mais resistentes ou específicos, como artefatos de pedra e cerâmica e estruturas (manchas de solo escurecido, inclusive), uma abordagem interdisciplinar que objetive caracterizar o ambiente a partir da articulação com os conhecimentos da Geografia, da Geomorfologia e da Geologia – o que Morais (2011) denomina de *Fator Geo* – torna-se fundamental para ampliar as possibilidades de entendimento das dinâmicas desenvolvidas pelas sociedades em determinado momento e espaço. Neste sentido, a recomposição da paisagem se destaca como uma importante contribuição na medida em que torna possível vislumbrar o meio em que determinadas comunidades viveram, colocando-se como um importante fator na busca pela reconstituição do seu “passado cultural” (MORAIS, 2011).

Renfrew e Bahn (2011, p. 178) destacam ainda a importância de se perguntar e delinear a escala e o tipo de sociedade que podem estar representados pelos sítios arqueológicos estudados, o que os autores chamam de “entidade política”. Trata-se de questionar, assim, em que medida os sítios distribuídos em determinado espaço estão relacionados entre si e, admitindo-se que são provenientes de uma unidade social, diferenciam-se e são independentes de outros conjuntos. Seria este exercício que possibilitaria caracterizar, por exemplo, tanto cidades-estados como pequenos grupos de caçadores-coletores. Em busca destas respostas podem-se lançar mão de fontes que auxiliem na interpretação da forma de assentamento de determinados grupos, como documentos escritos (históricos, etno-históricos, etnográficos, etnoarqueológicos), que colaboram no processo de pensar as formas de organização territorial. O caso Guarani pode ser considerado privilegiado, no sentido em que são conhecidas importantes informações etno-históricas e etnográficas acerca da forma de sua organização social, que, a partir de uma sofisticada e extensiva articulação de fontes históricas produzidas desde os primeiros contatos entre as populações indígenas e os colonizadores europeus, resultaram na proposição de modelos de ocupação territorial (NOELLI, 1993; SOARES, 1997). Acreditamos, portanto, que estes modelos podem ser um horizonte para se pensar os diferentes contextos arqueológicos, sendo que sua aplicação à realidade arqueológica de distintas regiões, como vêm sendo feito nos últimos anos (DIAS, 2003; LINO, 2007; MILHEIRA, 2008, 2010; HEPP, 2012; DIAS; SILVA, 2014; WAGNER, 2014), contribui no sentido de confirmá-los, refutá-los ou refiná-los.

5 O AMBIENTE DA PESQUISA

A formação do ambiente físico regional está inserida dentro da evolução geomorfológica da Bacia Sedimentar do Paraná. A formação da fachada atlântica do litoral sul catarinense remonta à fragmentação do supercontinente Gondwana e à abertura do Atlântico Sul, constituindo-se num cenário geomorfológico de formação pós-cretácea. Esta dinâmica gerou “o soerguimento da margem atlântica com formação das serras do Mar, do Tabuleiro/Itajaí e Geral, as quais são constituídas por granitos e gnaisses diversos de idade Pré-Cambriana a Eo-Paleozóica e por rochas sedimentares e vulcânicas de idade Paleozóica a Mesozóica, respectivamente” (CAMPOS, 2015, p. 12).

A área de pesquisa, especificamente, é caracterizada pelas seguintes unidades geomorfológicas: Serra Geral, Patamares da Serra Geral, Depressão da Zona Carbonífera Catarinense, Planícies Colúvio-Aluvionares e Planícies Litorâneas. A seguir, descreve-se de forma sumária as mesmas, implantadas desde as bordas do planalto catarinense até o Oceano Atlântico (conforme síntese de CAMPOS, 2015):

- **Unidade Geomorfológica Serra Geral:** É caracterizada pelas escarpas da borda do planalto, que se impõem ao oeste da região pesquisada. É constituído pelos terminais escarpados dos Campos Gerais, com a presença de desníveis acentuados que chegam a atingir 1000 metros. Estão presentes, também, vales fluviais que chegam até 500 metros de aprofundamentos, formando os conhecidos “Canyons” regionais.
- **Unidade Geomorfológica Patamares da Serra Geral:** É caracterizada pelo recuo da escarpa da borda do planalto. “A bacia do rio Araranguá apresenta, localmente, um recuo mais pronunciado da escarpa da Serra Geral, descrevendo o desenho de um amplo arco ao longo dos limites abruptos do planalto neste trecho” (CAMPOS, 2015, p. 13). Assim, formou-se uma extensa baixada litorânea, com espigões que se projetam das escarpas em direção à costa atlântica. Nesta mesma planície, mais próximos às encostas da serra, estão presente, também, morros isolados e patamares testemunhos que avançam sobre a Planície Litorânea.

- **Unidade Geomorfológica Depressão da Zona Carbonífera Catarinense:** Caracterizada por uma baixada litorânea e pelo afloramento de rochas sedimentares. Constitui-se por duas feições de relevo bem delimitadas. Em sua parte norte, é constituída por vales encaixados, ambiente colinoso e vertentes íngremes, enquanto que em sua parte sul são predominantes os vales abertos. Sua altimetria varia entre 500 e 600 metros.
- **Unidade Geomorfológica Planície Colúvio-Aluvionares:** Posicionada entre a Planície Litorânea e o Planalto das Araucárias, constitui uma transição entre deposições de influências continentais e marinhas.
- **Planícies Litorâneas:** Unidade na qual estão inseridos os sítios da pesquisa. “Apresentam-se largas e com o litoral retificado, onde existem extensas praias e aparecem, com frequência, as acumulações dunares e as formações lacustres” (CAMPOS, 2015, p. 14). Sua formação é marcada pelos eventos transgressivos-regressivos do Quaternário Superior. O período regressivo mais recente foi responsável pela formação dos terraços marinhos holocênicos e do complexo lagunar.

A área de estudo está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, fazendo parte da vertente do Atlântico e sendo limitada ao norte pela Bacia Hidrográfica do Rio Urussanga e ao sul pela Bacia Hidrográfica do Rio Mampituba. O Rio Araranguá tem como seus formadores os rios Itoupava e Mãe Luzia. O Rio dos Porcos, tributário do Rio Araranguá, corta a área estudada no sentido norte-sul, estando posicionado paralelamente à linha da costa Atlântica, constituindo-se como importante fonte de recursos hídricos dentro deste ambiente. Outra característica marcante da região é o seu complexo lagunar, formado pelas lagoas do Rincão, Urussanga Velha, Faxinal, Esteves, Mãe Luzia, da Serra e dos Bichos.

Esta área encontra-se em um contexto ocupado desde os primeiros momentos da chegada dos europeus que formariam as cidades da região. Caracteriza-se, portanto, pelo desenvolvimento de atividades agrícolas durante um amplo período e, mais recentemente, sendo intensamente visada pelas empresas de mineração de areia e pela especulação imobiliária. Por isto, atualmente encontra-se consideravelmente alterada do

ponto de vista ambiental. No entanto, os fragmentos da vegetação original ainda hoje preservados são ilustrativos no que diz respeito ao ambiente que os Guarani encontraram quando de sua chegada e assentamento. Considerando que quando estas populações chegaram à região do litoral sul catarinense, há cerca de 600 anos A.P., este ambiente já teria a formação que encontramos hoje nos espaços preservados (VAL, 2015), admite-se que a vegetação que predominava era caracterizada pela Floresta Ombrófila Densa (Mata Atlântica) e pelo Complexo de Restinga.

A Floresta Ombrófila Densa cobria originalmente uma porção de 29.282 km² (cerca de 31%) da superfície leste do estado de Santa Catarina. Inserida no Bioma Mata Atlântica, esta formação constitui-se como um prolongamento da faixa florestal presente na costa brasileira desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul (KLEIN, 1978), sendo “considerada como a região fitoecológica mais complexa estruturalmente e de maior diversidade florística do Sul do Brasil”, caracterizando-se por florestas sempre verdes, ambiente úmido e frequente precipitação (LINGNER et al., 2013, p. 160).

A Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas estaria se fixando na região costeira sul catarinense em um período em torno de 2500 anos A.P., a partir de uma expansão desde a encosta da serra há cerca de 8000 anos A.P. (VAL, 2015).

Sobre suas características, Sevegnani, Vibrans e Gasper (2013, p. 325) apontam que:

Esta vegetação era exuberante, alcançando 35 metros de altura, composta por árvores com amplas e densas copas que se uniam com outras formando o dossel. Os seus ramos e troncos eram recobertos por denso epifitismo e grande número de plantas trepadeiras, entremeando-se numerosas arvoretas, arbustos e ervas, com solo coberto por densa serapilheira. Toda essa diversidade imprimia um aspecto tropical à floresta situada ao Sul do trópico, condicionada por um clima quente e úmido em grande parte do ano.

Já o ecossistema de restinga, associado ao ambiente da costa, tem sua formação intimamente ligada às características do solo e do clima, recebendo também influência marinha em sua composição. Sua cobertura vegetal pode ser caracterizada como de herbáceas – subarbustivas, arbustivas ou arbóreas –, podendo haver misturas entre as mesmas ou mesmo ausência de vegetação (KLEIN, 1978; SEVEGNANI; VIBRANS; GASPER, 2013).

São característicos dos ambientes de restinga, ainda, a presença de cordões dunares, cuja constante movimentação proporciona uma lenta modificação na paisagem,

influenciando em diferentes graus na identificação e preservação dos sítios arqueológicos (SILVEIRA; SERPA, 2015).

Podemos dizer que os ambientes da Mata Atlântica e do Complexo de Restinga abrigavam uma expressiva quantidade faunística, com a identificação das mais variadas espécies de mamíferos, anfíbios, répteis, aves e peixes (marinhos e de água doce), e florística, com a identificação de espécies frutíferas e não frutíferas² (LAVINA, 2000; LINO, 2007; RICKEN et al., 2013). Muitas destas espécies, portanto, teriam sido utilizadas pelos Guarani, desde sua dieta e usos medicinais até a confecção de artefatos e construções de moradias (LAVINA, 2000; LINO, 2007; PEREIRA, 2014).

² Relação das espécies animais e vegetais levantadas para a região em Lavina (2000).

6 O REGISTRO MATERIAL

6.1 VESTÍGIOS DE ESTRUTURAS

A dinâmica que envolve o cotidiano de grupos humanos em variados tempos e espaços é composta por uma gama inumerável de elementos que permeiam campos sociais, culturais, econômicos, políticos, simbólicos e cognitivos os mais diversos. E todas estas inúmeras fâcies da vida, em diferentes graus, encontram correspondência em determinadas formas materiais, que vão desde resquícios relacionados a objetos do cotidiano até estruturas construídas com a intenção de permanência.

Noelli (1993) aponta que nos sítios arqueológicos associados às populações Guarani podem ser identificados quatro tipos principais de estruturas, quais sejam, estruturas de habitação, estruturas de combustão, estruturas anexas e estruturas funerárias. Com efeito, diante do complexo de sítios focados pela presente pesquisa, estes elementos podem ser verificados em distintas quantidades e graus de preservação.

As manchas de solo escurecido são geralmente interpretadas como fundos de habitação. Muitas vezes encontradas aglomeradas, podem apontar para a constituição de uma aldeia com várias habitações contemporâneas entre si ou para uma sucessão de habitações ao longo do tempo. A superposição destas manchas, de outra parte, apontaria para a sucessão das ocupações em alguns locais, revelando a preferência destes lugares dentro do ambiente disponível por determinados grupos, que utilizariam seu território de uma forma cíclica (NOELLI, 1993).

Noelli (1993, p. 81), apoiado em informações etnográficas, propõe que estas manchas de solo escurecido “podem ser caracterizadas como um contexto arqueológico bem definido no caso Guarani, podendo ser divididos em dois tipos distintos de: a) estrutura de habitação; b) estruturas anexas com diversos fins, como processar alimentos (ralar, pilar, descascar, moquear, assar, cozinhar, etc., que também poderiam ocorrer nas de habitação), depositar, manufatura de objetos, lazer, etc.”.

As aldeias poderiam ser compostas por uma ou mais casas, sendo que o elemento caracterizador destas habitações era sua ocupação pelas famílias extensas, que englobavam um conjunto de famílias nucleares sob uma mesma liderança familiar, ligados por laços de parentesco ou reciprocidade. Ou seja, nela moravam tanto pais/mães e filhos/filhas, quanto genros/noras, cunhados/cunhadas, netos/netas etc.. Consoante Noelli (1993), a forma das habitações mais descritas pelos cronistas refere-se

às casas alongadas, no entanto não há descrições detalhadas, nos primeiros contatos, dos formatos das aldeias.

Atribue-se o fenômeno de escurecimento do solo ao processo de decomposição dos elementos orgânicos que compunham as construções – como madeiras, cipós, fibras, folhas – após seu abandono e posterior desabamento. No entanto, é importante considerar que o formato destas manchas não remete diretamente à planta baixa das habitações, pois estes registros resultam da interferência de diversos fatores, como o colapso das estruturas e as perturbações pós-deposicionais, ocasionadas tanto por elementos antrópicos – como atividades agrícolas, por exemplo – quanto por elementos naturais, como raízes e animais cavocadores. Neste sentido, em um primeiro momento os registros em formatos distintos aos alongados das habitações observadas nos relatos dos cronistas ou na bibliografia etnográfica seriam explicados por estes fatores (NOELLI, 1993).

Outro tipo de estrutura se refere a locais com distintas funções, complementares aos locais de habitação, utilizados na produção de diversos objetos, no processamento e cocção de alimentos, como depósitos, como locais de acampamentos próximos às áreas de atividades de cultivo, caça, coleta e pesca, ou mesmo para atividades de lazer (NOELLI, 1993). Os vestígios arqueológicos oriundos destes locais seriam mais tênues, com uma presença muito reduzida de vestígios arqueológicos e geralmente com ausência de manchas no solo ou com manchas menos espessas e de coloração mais fraca.

Estes registros, muitas vezes desconsiderados ou considerados de menor interesse, trazem informações fundamentais para se pensar os variados espaços que compunham a aldeia Guarani, ao indicar os distintos locais dentro de seu território de domínio (MILHEIRA, 2010). Neste sentido, são considerados aqui como importantes testemunhos das atividades exercidas pelo grupo dentro do seu contexto econômico e social.

Já as estruturas de combustão são representadas pelas marcas deixadas pelos diferentes tipos de fogueiras ou fogões utilizados no âmbito da vida social das populações pré-coloniais. Soares (2004) propõe a distinção destas estruturas entre fogueiras, fogos e fogões, com funções sendo diferenciadas a partir de suas dimensões e da presença ou ausência de vestígios materiais. Assim, a fogueira teria maior extensão, sendo utilizada tanto para atividades de cocção quanto para áreas de lascamento. Os fogões, por sua vez, estariam associados à função de cozinhar, apresentando fragmentos

de cerâmica em seu interior, em densidade proporcional às vasilhas utilizadas no cozimento dos alimentos. Finalmente, os fogos teriam a função específica de aquecer, estando distribuídos sobretudo no interior das estruturas de habitação, encontrados no registro arqueológico em menores dimensões e caracterizados pela ausência de vestígios cerâmicos ou líticos.

Estas estruturas poderiam, assim, ser identificadas tanto dentro das estruturas (de habitação ou anexas) representadas pelas manchas de solo escurecido, quanto fora destas, em variadas distâncias. Arqueologicamente são compostas, em sua maioria, por lentes no solo com formato circular ou elipsoidal, de espessura variada, composta por carvões de diferentes dimensões, terra queimada, fragmentos de cerâmica e lítico, resquícios faunísticos e florísticos, ossos humanos etc., sendo a presença ou ausência destes elementos fatores diagnósticos para a interpretação acerca de sua utilização. Podem ou não apresentar blocos de rocha ou de argilas, que teriam sido utilizados para equilibrar o vasilhame no momento do cozimento; aquelas estruturas de combustão caracterizadas pela ausência destes blocos poderiam se tratar de vestígios oriundos de estruturas de moquém, largamente utilizados e documentados na literatura etno-histórica e etnográfica (NOELLI, 1993).

Por fim, a estrutura funerária é entendida como um conjunto composto por restos humanos, por vezes associados à conjuntos artefatuais, depositados diretamente sobre o solo ou, como é muito característico no caso Guarani, em urnas funerárias. Estes enterramentos poderiam acontecer dentro ou fora de unidades de habitação. A ampla maioria dos sepultamentos identificados arqueologicamente é caracterizada, contudo, por enterramentos em urnas (NOELLI, 1993). Estas urnas funerárias são caracterizadas por vasilhames cerâmicos originalmente confeccionados para serem utilizadas em outras funções, e que, após sua “vida útil”, tem como função secundária servir como suporte de sepultamento para um determinado indivíduo. Geralmente estes registros são encontrados de forma fortuita por pessoas que revolvem a terra, seja em trabalhos agrícolas ou em construções. São destas estruturas funerárias grande parte dos vasilhames inteiros conhecidos, pois, por terem sido enterrados, têm se conservado de melhor maneira do que aqueles que continuaram seu uso doméstico até serem descartados, transformando-se em resíduos.

Assim, a consideração da presença e ausência destes variados elementos materiais no contexto dos registros arqueológicos, somados aos demais fatores, torna-se

essencial para a interpretação do sítio arqueológico em seu contexto e da função do mesmo dentro de uma rede sistêmica de gestão territorial.

6.2 VESTÍGIOS CERÂMICOS

6.2.1 A pesquisa em cerâmica arqueológica no Brasil: um breve sobrevoo histórico

Consoante Alves (1991), pesquisas arqueológicas especificamente voltadas a populações ceramistas no Brasil desenvolveram-se a partir da identificação de sítios arqueológicos na região amazônica. A partir da virada do século XIX para o XX museus nacionais e internacionais organizaram expedições objetivando localizar e escavar novos sítios, onde se dava prioridade ao recolhimento das peças com maior valor estético e mais completas, que seriam estudadas e formariam as futuras coleções museais. Durante as primeiras décadas do século XX seguem-se outras coletas, tanto na Amazônia quanto em outras regiões do país, por pesquisadores nacionais ou estrangeiros. A partir da década de 1920 ganham repercussão pesquisas em coleções cerâmicas da região norte do país, como as tangas de Marajó e as coleções de cerâmicas de Marajó, Tapajós e Santarém. Estes estudos buscavam dar conta de aspectos tipológicos, centrando-se nas análises de formas e elementos decorativos. Comparando a cerâmica da região norte com as de outras partes do Brasil, elaboram-se sínteses que hipotetizam a predominância de uma indústria cerâmica mais evoluída e com maior refinamento artístico presente na bacia amazônica em oposição a uma cerâmica de qualidade inferior nas outras áreas, produzidas essencialmente para fins utilitários, com reduzida qualidade técnica.

Contudo, o conhecimento da cerâmica arqueológica no Brasil até a década de 1950 se baseava, em grande medida, nas informações históricas de cronistas, viajantes e naturalistas pioneiros nas entradas nos sertões, nos resultados das primeiras expedições com objetivos arqueológicos e no estudo das coleções cerâmicas e das poucas escavações já realizadas (ALVES, 1991).

Quanto às primeiras classificações das coleções, são orientadas não por parâmetros específicos, mas por seu tipo e pelos lugares e pessoas que as estudavam. Assim se agrupam os primeiros tipos de cerâmicas: Cerâmica de Maracá, Cerâmica de Santarém, Cerâmica de Maracanguera, Cerâmica do Cunani, Cerâmica de Marajó e Cerâmica Tupi-Guarani. Note-se que, por ser esta uma classificação anterior à

implantação do PRONAPA e conseqüentemente suas categorizações, há entre os grupos cerâmicos um tipo característico do litoral e do sul do país, “caracterizada por uma diversidade de formas e decoração, linhas pontilhadas, corrugado, incisões e pintura vermelha além de tintas escuras ou preta sobre engobe” (ALVES, 1991, p. 17). Denominada como Tupi-Guarani (grafada com hífen), este tipo cerâmico era associado às descrições realizadas por cronistas coloniais, como Hans Staden, Jean De Lery, Claude D’Abeville e Gabriel Soares de Sousa, sobre grupos falantes do Tupi (isto é, Tupinambá) e do Guarani (ALVES, 1991).

No que diz respeito à nomenclatura, antes do PRONAPA, há indicações da utilização do termo Tupi-Guarani designando certo tipo cerâmico próprio da costa e do sul do Brasil. Eram feitas correlações e associações com os grupos indígenas a partir da densa quantidade de informações geradas por cronistas, viajantes, naturalistas, missionários, que desde a época colonial registraram, intencionalmente ou não, aspectos culturais e materiais destas populações. No caso da cerâmica, Alves (1991) destaca a importância das informações deixadas por Staden, de Lery e D’Abeville, que teriam descrito, respectivamente, o processo de manufatura, a diversidade de formas e sua utilização e o tratamento de superfície. Ehrenreich, por sua vez, teria fornecido as primeiras informações arqueológicas.

Estudando o que chama de “tribos Tupi-Guarani”, Métraux também se detém sobre as características da cerâmica, apresentando contribuições no que diz respeito à sua confecção. Anota, assim, que sua produção seria caracterizada pela técnica da confecção por acordelamento, com sua superfície apresentando características de três tipos: “1) as simplesmente polidas e sem ornamentação; 2) as decoradas pela unguação; e 3) as pintadas com tintas vermelhas e pretas sobre um fundo branco cujos desenhos eram muito simples com motivos semelhantes às composições geométricas” (ALVES, 1991, p. 44).

Para Métraux, segundo Alves (1991), esta técnica de produção ceramista teria vindo do sul do continente e se difundido entre os Guarani e até, possivelmente, entre os Tupinambá. As “tribos Tupi-Guarani”, então, confeccionariam os vasilhames gerando diversas técnicas de tratamento de superfície e em diferentes formatos, que se espalhariam, a partir de determinado período, não só pelas regiões costeira e meridional, mas também junto à bacia do Paraná.

Com a criação de órgãos de ensino e pesquisa nas décadas de 1940 e 1950 e sob as orientações das equipes francesas e americanas que atuavam no país, novas questões

teóricas e metodológicas surgem no âmbito das pesquisas arqueológicas. Com efeito, no campo da análise cerâmica, uma importante mudança metodológica é observada no critério de classificação, onde a ênfase na tipologia é deslocada para a tecnologia, que consideraria, de forma relacional, a preparação da pasta, o antiplástico, as técnicas de manufatura, a dureza, a textura, a queima e, inclusive, a forma. Alguns aspectos, todavia, são privilegiados: o tratamento de superfície, o tempero (antiplástico) e as técnicas decorativas (MEGGERS; EVANS, 1970; CHMYZ, 1976; ALVES, 1991).

Durante este período, boa parte dos estudos sobre a cerâmica voltar-se-ia para o estabelecimento de sua origem e se sua técnica teria sido um produto autóctone ou resultado de migrações e/ou comércio. Neste sentido é elaborada uma proposta metodológica de análise do material cerâmico que iria pautar grande parte das pesquisas posteriores. Aplicado pioneiramente na Amazônia por Meggers e Evans em fins da década de 1940, este método procurava, a partir da análise do tratamento de superfície, dos motivos e técnicas decorativas, das formas e dos antiplásticos, delimitar tradições culturais, estabelecer cronologias, apontar para formas de contatos ou influências entre distintos grupos e elaborar uma eventual sequência de seus estágios evolutivos e culturais (ALVES, 1991).

Devido o sucesso de sua aplicação, este método orientaria um considerável número de pesquisadores posteriores. Sua standardização se daria, com efeito, a partir da implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, que teria Meggers e Evans como seus coordenadores. Buscando formar uma tradição de pesquisa que possibilitasse o intercâmbio entre os arqueólogos das várias regiões do país, e mesmo de outros países da América Latina, sistematizando e uniformizando o quadro conceitual e metodológico das pesquisas, o PRONAPA promoveu, por meio da realização de seminários e da publicação de manuais, uma padronização de métodos que teve como ponto fulcral a técnica de seriação cerâmica, sendo o grande propulsor, no Brasil, do método de análise quantitativa de cerâmica elaborado por James Ford e publicado em 1962 (ALVES, 1991).

Partindo do seu ‘fóssil-guia’, a princípio o PRONAPA tencionava estabelecer os sentidos de dispersão e a abrangência da tecnologia ceramista Tupiguarani a partir da abordagem da seriação. Coadunada com as perspectivas evolucionistas que caracterizaram a orientação teórica de Meggers e Evans (NOELLI; FERREIRA, 2007), defendia-se que a variação da qualidade técnica aplicada à confecção dos vasilhames teria regredido tecnicamente com o passar do tempo e com as movimentações

geográficas, o que era testemunhado por um início sofisticado representado pela cerâmica pintada, alterando-se para o corrugado à medida que se afastava de seu ponto de origem e, no limiar do contato com os colonizadores europeus, passando a se caracterizar pela técnica do escovado (CEREZER, 2011).

Dentro destes pressupostos, os trabalhos de campo do PRONAPA eram orientados pela coleta de materiais que possibilitassem o estabelecimento de seriações e cronologias relativas (MEGGERS; EVANS, 1970). Assim, a ênfase foi dada na realização de cortes estratigráficos e coletas de superfície que gerassem um número determinado (no mínimo 100) de fragmentos cerâmicos para a aplicação da técnica de seriação. Na cerâmica, portanto, buscar-se-iam elementos que indicassem tradições culturais localizadas no tempo e no espaço e suas eventuais rotas de difusão e pontos de origem.

Em laboratório, a cerâmica seria classificada de acordo com seu tipo, que, segundo a definição de Ford (1962, p. 27), seria

el producto de una combinación de modos de manufactura y de decoración utilizado durante un lapso de tiempo más o menos corto por pueblos habitantes de una región geográfica relativamente pequeña. Por esta razón, el tipo puede ser definido y reconocido por el empleo de un número limitado de materiales desgrasantes, métodos de reconstrucción, acabado de la superficie, cocimiento, formas y decoración. Como no existen límites naturales en cuanto a tiempo y espacio, estos deben ser fijados por la persona que clasifica durante el proceso de definición del tipo.

Já a Terminologia Arqueológica para a Cerâmica Brasileira (CHMYZ, 1976, p. 114) conceituava tipo como um “grupo de características comuns que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes. Para cerâmica usa-se somente com aqueles que têm descrição formal”. Por sua vez, Meggers e Evans (1970, p. 8), dispõem:

Um tipo cerâmico, definido em termos evolucionistas, seria uma paráfrase da definição evolucionista de Simpson³: “um tipo cerâmico é uma tradição (uma sequência temporal de vasilhames) evoluindo separadamente de outras, e com seu próprio papel evolutivo unitário e suas próprias tendências”.

³ Meggers e Evans procuram fazer uma correlação entre a classificação da cerâmica arqueológica que propõem aos arqueológicos e o método de classificação elaborado pelos zoólogos. Neste sentido, em suas proposições, utilizam-se da obra *Principles of Animal Taxonomy*, publicada por Simpson em 1961, como um exemplo que poderia ser transportado para a arqueologia, observando, obviamente, certas adaptações epistêmicas.

Estes tipos, classificados a partir da correlação de atributos tais como antiplástico, coloração do núcleo, acabamento e tratamento de superfície, técnicas decorativas e variações dos motivos, bem como classes de vasilhames, formas de bordas e espessuras de paredes dos vasilhames, permitiriam o estabelecimento de séries e cronologias regionais, através da observação de seu desenvolvimento (isto é, aparecimento, crescimento até um ponto máximo e declínio), indicando, desta forma, mudanças através do tempo (MEGGERS; EVANS, 1970).

A partir das sequências seriadas eram definidas as fases, conceituadas como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (CHMYZ, 1976, p. 131). Embora entendidas como tipos específicos relacionados no tempo e no espaço, mesmo admitindo-se que poderiam estar associadas a “um grupo social interagente”, o estabelecimento de fases se consolidou como uma ferramenta conceitual que agrupou complexos arqueológicos, não admitindo conotações diretamente étnicas (BROCHADO, 1969 apud ALVES, 1991).

Designando uma unidade mais ampla temporal e espacialmente, e reconhecida pela unidade das fases que a comporiam, a Tradição Arqueológica foi definida como um “grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal” (CHMYZ, 1976, p. 145). As tradições poderiam ser divididas, por sua vez, em subtradições. No caso da cerâmica Tupiguarani, por exemplo, distinguida como “uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica Policrômica (vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás” (CHMYZ, 1976, p. 146), foram estabelecidas as subtradições Pintada, Corrugada e Escovada, definidas pela frequência de determinados tipos e, ao mesmo tempo, sendo indicadora de temporalidade.

No entanto, as fases e tradições (ou subtradições), que inicialmente deveriam identificar um conjunto de elementos tecnológicos que permanecessem no tempo, por vezes acabaram substituindo os grupos humanos, gerando narrativas que suprimiam as populações humanas e suas atividades, descrevendo as dinâmicas sociais sendo protagonizadas pelos próprios vestígios cerâmicos, suas fases e tradições, como expansões, deslocamentos, contatos (CEREZER, 2011).

A partir da década de 1980 o estudo da cerâmica passa novamente por modificações. Os trabalhos realizados por Brochado e colaboradores em conjuntos de vasilhames inteiros resultaram em publicações que influenciariam os pesquisadores do

tema nas décadas posteriores. Com efeito, estes trabalhos propuseram e refinaram as categorizações dos conjuntos inteiros e os métodos de projeções e classificações dos fragmentos cerâmicos. Desta forma, a composição da unidade da vasilha não representava o objetivo final, mas o esforço por inseri-la dentro de um complexo social, buscando chegar às dinâmicas da vida cotidiana Guarani. Desde então, algumas novas proposições e atualizações têm sido feitas (cf., por exemplo, NEUMANN, 2008), o que não invalida estas categorizações, mas, pelo contrário, proporciona seu aprimoramento.

6.2.2 Parâmetros de análise da cerâmica arqueológica

Os vestígios cerâmicos têm se caracterizado, ao longo do desenvolvimento da arqueologia sobre as populações Guarani, como o elemento diagnóstico dos sítios arqueológicos a elas associados. São estes vestígios, eventualmente associados às manchas de solo escurecido, que têm sido considerados no tocante à atribuição da identidade cultural dos registros arqueológicos identificados nos territórios onde se admite a presença pré-colonial destas populações, corroborados sobretudo por aportes da linguística e da etno-história.

Por suas características duradouras e por serem confeccionadas em quantidade considerável, permitindo se chegar a elementos da vida social e cotidiana Guarani, a cerâmica acabou se transformando no “fóssil-guia” na determinação e estudo dos registros arqueológicos associados a estes grupos. Todavia, é válido ressaltar que estes registros se referem a uma amostragem proporcionalmente muito reduzida dos elementos materiais produzidos dentro do âmbito da vida sociocultural das sociedades indígenas como um todo (WILLEY, 1987) e Guarani em específico. Neste sentido, Noelli (1993) elenca uma substancial variedade de equipamentos utilizados pelos grupos Guarani, demonstrando que a matéria-prima de seus artefatos é distribuída equitativamente entre os objetos não perecíveis, como a cerâmica e o lítico, e os objetos perecíveis, como madeiras, cipós, fibras. Portanto, é forçoso admitir que, ao trabalharmos com a análise do material cerâmico, estamos olhando para apenas uma amostra de um universo mais amplo dos objetos utilizados pelos grupos pré-coloniais.

Contudo, sabe-se que o material cerâmico é o que mais predomina nos sítios arqueológicos associados às populações Guarani, sendo por vezes os únicos vestígios materiais de suas atividades. A resistência aos processos pós-deposicionais degradantes coloca estes vestígios, portanto, em uma posição diferenciada em relação aos outros

artefatos produzidos por estes grupos. Assim, acreditamos que, não obstante a ressalva acima destacada, a análise deste tipo de material, aliada a outros elementos associados aos sítios e ao ambiente, nos possibilita pensar o contexto mais amplo de ocupação do local estudado a partir de uma perspectiva sistêmica (MILHEIRA, 2008). Sendo assim, analisamos os fragmentos cerâmicos identificados atentando principalmente para os atributos que nos permitem inferir acerca das funcionalidades do sítio pesquisado dentro do complexo local.

O material aqui analisado é proveniente de intervenções efetuadas em distintos momentos ao longo dos anos de pesquisas nos sítios Guarani do litoral do extremo sul catarinense. Assim, uma expressiva quantidade dos fragmentos é fruto de coletas superficiais totais assistemáticas realizadas durante o projeto de arqueologia preventiva no âmbito da implantação da Rodovia Interpraias (LAVINA, 2000). Este material, acondicionado na reserva técnica do Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS), da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), foi retomado e analisado durante o segundo semestre do ano de 2015 para os fins específicos da presente pesquisa.

O outro montante do material cerâmico provém das escavações realizadas recentemente, sobretudo nos sítios SC-ARA-008, SC-ARA-010 e SC-ARA-002 – dos quais os dados foram extraídos. Além destes, foram efetuadas análises *in situ* do material em superfície identificado nos sítios SC-ARA-007, SC-ARA-031, SC-ARA-047 e SC-ARA-057.

Os parâmetros de análises aqui utilizados foram selecionados considerando seu potencial no que diz respeito à interpretação acerca do lugar de cada sítio dentro das estratégias utilizadas pelas populações Guarani na organização e domínio do território litorâneo do extremo sul catarinense. Assim, a exposição dos dados se dará visando realizar a comparação entre os sítios focados, bem como a articulação com outros fatores materiais que concorram para pensar a dinâmica social destas populações expressas por estes vestígios.

6.2.2.1 Quantidade

A quantidade dos fragmentos identificada está diretamente relacionada à densidade e à temporalidade da ocupação do sítio arqueológico, sendo interpretativamente potencializada a partir da relação com outros vestígios materiais,

como mancha de solo escurecido e estruturas de combustão, por exemplo. Assim, nos sítios estudados são percebidas desde uma quantidade que atinge a dezena de milhares de fragmentos até a ocorrência de fragmentos isolados. Estes dados, associados aos outros elementos arqueológicos Guarani e do ambiente regional, apontam indícios das estratégias utilizadas para a ocupação do território e para os locais de preferência escolhidos para os assentamentos permanente de habitação e aqueles onde foram implantadas apenas unidades complementares associadas a distintas atividades, constituindo-se como acampamentos temporários (NOELLI, 1993; ASSIS, 1996; MILHEIRA, 2008; 2010).

Gráfico 1. Quantidade de fragmentos cerâmicos coletados durante o Projeto Interpraias ou analisados *in situ*.

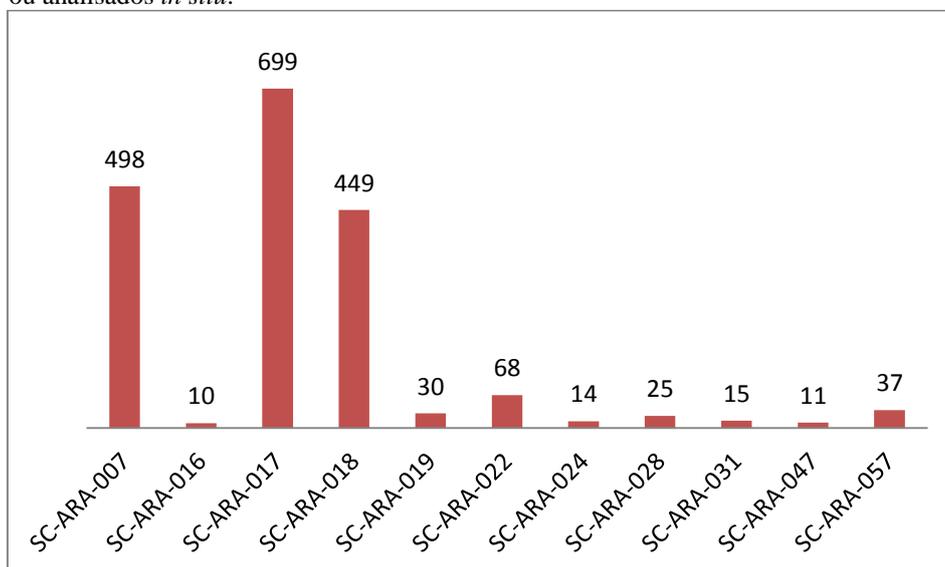
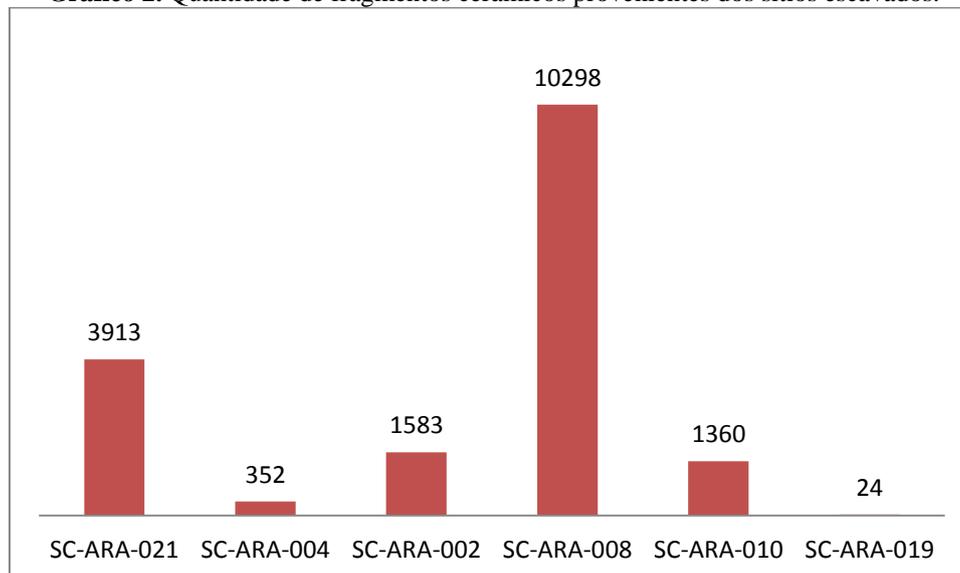


Gráfico 2. Quantidade de fragmentos cerâmicos provenientes dos sítios escavados.



Os valores dos gráficos acima expostos precisam ser observados essencialmente à luz do contexto em que foram levantados, tais como coleta de superfície ou escavação, área escavada – quando for o caso – e relação com outros vestígios materiais. Assim, analisando primeiramente os sítios que passaram por coleta superficial total ou análise *in situ*, constata-se que há uma variação que vai desde 10 fragmentos até 699 fragmentos. Percebe-se que os sítios representados pela maior quantidade de fragmentos são justamente aqueles que apresentam uma ou mais manchas de solo escurecido, quais sejam os sítios SC-ARA-007, SC-ARA-017 e SC-ARA-018.

Todos os sítios escavados estão associados à presença de mancha de solo escurecido apresentando, contudo, uma consistente diferença entre a quantidade de fragmentos cerâmicos existentes. É notável a grande quantidade de fragmentos que se observa no sítio SC-ARA-008, cuja totalidade é maior que todos os outros sítios juntos. Embora inicialmente isto possa ser atribuído à dimensão da área escavada, faz-se necessário que os elementos que compõem o sítio sejam considerados. Assim, ressalta-se que, não obstante a área total escavada deste sítio tenha sido a maior (128 m²), isto não invalida a hipótese de ser este um sítio com alta densidade de materiais. Pois é preciso salientar que a ampla maioria dos vestígios é oriunda do interior das 3 manchas de solo escurecido, onde foram escavados apenas 68 m², demonstrando sua densidade de ocorrência. Destaca-se, portanto, a considerável diferença no que diz respeito ao conjunto cerâmico deste sítio em relação aos outros, onde o segundo em número de vestígios é o SC-ARA-021, onde foram identificados, na área escavada de 104 m² nas 3 manchas, o total de 3913 vestígios.

Saliente-se, ainda, o reduzido número de fragmentos identificados durante a escavação de 7 m² do sítio SC-ARA-019, onde foram identificados apenas 24 fragmentos, associados à uma pequena mancha de solo tenuemente escurecido.

6.2.2.2 Tratamento de superfície

O tratamento da superfície é um importante indicador no que diz respeito à funcionalidade do vasilhame cerâmico. Consoante La Salvia e Brochado (1989), a partir de levantamento realizado em coleções de vasilhames inteiros e de levantamentos etno-históricos, notadamente nos escritos do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, podem ser feitas correlações entre os tratamentos superficiais e as categorias funcionais dos

vasilhames. Uma importante indicação dos autores supracitados neste sentido diz respeito à divisão entre as vasilhas que iam e que não iam ao fogo. Assim, as vasilhas cujo tratamento superficial apresentassem modificações plásticas (como o corrugado, por exemplo), seriam aquelas que iam ao fogo durante as atividades domésticas, já aquelas com superfície tratada por banho ou pintura estariam reservadas para conservar e servir bebidas e alimentos.

Com efeito, no caso do tratamento corrugado, este teria como sua função primordial a ligação entre os roletes sobrepostos no ato de confecção dos vasilhames. Esta seria, portanto, uma etapa do processo construtivo, que poderia ter continuidade com o alisamento e tratamento cromático, ou ser finalizada. Assim, sua correlação com os vasilhames que tinham a função de ir ao fogo pode ser levantada a partir de aspectos tecnológicos de construção, na medida em que experimentações realizadas por Cerezer (2011) demonstraram que as cerâmicas com tratamento superficial alisado proporcionam o aquecimento mais rápido de seu conteúdo. Neste sentido, a preferência pela utilização do tratamento corrugado nas vasilhas que iam ao fogo se daria não necessariamente por sua performance funcional, mas sim por não haver o interesse em finalizar o processo de elaboração do vasilhame, que culminaria no tratamento cromático – dentro da cadeia operatória apontada por La Salvia e Brochado (1989) –, na medida em que estes seriam objetos notadamente utilitários e de mais recorrente descarte.

Isto em uma perspectiva funcional. Contudo, esta questão se complexifica ao considerarmos o que aponta Silva (2010). Articulando o registro arqueológico com evidências etnográficas, a partir de uma abordagem teórica cognitiva, este autor estuda os grafismos presentes nas cestarias e pinturas corporais *Mbyá-Guarani* e *Nhadewa-Guarani* e o significado que estes lhes dão, observando que há uma ecologia simbólica subjacente à sua constituição. Ou seja, há “um esquema cultural de percepção e concepção do meio ambiente que aponta para conceitos cosmológicos” (SILVA, 2010, p. 132), e que são refletidos nesta interface material da cultura. Neste sentido, este autor destaca a ocorrência de motivos nas pinturas corporais ou nas cestarias que são consideradas como reproduções de elementos gráficos encontrados na natureza, sobretudo na fauna conhecida. Indo além, realiza este paralelo com motivos de pinturas de cerâmicas arqueológicas. Embora não tenha trabalhado diretamente com o tratamento plástico da cerâmica, os resultados apontados nesta pesquisa apontam para importantes questões que em última análise não devem ser desconsideradas.

Considerando estes elementos, portanto, há que se manter a ressalva de não se alienar apenas aos aspectos tecnológicos e palpáveis dos vestígios arqueológicos, admitindo-se que há, na cadeia produtiva dos objetos, aspectos subjacentes que não podem ser alcançados apenas a partir do ponto de vista funcional.

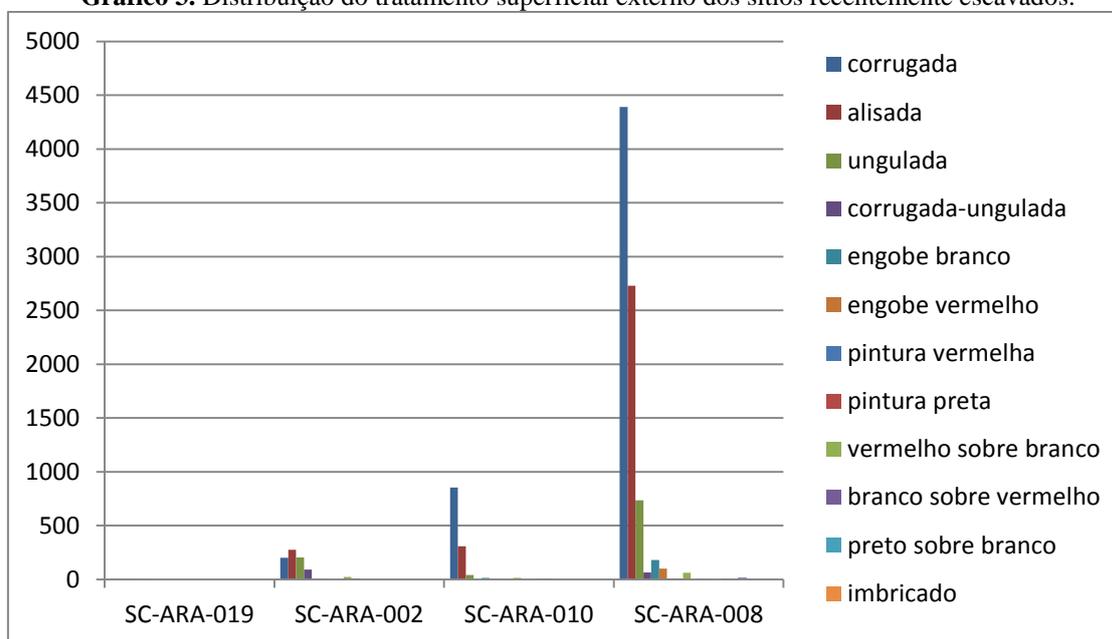
É notório, ainda, a partir das observações de coleções de cerâmica inteira, que um mesmo vasilhame pode comportar mais de um tratamento superficial. Os grandes vasilhames, neste sentido, geralmente são caracterizados pelo tratamento alisado na parte inferior do diâmetro máximo do seu bojo, ao passo que na parte superior estariam presentes motivos cromáticos ou plásticos variados. Portanto, isto precisa também ser considerado ao abordar os conjuntos de fragmentos.

No entanto, não obstante estas problemáticas de análises, acreditamos que um importante dado que pode advir da quantificação dos tratamentos superficiais externos diz respeito à sua eventual variabilidade. Pois, dito de outra forma, se se constatar a predominância de uma quantidade reduzida de tipos de tratamentos, podem-se ser apontadas sugestões quanto ao uso do sítio do qual estes vestígios provêm. Assim, seguindo as proposições de La Salvia e Brochado (1989), a ocorrência do tratamento corrugado estaria associada a contextos domésticos e práticos, ao passo que a ocorrência de tratamentos superficiais mais refinados denotaria a presença de momentos específicos, como rituais e festividades.

Elencamos, inicialmente, a proporção dos tratamentos superficiais externos dos sítios escavados mais recentemente, haja vista que no caso dos sítios SC-ARA-021, SC-ARA-004 e SC-ARA-002 não foi possível obter estes valores. Uma primeira informação que se depreende da tabela abaixo diz respeito à variabilidade do tratamento superficial observada no sítio SC-ARA-008, ao passo que no sítio SC-ARA-019 há um reduzido número de tratamentos. Com exceção do sítio SC-ARA-002, o corrugado é o que predomina, seguido pelo alisado no SC-ARA-008 e SC-ARA-010.

Tabela 1. Distribuição do tratamento de superfície externo dos sítios recentemente escavados.

Tratamento Superficial	SC-ARA-019	SC-ARA-002	SC-ARA-010	SC-ARA-008
corrugada	7	202	854	4390
alisada	2	275	307	2730
ungulada	5	205	40	736
corrugada-ungulada	3	93	-	65
engobe branco	4	1	16	182
engobe vermelho	-	2	5	102
pintura vermelha	-	-	1	10
pintura preta	-	-	-	3
vermelho sobre branco	-	23	15	62
branco sobre vermelho	-	4	-	-
preto sobre branco	-	-	1	6
imbricado	-	-	6	-
inciso	-	-	1	-
alisada-corrugada	-	-	-	6
alisada-ungulada	-	-	-	4
serrungulado	-	-	-	15
nodulada	-	-	-	4
acordelada	-	-	-	2
incisa	-	-	-	1
pinçada	-	-	-	1

Gráfico 3. Distribuição do tratamento superficial externo dos sítios recentemente escavados.

Quanto aos sítios onde foram realizadas coletas superficiais ou análises *in situ*, percebe-se uma correlação positiva entre a variabilidade de tipos de tratamentos superficiais e a presença de mancha de solo escurecido. Embora o alisado e o corrugado

predominem nos primeiros sítios, é considerável a presença de fragmentos com engobe vermelho ou branco ou com pintura vermelha sobre engobe branco. De outra parte, nos sítios com menor densidade de material e com ausência de solo escurecido é observado que o corrugado predomina absoluto em grande parte deles.

Tabela 2. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados *in situ*.

Tratamento Superficial	SC-ARA-007	SC-ARA-017	SC-ARA-018
corrugada	242	113	231
alisada	207	171	122
ungulada	2	123	1
pintura vermelha	1	6	1
engobe vermelho	2	33	4
engobe branco	15	9	14
vermelho sobre branco	8	25	15
corrugada-ungulada	2	76	18
acordelada	-	-	2
alisada e corrugada	2	-	2
alisada e unzulada	-	3	-

Gráfico 4. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados *in situ*.

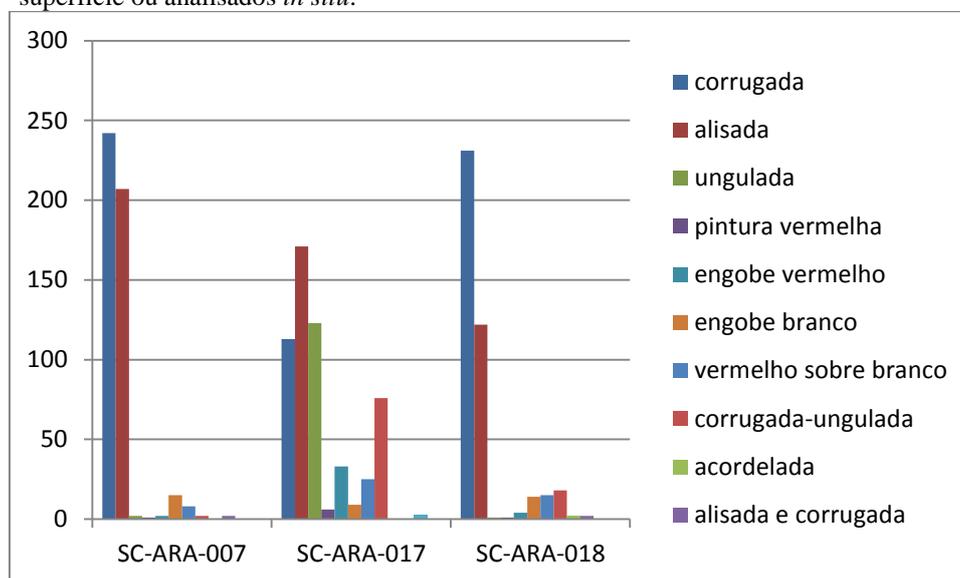
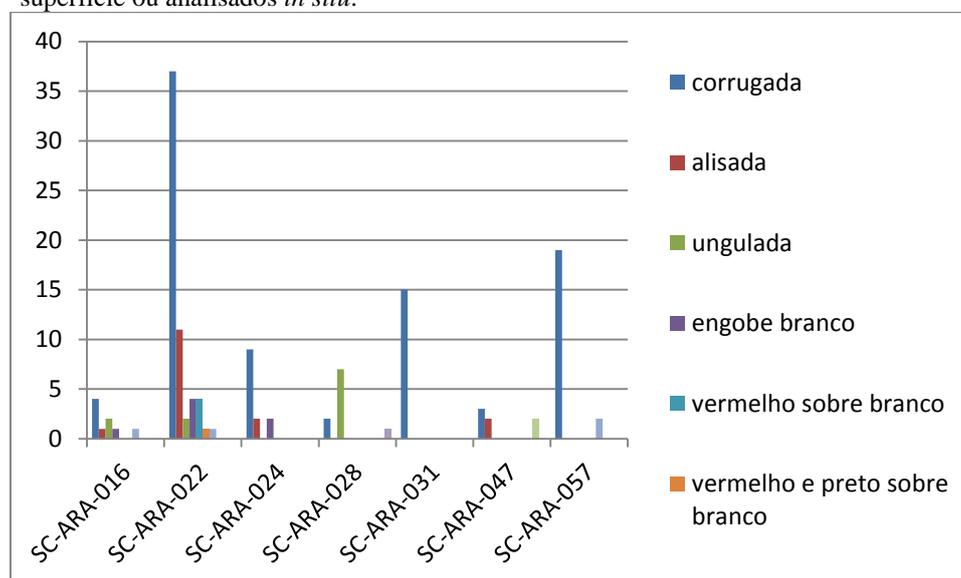


Tabela 3. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados *in situ*.

Tratamento Superfície	SC-ARA-016	SC-ARA-022	SC-ARA-024	SC-ARA-028	SC-ARA-031	SC-ARA-047	SC-ARA-057
corrugada	4	37	9	2	15	3	19
alisada	1	11	2	-	-	2	-
ungulada	2	2	-	7	-	-	-
engobe branco	1	4	2	-	-	-	-
vermelho s/ branco	-	4	-	-	-	-	-
Verm. e preto s/ branco	-	-	-	-	-	-	-
Corrugada-ungulada	1	1	-	-	-	-	2
corrugada e ungulada	-	-	-	-	-	-	-
alisada e corrugada	-	-	-	-	-	2	-
alisada e ungulada	-	-	-	1	-	-	-

Gráfico 5. Distribuição do tratamento superficial externo dos fragmentos coletados em superfície ou analisados *in situ*.



6.2.2.3 Espessura

Como o conjunto cerâmico destes sítios é caracterizado em sua totalidade por vestígios fragmentados, consideramos que a mensuração de sua espessura traz importantes informações acerca das dimensões dos vasilhames que compuseram seu conjunto artefactual, complementando e qualificando, desta forma, as inferências possíveis de serem realizadas.

Embora tenhamos ciência das discussões acerca da problemática que há entre a correlação direta da espessura dos fragmentos com o tamanho do vasilhame, visto que a espessura varia ao longo das partes do mesmo, não formando assim uma parede

homogênea (LA SALVIA; BROCHADO, 1989), acreditamos que a variação entre estas e a predominância de determinadas espessuras podem dar indícios da variedade de vasilhames que estaria sendo utilizada no contexto do sítio no que diz respeito ao seu volume. Com efeito, ao pensarmos no contexto sociocultural que caracterizou a ocupação dos sítios arqueológicos, a predominância e recorrência de fragmentos de grande espessura indicaria um contexto em que vasilhames de grande porte estariam sendo usados, apontando assim tanto para um contexto doméstico de habitação de várias famílias, para aqueles vasilhames utilizados mais nos momentos cotidianos, quanto para um contexto de coesão social, onde se pode detectar o uso de vasilhames associados a festas e momentos rituais.

Gráfico 6. Proporção das espessuras máximas, mínimas e médias, em milímetros.

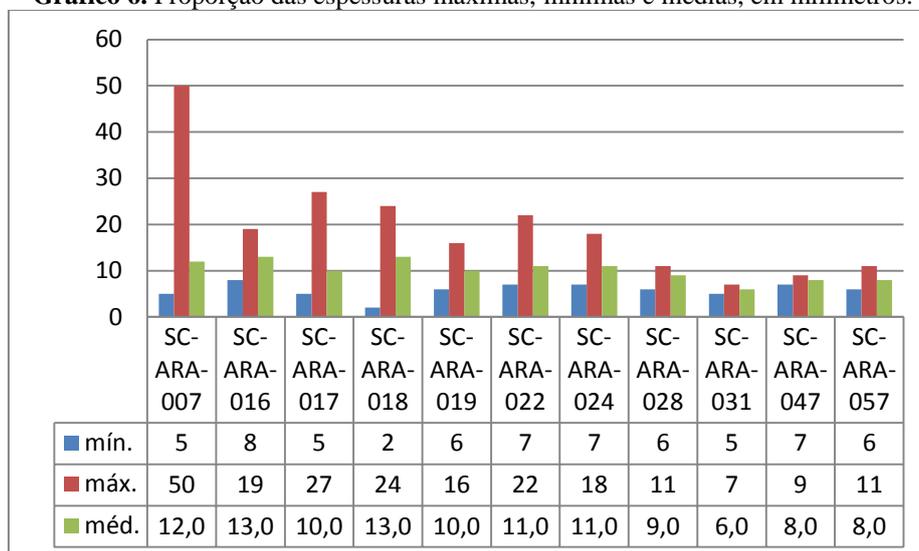
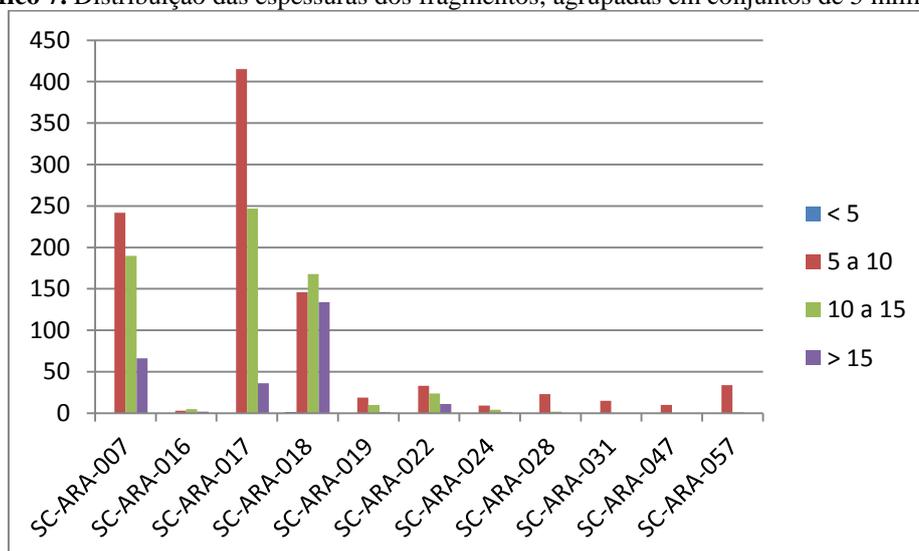


Gráfico 7. Distribuição das espessuras dos fragmentos, agrupadas em conjuntos de 5 milímetros.



Com este intuito, analisamos os fragmentos que foram coletados em superfície, exumados nas escavações ou mesmo analisados *in situ*, objetivando observar se há um padrão que possa nos indicar a respeito da funcionalidade dos mesmos. Optamos por apresentar, primeiramente, a variação entre as espessuras mínimas e máximas dos fragmentos, posteriormente agrupando as espessuras a cada 5 milímetros, a fim de formar conjuntos interpretativos. Assim, foi possível observar que justamente naqueles sítios com maior quantidade de fragmentos e associados a manchas de solo escurecido foi observada uma maior distribuição entre os conjuntos de espessuras, variando entre 5 a 10 milímetros e 10 a 15 milímetros, com expressiva presença de espessuras com mais de 15 milímetros. Por outro lado, os sítios com menor densidade de fragmentos apresentam em sua composição a predominância absoluta de espessuras entre 5 e 10 milímetros.

6.2.2.4 Projeção das formas

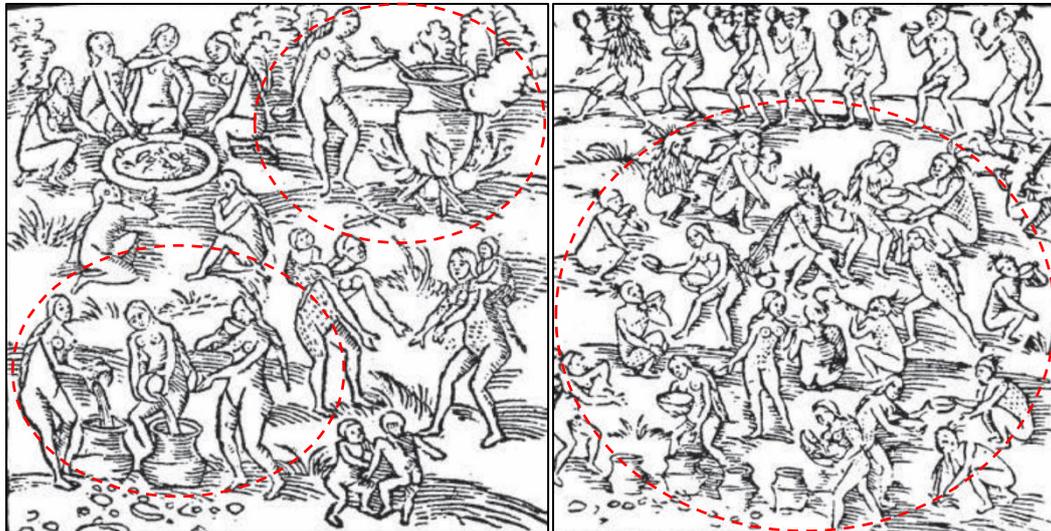
A projeção da forma dos vasilhames é um passo importante para que se possa inferir a respeito da função do sítio dos quais seu fragmento provém, podendo dar indicações de seu uso como aldeia de caráter mais permanente ou acampamento temporário.

Noelli (1999/2000, p. 256-257) aponta que inserindo as vasilhas dentro de um contexto sociológico, lançando mão de dados etnográficos e históricos, sobretudo dos primeiros séculos de contato, verifica-se que há uma relação padronizada entre a morfologia dos vasilhames e a função à qual era destinado. Quanto à sua utilização, este autor afirma poderem ser divididos em dois conjuntos básicos: aqueles utilizados para “transformar os ingredientes em alimentos (*yapepós*, *ñaetás* e *cambuchís*)” e aqueles usados “como pratos (*ñaembé*) e tigelas de beber (*cambuchí caguaba*)”.

Com efeito, essas vasilhas eram utilizadas tanto no contexto cotidiano, nas atividades de armazenamento e produção de alimentos, quanto nas festividades e rituais específicos. Portanto, pressupondo que na sociedade Guaraní os laços de parentescos entre aldeias e a reciprocidade eram importantes elementos de coesão e manutenção da vida social e política (SOARES, 1997), e levando em consideração as frequentes festividades e a relação entre a produção e o consumo de bebidas e o prestígio de quem as promovia (ALMEIDA, 2015), o cálculo da proporção das classes de vasilhames

constitui-se como importante elemento para a interpretação da função do sítio arqueológico dentro de um contexto regional.

Figura 1. Ilustração dos contextos festivos e rituais onde se faziam uso dos vasilhames cerâmicos entre os grupos Tupi do litoral.



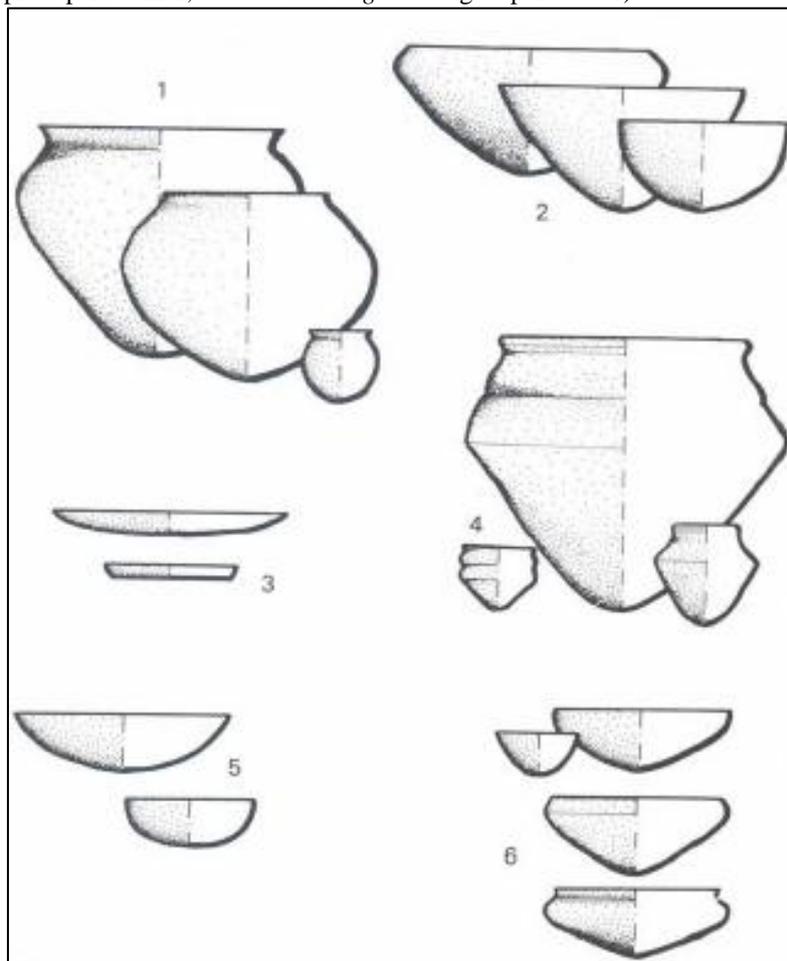
Fonte: Modificado de Hans Staden, [1557] 1930.

De forma sucinta, as principais características morfológicas e funcionais da cerâmica Guarani podem ser descritas da seguinte maneira (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994; NOELLI, 1999/2000):

- *Yapepó*: Sua função principal era a do cozimento. Sua altura poderia chegar a 90 cm, com diâmetro de boca de até 100 cm, com capacidade de até 120 litros. Por ser um objeto de constante manipulação e contato com o fogo – o que provavelmente acarretava em frequente quebra e descarte –, sua confecção se dava de forma mais utilitária, sendo o tratamento de superfície preponderante o corrugado. Poderia servir secundariamente como urna funerária.
- *Ñaetá*: Similar a uma caçarola de tamanho médio ou grande. Utilizada para cozinhar. Seu diâmetro variava entre 30 e 40 cm.
- *Ñaembé*: Eram os pratos usados para servir e consumir os alimentos, de maneira individual ou coletiva. É possível que fossem ao fogo para reaquecer a comida.
- *Ñamopiu*: Similar a pratos ou bandejas, muito rasos. Era utilizado como tostador, provavelmente para torrar a farinha de mandioca.

- *Cambuchí*: Era utilizado para armazenar líquidos, bem como produzir e conter o *cauí*m – bebida fermentada Guarani, consumida em seus eventos festivos e ritualísticos. Por raramente irem ao fogo, tem como tratamento de superfície externa preponderante a pintura na parte superior e o alisamento na parte inferior. Poderia servir secundariamente como urna funerária.
- *Cambuchí caguabá*: Servia como recipiente para o consumo de líquidos, inclusive o *cauí*m. Quanto ao tratamento de superfície, variam desde o pintado até o corrugado, ungulado ou alisado, apresentando casos de pintura interna. Seu grau de elaboração pode dar indício do prestígio social de quem o usaria. Podia ser utilizado de forma individual ou comunitária.

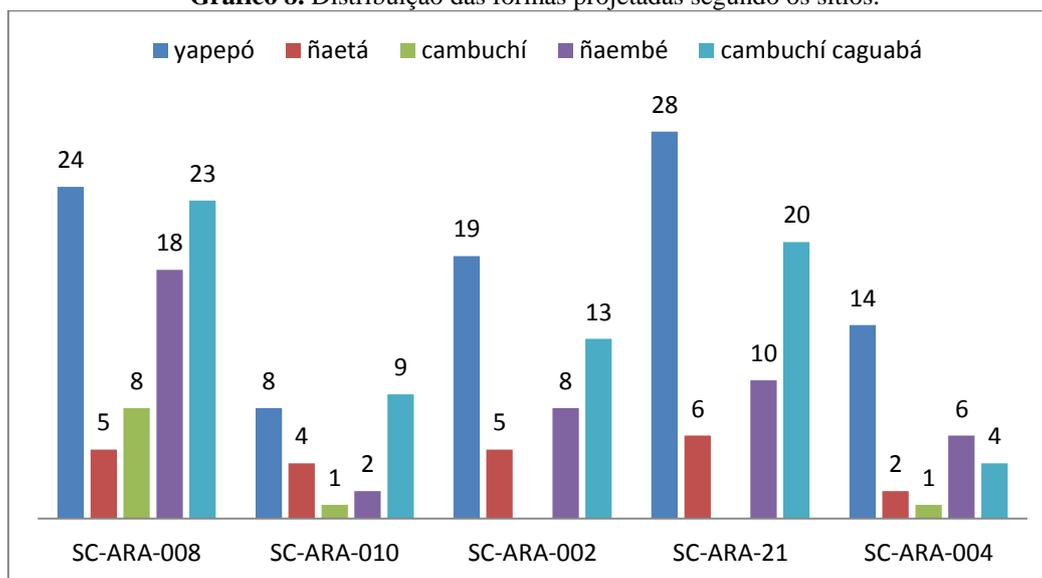
Figura 2. Seis principais formas de vasilhas cerâmicas arqueológicas associadas às populações Guarani (1. *yapepó*: panela; 2. *ñaetá*: caçarola; 3. *ñamôpiu*: prato para assar; 4. *cambuchí*: jarra para bebidas; 5. *ñaembé*: prato para comer; 6. *cambuchí caguaba*: tigela para beber).



Fonte: Brochado e Monticelli, 1994.

Os resultados referentes às projeções das formas e funções dos vasilhames provêm de distintos momentos da pesquisa. O gráfico abaixo apresenta os valores obtidos sintetizando as projeções realizadas por Lino (2007), a partir de uma quantidade amostral (sítios SC-ARA-002, SC-ARA-004 e SC-ARA-021), por Campos e Santos (2015) (em nova intervenção no sítio SC-ARA-002) e, por fim, as efetuadas no âmbito da presente pesquisa (sítios SC-ARA-008 e SC-ARA-010) – as projeções das formas encontram-se dispostas nos apêndices 2 a 8 e no anexo 1.

Gráfico 8. Distribuição das formas projetadas segundo os sítios.

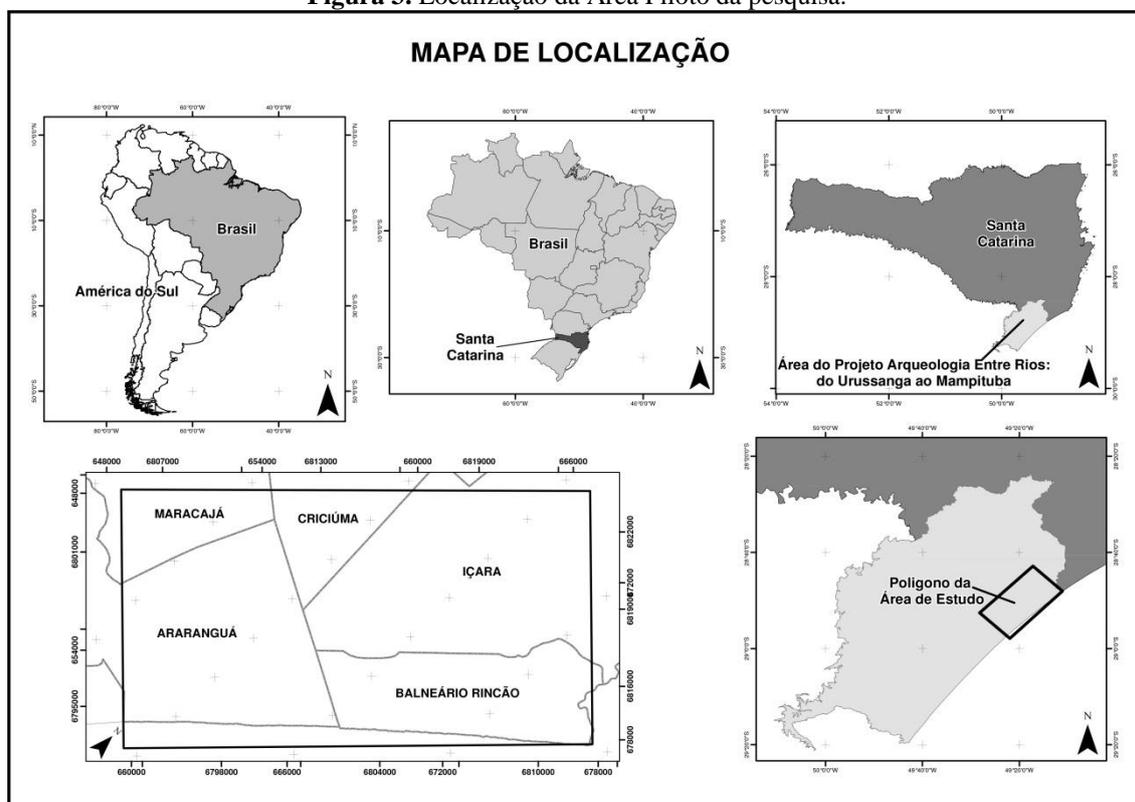


7 DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

7.1 ANTECEDENTES

O primeiro conjunto de sítios arqueológicos identificados nesta região está essencialmente ligado às prospecções sistemáticas efetuadas no âmbito do licenciamento para implantação da Rodovia Interpraias (LAVINA, 2000), entre as localidades de Lagoa dos Esteves, município de Içara (atual município de Balneário Rincão) e Morro dos Conventos, no município de Araranguá. Durante as vistorias realizadas ao longo do traçado projetado para esta rodovia foi identificado um total de 20 sítios arqueológicos associados às populações Guarani. Nos anos seguintes novos sítios continuaram a ser identificados através de trabalhos pontuais realizados no âmbito da arqueologia preventiva, efetivados, em grande parte, pelo Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (LAVINA, 2006; CAMPOS; SANTOS, 2013; 2014; 2015).

Figura 3. Localização da Área Piloto da pesquisa.



Fonte: Projeto de Pesquisa Arqueologia Entre Rios.

Mais recentemente, durante as pesquisas de Campos (2015), foram realizadas expedições pontuais de vistorias e prospecções sistemáticas em áreas estrategicamente escolhidas a partir da observação de geoindicadores e de entrevistas informais com pessoas de comunidades do litoral dos municípios de Araranguá e Balneário Rincão. Os sítios identificados neste trabalho somaram-se aos anteriores, apontando para a complexidade da ocupação pré-colonial regional.

Tabela 4. Lista dos sítios arqueológicos associados às populações Guarani identificados na Área Piloto da pesquisa.

Sítio	Coordenadas UTM	Sítio	Coordenadas UTM
SC-ARA-002	22 J 666.277 / 6.808.413	SC-ARA-028	22 J 668.977 / 6.807.260
SC-ARA-003	22 J 663.838 / 6.805.800	SC-ARA-031	22 J 660.900 / 6.798.650
SC-ARA-004	22 J 663.557 / 6.805.711	SC-ARA-034	22 J 657.453 / 6.808.024
SC-ARA-005	22 J 657.746 / 6.800.919	SC-ARA-036	22 J 673.612 / 6.812.180
SC-ARA-006	22 J 662.715 / 6.803.941	SC-ARA-037	22 J 668.218 / 6.808.357
SC-ARA-007	22 J 659.992 / 6.801.688	SC-ARA-039	22 J 668.818 / 6.810.605
SC-ARA-008	22 J 660.532 / 6.802.444	SC-ARA-047	22 J 661.554 / 6.799.175
SC-ARA-010	22 J 661.021 / 6.802.958	SC-ARA-049	22 J 659.413 / 6.797.608
SC-ARA-016	22 J 668.478 / 6.809.435	SC-ARA-051	22 J 658.281 / 6.797.554
SC-ARA-017	22 J 665.572 / 6.805.042	SC-ARA-054	22 J 660.184 / 6.800.419
SC-ARA-018	22 J 658.364 / 6.799.056	SC-ARA-055	22 J 660.413 / 6.799.865
SC-ARA-019	22 J 667.245 / 6.808.984	SC-ARA-056	22 J 660.644 / 6.800.107
SC-ARA-020	22 J 666.999 / 6.808.984	SC-ARA-057	22 J 659.799 / 6.798.335
SC-ARA-021	22 J 665.644 / 6.807.591	SC-ARA-058	22 J 650.070 / 6.801.301
SC-ARA-022	22 J 665.312 / 6.807.103	SC-ARA-060	22 J 651.019 / 6.800.743
SC-ARA-023	22 J 665.481 / 6.807.266	SC-ARA-061	22 J 653.921 / 6.800.055
SC-ARA-024	22 J 665.425 / 6.806.670	SC-URU-001	22 J 673.150 / 6.814.732
SC-ARA-027	22 J 665.314 / 6.806.193	SC-URU-002	22 J 671.920 / 6.812.157

Assim, descreveremos a seguir os sítios arqueológicos identificados e registrados ao longo destas pesquisas. Busca-se, desta forma, apresentar de maneira

sistemática suas principais características – levantadas em momentos e sob métodos e contextos de pesquisas distintos – a fim de subsidiar a hipótese de que a região da bacia do rio Araranguá se constitui em um importante espaço dentro da rede territorial e sociocultural da ocupação Guarani. Estes sítios estão distribuídos nos diferentes compartimentos ambientais caracterizadores do ambiente regional, apresentando composições que vão desde fragmentos cerâmicos isolados até aglomerações de milhares de fragmentos cerâmicos e centenas de peças líticas, associados ou não com a presença de manchas de solo escurecido e estruturas de combustão. Articulando estes dados com a análise dos vestígios cerâmicos, com a presença ou ausência de mancha de solo escurecido e com sua inserção no ambiente, propõem-se, ainda, a diferenciação entre estruturas relacionadas a moradias ou acampamentos, bem como a indicação de fragmentos isolados de cerâmica ou presença de sepultamentos.

Em um momento posterior buscaremos realizar as comparações e inter-relações entre estes, sobretudo contrapondo as informações acerca dos sítios mais densos às daqueles caracterizados pela diminuta presença de vestígios arqueológicos. Consideramos, portanto, que as variações composicionais destes locais não são somente reflexos de eventuais fatores pós-deposicionais, o que poderia redundar em uma hierarquização dos variados sítios em valores de importância. Acreditamos, ao contrário, que estas diferenças apresentam importantes informações para o entendimento do contexto social que gerou o registro arqueológico. Por isto, são descritos desde peças isoladas até escavações com exumações de milhares de vestígios.

7.2 ESTRUTURAS DE MORADIA

Parte destes sítios é representada por aqueles caracterizados por maior densidade e variabilidade de vestígios arqueológicos, onde, embora seja predominante a presença dos fragmentos cerâmicos, também se pode observar a ocorrência de vestígios líticos, faunístico e florísticos em sua composição. Outro fator definidor destes sítios é a identificação das características manchas de solo escurecido, que variam em número de uma a cinco, dependendo do sítio. Quanto a sua localização, situam-se sobretudo na planície de entorno do cordão lagunar e em meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica.

Destes, seis foram alvos de intervenções arqueológica ao longo do histórico de pesquisas desenvolvido na área de estudo.

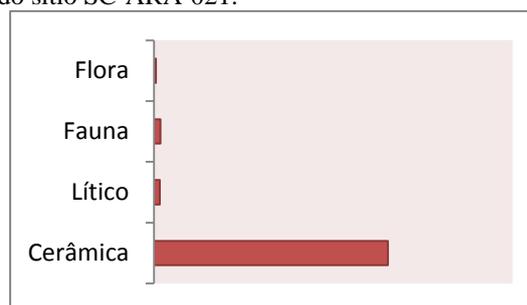
No âmbito do Projeto Interpraias foi efetuado o salvamento dos sítios SC-ARA-021 (Cemitério Lagoa dos Esteves), SC-ARA-004 (Lagoa Mãe Luzia) e SC-ARA-002 (Escola Isolada Lagoa dos Esteves). No tocante ao método utilizado nos salvamentos destes sítios, de um modo geral, em um primeiro momento buscou-se realizar uma amostragem de cada mancha de solo escurecido. As quadrículas selecionadas foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm, peneirando-se o solo em peneira com malha de 4mm. Com o objetivo de identificar a eventual presença de estratigrafia ou material arqueológico em maior profundidade, após chegar ao nível estéril de cada quadrícula foram realizados poços-testes com cavadeiras boca-de-lobo (LAVINA, 2000).

O sítio SC-ARA-021 (Cemitério Lagoa dos Esteves), inserido em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica, localiza-se a aproximadamente 250 metros da Lagoa dos Esteves. Composto pela presença de 3 manchas de solo escurecido, que distavam 26 e 32m entre si. Foi recolhido um total de 3913 fragmentos cerâmicos com uma alta variabilidade de tratamentos superficiais, como unglado, inciso, corrugado, alisado, com engobo vermelho e branco e com pintura vermelha. Quanto ao material lítico identificado, foi representado por amoladores em canaleta de arenito, lascas e micro-lascas de calcedônia, artefatos de quartzo hialino e fragmentos de granito, basalto e xisto. Foi identificada, ainda, a presença de material malacológico, representada por gastrópodes terrestres e gastrópodes e bivalves marinhos, além de esparsas sementes calcinadas (LAVINA, 2000).

Tabela 5. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-021.

Cerâmica	Lítico	Fauna	Flora
3913	97	105	31

Gráfico 9. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-021.



Foram abertas três trincheiras ligando as manchas, não se identificando quaisquer estruturas entre as mesmas. Na Mancha 1 foi escavada uma área de 12 m², podendo-se evidenciar uma camada arqueológica que atingia até pelo menos 30 cm de profundidade. Na Mancha 2 foi escavada uma área de 52 m², podendo-se observar que sua espessura variou entre os 10 e 15 centímetros. Já na Mancha 3 escavou-se uma área

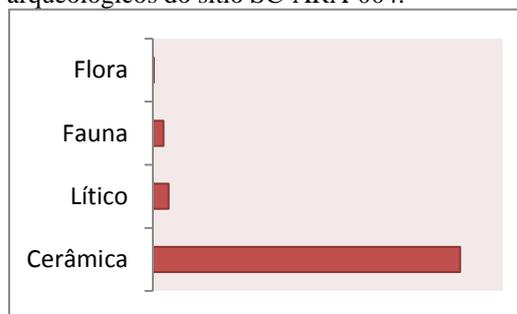
de 40 m², observando-se uma camada arqueológica de até 30 centímetros de profundidade (LAVINA, 2000).

Quanto ao sítio SC-ARA-004 (Lagoa Mãe Luzia), está inserido no terraço da Lagoa Mãe Luzia, a aproximadamente 500 metros da mesma. Foram identificadas três manchas de solo escurecido. Foi recolhido um total de 352 fragmentos cerâmicos, cujo tratamento superficial externo foi representado pelo corrugado, unglado, alisado, com engobo e com pintura. Identificou-se, ainda, a presença de vestígios líticos (um amolador em canaleta de arenito e fragmentos de quartzo, basalto, arenito e limonita) e material malacológico constituído por gastrópodes terrestres e bivalves marinhos, com reduzido grau de preservação (LAVINA, 2000).

Tabela 6: Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-004.

Cerâmica	Lítico	Fauna	Flora
352	5	12	1

Gráfico 10. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-004.



Na Mancha 1 deste sítio foi escavada uma área de 24 m², constatando-se que a camada arqueológica apresentava em média 15 centímetros de espessura, concentrada, sobretudo, a 15 centímetros da superfície. Quanto à Mancha 2, foi escavada uma área de 16 m², cuja espessura teve em média 15 centímetros, localizada a 20 cm da superfície. Já na Mancha 3, localizada a aproximadamente 100 metros da Mancha 2, pôde-se visualizar a ocorrência do solo escurecido na superfície do sítio. Embora se tenha procedido apenas à coleta total de superfície nesta última mancha, constatou-se, através da realização de sondagens, que a camada de solo escurecido atingia até os 40 centímetros de profundidade (LAVINA, 2000).

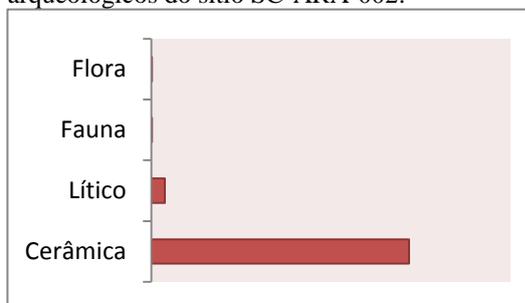
Por sua vez, o sítio SC-ARA-002 (Escola Isolada Lagoa dos Esteves) está assentado em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica, a uma distância aproximada de 700 metros da Lagoa dos Esteves. É caracterizado pela presença de uma mancha de solo escurecido. A escavação de uma área de 28 m² possibilitou evidenciar uma camada arqueológica de 8 centímetros - sensivelmente menor que nos sítios anteriores. Foram recolhidos fragmentos cerâmicos com variados

tipos de tratamento superficial (corrugados, ungulados, alisados, com engobo e pintados), vestígios líticos (dos quais a maior parte foi representado por lascas e fragmentos de calcedônia) e fragmentos de gastrópodes marinhos (LAVINA, 2000).

Tabela 7. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.

Cerâmica	Lítico	Fauna	Flora
575	31	1	1

Gráfico 11. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.



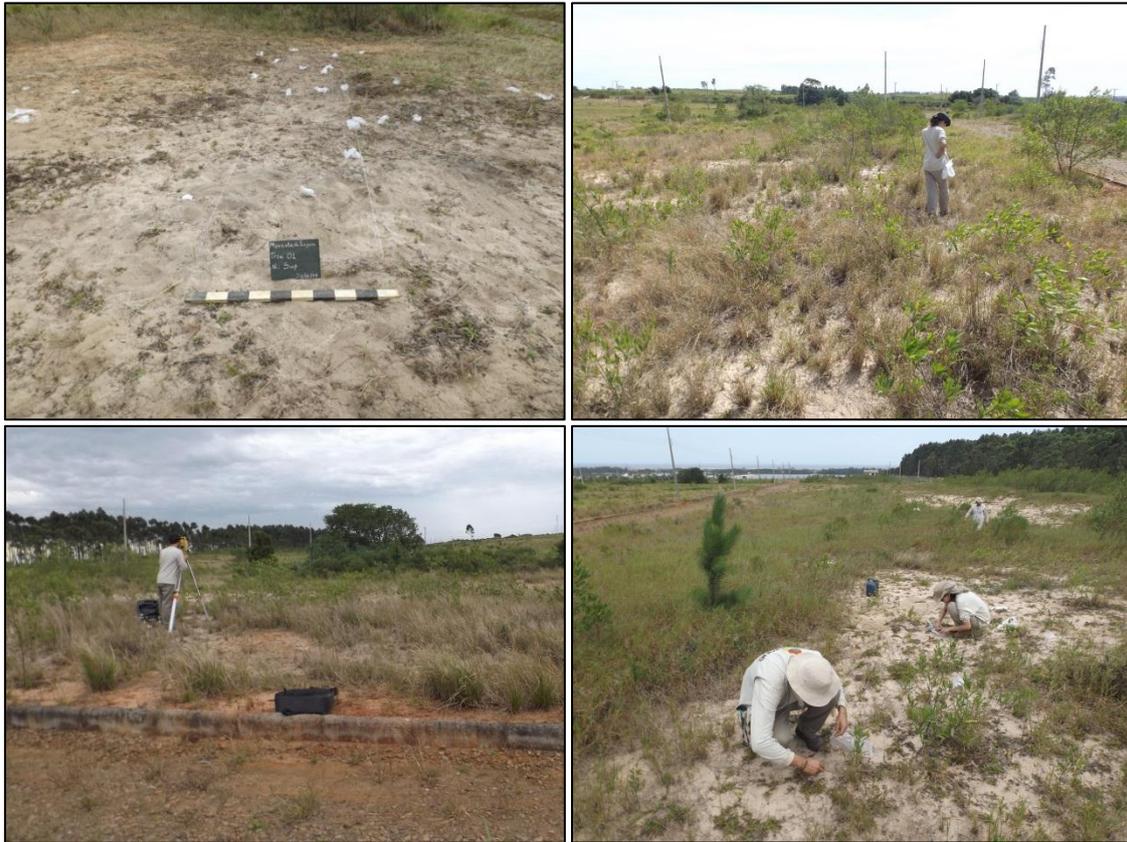
Este mesmo sítio foi objeto de nova intervenção no ano de 2015, no âmbito de um procedimento de licenciamento para a implantação de um loteamento residencial no seu entorno (CAMPOS; SANTOS, 2015).

Em seu salvamento, após a coleta georreferenciada do material arqueológico de superfície, procedeu-se à abertura, em níveis artificiais de 10 centímetros, da Trincheira 1, medindo 5 metros de comprimento por 1 metro de largura no sentido norte-sul. Em seguida, no limite leste desta trincheira, iniciou-se a abertura da Trincheira 2, medindo 3 metros de comprimento por 1,5 metros de largura (CAMPOS; SANTOS, 2015).

Ao todo foram recuperados, durante esta etapa do salvamento, o montante de 1095 vestígios arqueológicos, divididos entre 1008 cerâmicos, 57 líticos, 18 amostras de carvão, 10 amostras de sementes carbonizadas, uma amostra de osso e um otólito.

Mais de 90% dos vestígios arqueológicos resgatados foram identificados em superfície, notadamente concentrados nas áreas das trincheiras 1 e 2 (cerca de 80% do material)(CAMPOS; SANTOS, 2015).

Figura 4. Coleta de superfície efetuada no sítio SC-ARA-002.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2015.

Figura 5. Abertura das trincheiras 1 e 2 do sítio SC-ARA-002.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2015.

Tabela 8. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.

Cerâmica	Lítico	Fauna	Flora
1008	57	2	10

Gráfico 12. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-002.

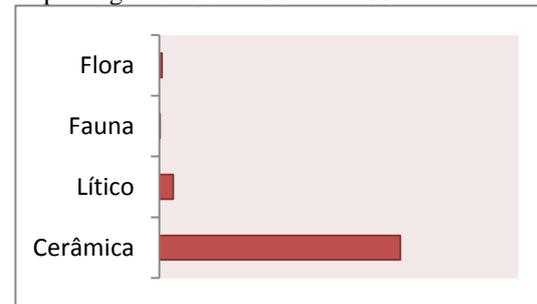
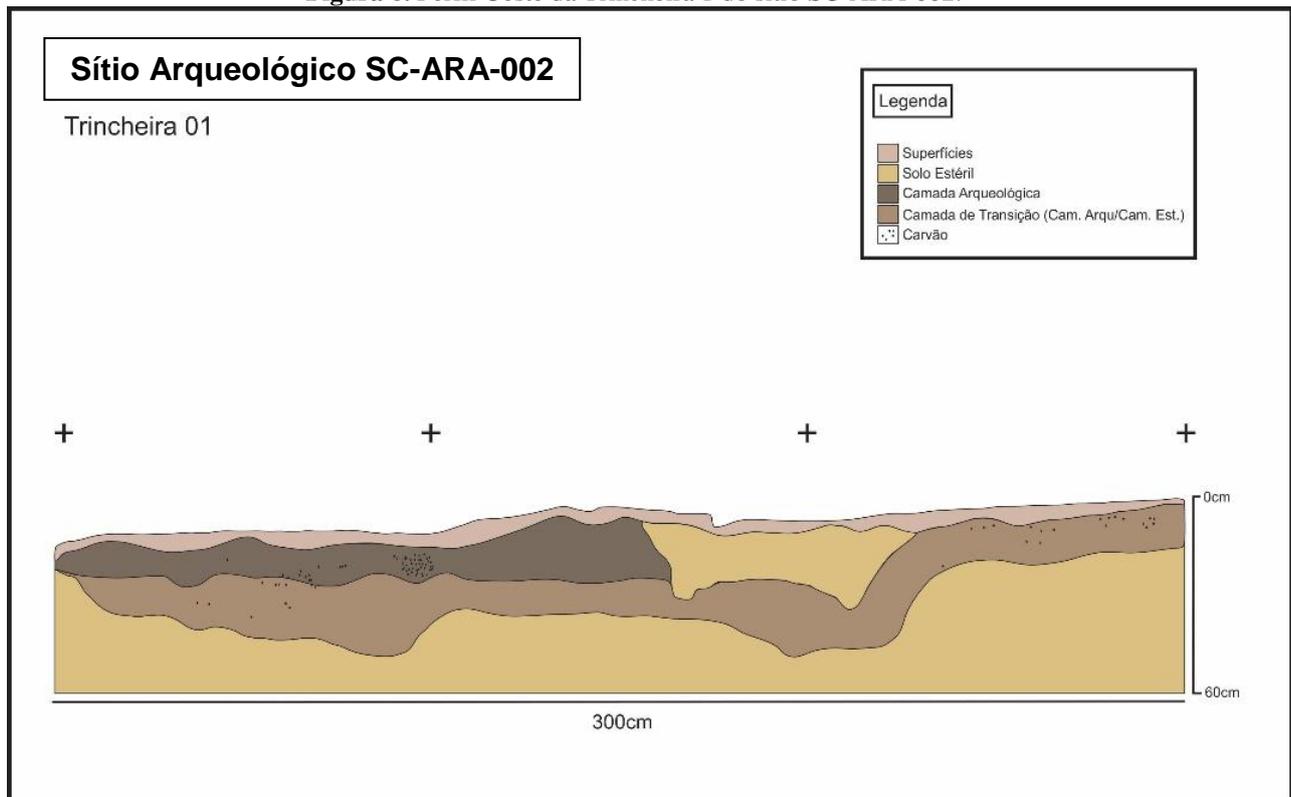
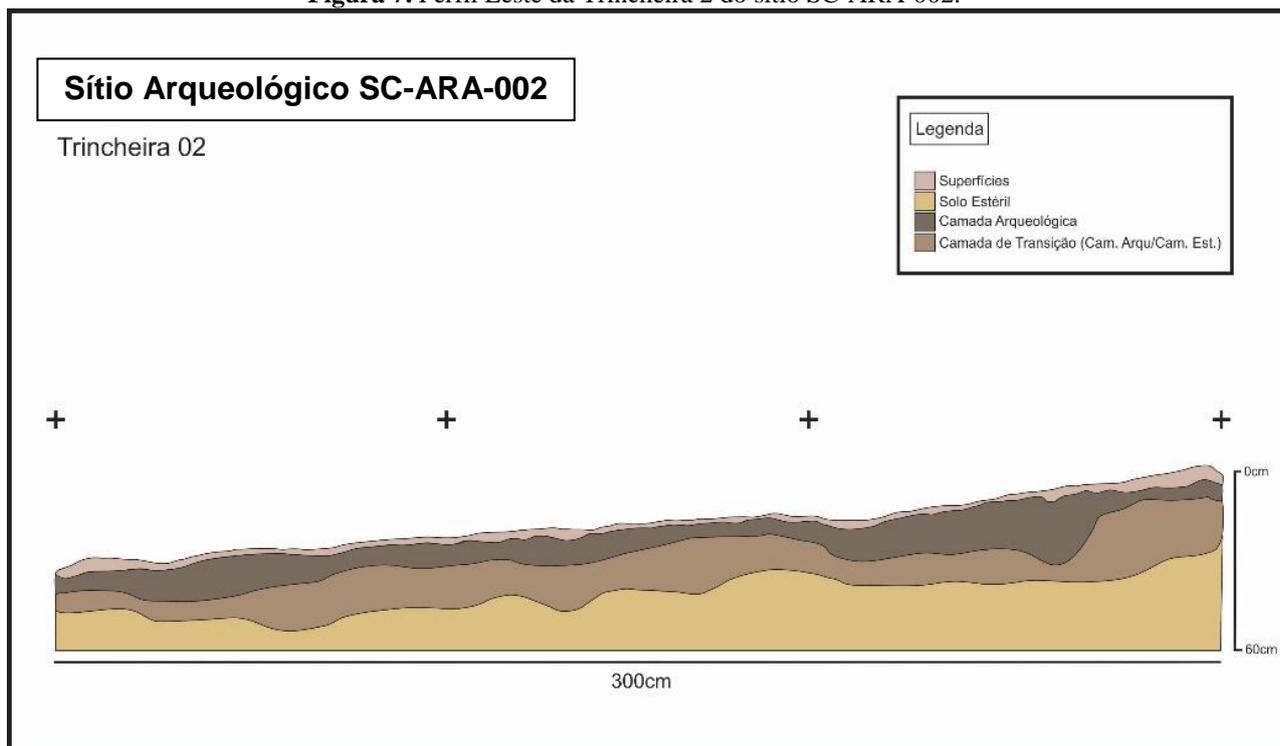


Figura 6. Perfil Oeste da Trincheira 1 do sítio SC-ARA-002.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2015.

Figura 7. Perfil Leste da Trincheira 2 do sítio SC-ARA-002.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2015.

Outros dois sítios arqueológicos, SC-ARA-008 (Campo Mãe Luzia 1) e SC-ARA-010 (Campo Mãe Luzia 3), foram alvo de salvamento no âmbito de um projeto de arqueologia preventiva nos anos de 2013 e 2014. Estes sítios foram identificados no ano de 2006, através das prospecções realizadas para a implantação de uma jazida de areia na localidade de Campo Mãe Luzia, município de Araranguá, SC (LAVINA, 2006).

O sítio SC-ARA-008 estava implantado em uma área que apresenta relevo plano, com solo arenoso, distando 460 metros do Rio dos Porcos. Já o sítio SC-ARA-010 foi identificado a aproximadamente 800 metros de distância do anterior, implantado em relevo suave ondulado, sobre solo arenoso em topo de elevação, distando cerca de 830 metros do Rio dos Porcos (LAVINA, 2006; CAMPOS; SANTOS, 2014).

O salvamento do sítio SC-ARA-008 ocorreu durante os meses de julho a setembro de 2013. Este sítio foi caracterizado pela abundância de vestígios cerâmicos em superfície e pela presença de três manchas de solo escurecido alinhadamente dispostas, medindo, respectivamente, 440 m² (Mancha 1), 281 m² (Mancha 2) e 271 m² (Mancha 3) (CAMPOS; SANTOS, 2014).

As atividades de escavação foram divididas em duas etapas, constituídas, respectivamente, pela coleta total e sistemática dos vestígios arqueológicos e pela escavação em níveis artificiais de dez centímetros em locais estrategicamente

delimitados no interior da área das manchas escuras. Para a realização de tais atividades a superfície do sítio foi coberta por um plano de quadrículas, constituindo-se uma área retangular com 102 metros de comprimento e 42 metros de largura, formada por quadrículas de dimensões padronizadas de 2x2 metros. A posição do vestígio arqueológico foi levantada nas três dimensões espaciais (x, y, z), com as unidades controladas dentro de um plano cartesiano, através do acompanhamento topográfico realizado pelo uso de Estação Total (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Tendo em vista que o terreno se encontrava exposto quando do início das atividades de salvamento, delimitou-se facilmente as dimensões das manchas escuras por meio da visualização de sua coloração em relação ao solo do entorno. Delimitação esta posteriormente corroborada pela abertura de quadrículas e trincheiras e pela realização de sondagens e poços-testes, que permitiu confirmar a extensão da ocorrência do solo escurecido (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Além da abertura de quadrículas no interior das manchas, foram abertas trincheiras nas áreas adjacentes destas, em uma das quais foi evidenciada a presença de duas estruturas de combustão. Ambas as estruturas foram caracterizadas por lentes escuras com presença de carvões, terra queimada e grandes fragmentos de cerâmica. Não foram identificados, nestas estruturas, blocos de rochas ou de argilas que pudessem ter sido utilizados como eventuais suportes para vasilhames no momento do cozimento dos alimentos, nem vestígios de fauna ou flora, que pudessem indicar os tipos de alimentos que estavam sendo consumidos (CAMPOS; SANTOS, 2014).

A abertura das quadrículas e trincheiras possibilitou a visualização da camada estratigráfica das manchas de solo escurecido, que atingiu até os 40 centímetros de profundidade, apresentando uma densa presença de vestígios arqueológicos. Tais vestígios totalizaram 10679 peças, sendo 10298 cerâmicos, 178 líticos, 5 porcelanas, 107 amostras de carvão, 52 conchas, 23 amostras de sedimentos, 8 ossos, 6 sementes, um fragmento de vidro e um fragmento metálico (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Tabela 9. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-008.

Cerâmica	Lítico	Fauna	Flora
10298	182	52	6

Gráfico 13. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-008.

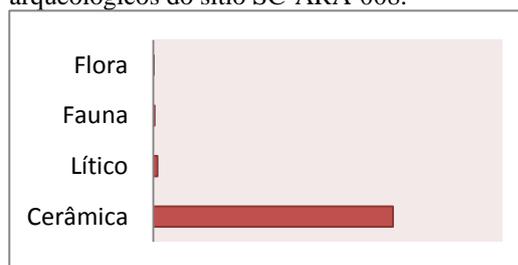
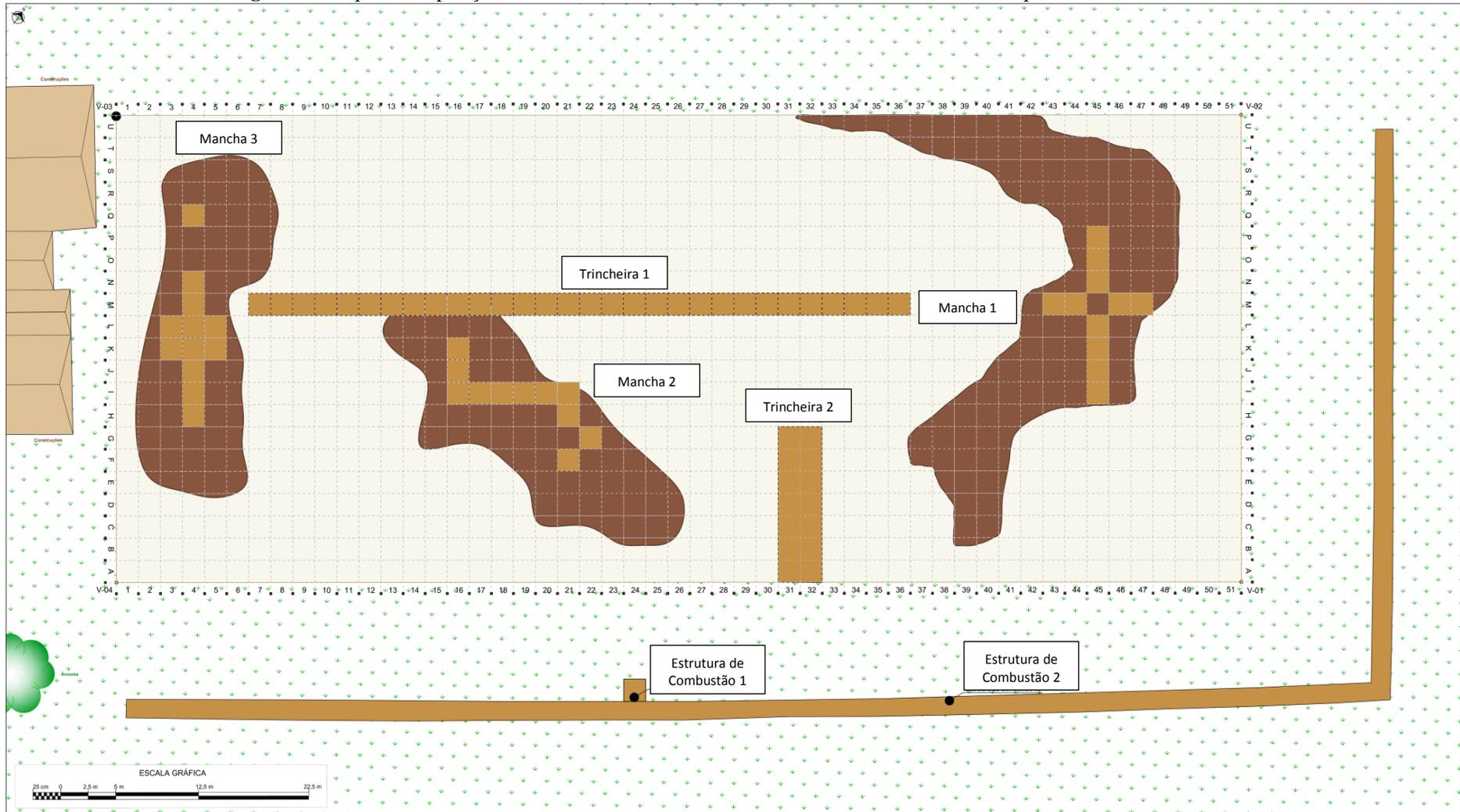


Figura 8. Vista panorâmica do sítio SC-ARA-008 (as setas vermelhas indicam a posição das manchas de solo escurecido).



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 9. Croqui com a posição das manchas de solo escurecido do sítio SC-ARA-008 e as respectivas áreas escavadas.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 10. Evidenciação da Estrutura de Combustão 1 no sítio SC-ARA-008.



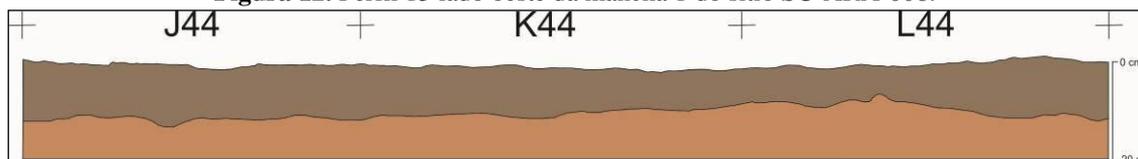
Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 11. Evidenciação da estrutura de Combustão 2 no sítio SC-ARA-008.



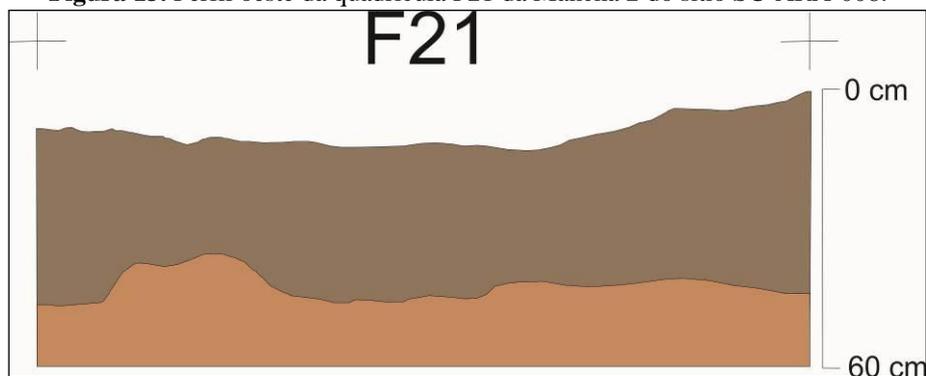
Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 12. Perfil 15 lado oeste da mancha 1 do sítio SC-ARA-008.



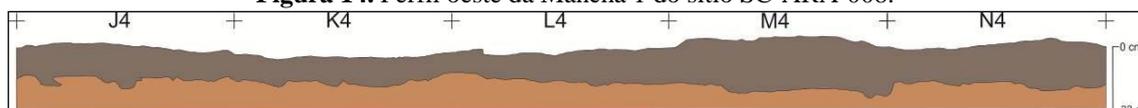
Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 13. Perfil oeste da quadrícula F21 da Mancha 2 do sítio SC-ARA-008.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

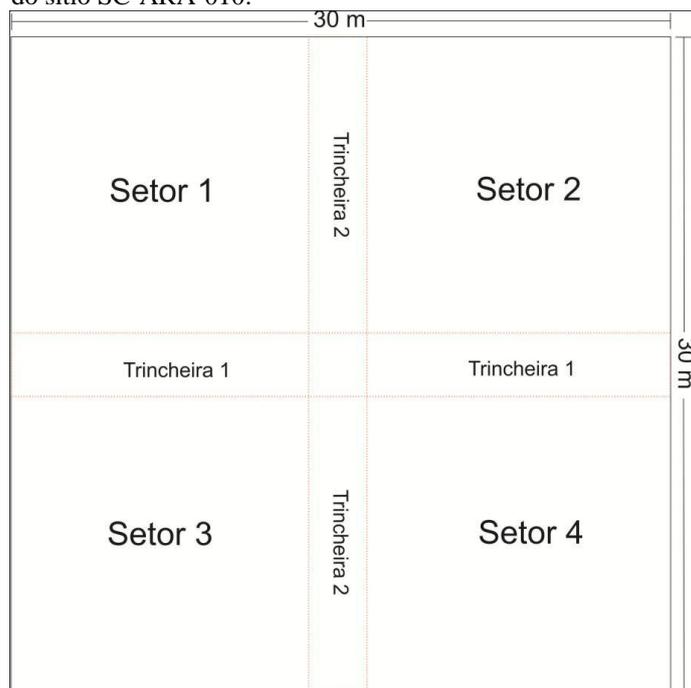
Figura 14. Perfil oeste da Mancha 1 do sítio SC-ARA-008.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Aproximadamente a 800 metros a nordeste do sítio SC-ARA-008 se localiza o sítio SC-ARA-010, onde foi identificada a presença de uma mancha de solo escurecido. Este sítio foi escavado durante os meses de fevereiro a abril do ano de 2014. Foi aplicado um método de escavação distinto do efetuada no sítio anterior. Pelo fato de o solo se encontrar exposto na ocasião das escavações, a evidenciação desta mancha foi realizada sem dificuldades a partir de vistoria superficial do terreno. Após esta etapa, foi estabelecida uma área quadrangular medindo 30m x 30m, onde foi realizada a coleta de superfície e posterior escavação. A abertura de duas trincheiras transversais dividiu esta área em quatro setores, permitindo a locação controlada dos vestígios materiais (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Figura 15. Vista vertical da divisão dos setores de escavação do sítio SC-ARA-010.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Após a realização da coleta de superfície total dentro do quadrante elaborado, iniciou-se o processo de escavação em níveis artificiais de 10 cm, com a locação tridimensional dos vestígios. Inicialmente procedeu-se à abertura das trincheiras 1 e 2, com o objetivo de delimitar a espessura e a horizontalidade da mancha de solo escurecido. Após constatada a profundidade e a área do pacote arqueológico, a escavação foi ampliada pela abertura dos setores 1 e 2 (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Figura 16. Escavação no sítio SC-ARA-010.



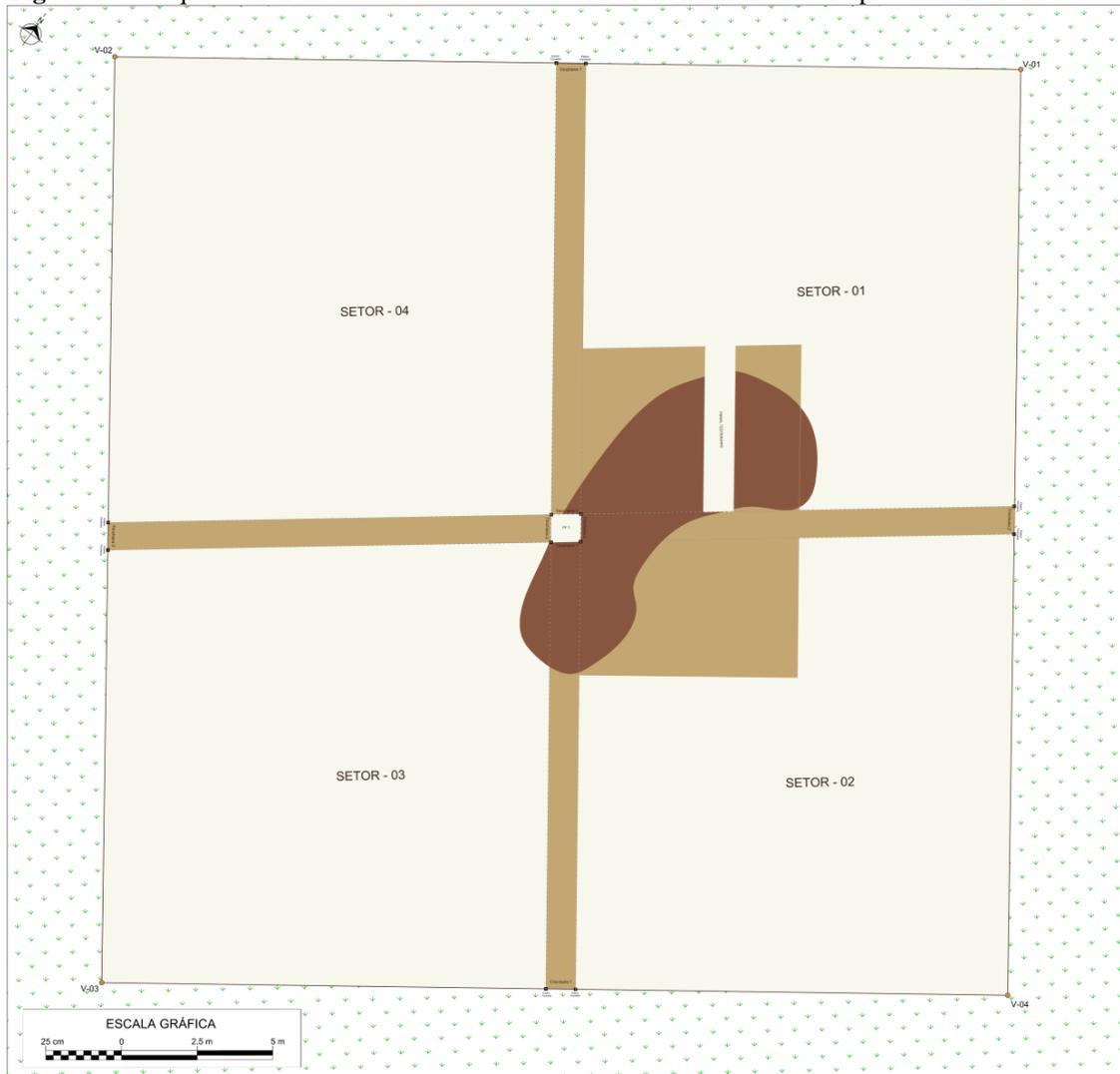
Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 17. Áreas escavadas no sítio SC-ARA-010.



Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Figura 18. Croqui da mancha de solo escurecido do sítio SC-ARA-010 e as respectivas áreas escavadas.



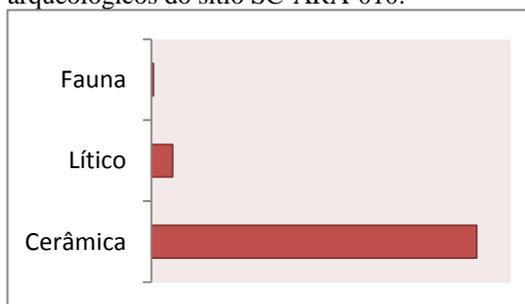
Fonte: CAMPOS e SANTOS, 2014.

Foram recolhidos e analisados um total de 1489 vestígios arqueológicos, cuja composição se caracterizou por 1359 fragmentos cerâmicos, 89 líticos, 14 porcelanas, 10 amostras de carvão, 8 conchas, 7 amostras de sedimento, um osso e um fragmento de vidro (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Tabela 10 Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-010.

Cerâmica	Lítico	Fauna
1359	89	8

Gráfico 14. Distribuição dos vestígios arqueológicos do sítio SC-ARA-010.



Salienta-se que as amostras compostas por porcelana, vidro, material metálico e osso (*Bos taurus* e *Gallus gallus*) estão associadas, tanto no contexto deste sítio quanto no do sítio anterior, às ocupações modernas da área e de seu entorno (CAMPOS; SANTOS, 2014).

Localizado a aproximadamente 900 metros do sítio RS-ARA-008 está o sítio SC-ARA-007 (Roça de Milho), que forma, em conjunto com o RS-ARA-010, uma linha equidistante de um quilômetro entre si, paralela à linha da costa. Identificado durante os trabalhos de campo do Projeto Interpraia, está localizado em área de relevo plano, na planície costeira, a aproximadamente 1500 metros do rio dos Porcos e do rio Araranguá e a 3000 metros do Oceano Atlântico – salienta-se, todavia, que à 700 metros encontra-se um meandro abandonado do rio Araranguá. É composto por 5 manchas de solo escurecido, dispostas dispersamente.

Em trabalho de campo realizado no início de 2016 verificou-se que a área do sítio está coberta por campo de pastagem, silvicultura (eucalipto) e plantio de milho. Desta forma, a única parte onde foi possível visualizar o solo foi na área do plantio de milho, onde foi efetuada a análise *in situ* de 498 fragmentos cerâmicos dispersos na superfície de duas manchas de solo escurecido. Estes, compostos por fragmentos de borda, parede e base de vasilhames, se distribuem entre corrugado, alisado, unglado, corrugado-unglado, com engobo branco ou vermelho e com pintura vermelha sobre superfície alisada ou sobre engobo branco. Destaca-se, ainda, a ocorrência de vestígios

líticos (em arenito, basalto, calcedônia e quartzo) e de fauna malacológica (gastrópode terrestre).

Figura 19. Vista parcial da área do sítio arqueológico SC-ARA-007, coberta por plantio de milho e eucalipto.



Foto: Diego Dias Pavei.

Outro sítio é o SC-ARA-018 (Balsa). Localizado na margem direita do rio Araranguá, no sopé do Morro dos Conventos, a aproximadamente 1700 metros do mar, este sítio foi identificado durante os trabalhos do Projeto Interpraias, momento no qual foi efetuada uma coleta parcial de vestígios cerâmicos, líticos e faunísticos. Foi identificada, ainda, a presença de solo escurecido cobrindo uma extensa área.

Este sítio está localizado em uma propriedade particular, sob construções, horta e gramado, impossibilitando a visualização completa das áreas de solo escurecido, não permitindo, assim, a verificação de sua extensão e quantidade. Segundo uma moradora, antigamente, quando a terra era revolvida para se fazer as hortas ou construir edificações, eram frequentemente encontrados vasilhames cerâmicos inteiros ou em fragmentos no local.

Figura 20. Vista parcial do sítio SC-ARA-018.



Foto: Rafael Guedes Milheira.

Sua proximidade com o rio, a ampla área por onde se encontra disperso os vestígios arqueológicos, bem como a extensão que se pode projetar a mancha de solo escurecido, associada à alta densidade do material arqueológico identificado em superfície, desde os já recolhidos até aos ainda encontrados atualmente, apontam para este como um importante local de habitação dentro da rede de assentamentos locais. Hipótese esta que precisa ser confirmada com a intensificação das pesquisas e com a realização de intervenções que busquem melhor caracterizar o sítio e identificar eventuais estruturas que possam gerar informações a fim de elucidar sua função.

Finalmente, o sítio SC-ARA-017 (Areal do Mussuline), situado na localidade de Barra Velha, no município de Balneário Rincão, é caracterizado pela densa presença de material cerâmico associado a difusas manchas de solo escurecido. Estas não puderam ser medidas ou quantificadas devido ao seu precário estado de conservação, já que, além do sítio ser cortado por uma estrada local, em seus arredores foram efetuadas atividades de extração de areia, que descaracterizaram sobremaneira o ambiente local e impactaram sua integridade.

Este sítio foi inicialmente registrado por pesquisadores do Instituto Anchieta de Pesquisas, sob a denominação SC-IÇ-02. Posteriormente, em 1998, foi revisitado durante o Projeto Interpraías. Está situado entre a Lagoa dos Esteves e a Lagoa Mãe

Luzia, das quais dista, respectivamente, aproximadamente 200 e 700 metros. Insere-se em ambiente de planície costeira, distando do Oceano Atlântico cerca de 1500 metros (CAMPOS, 2015).

O corte provocado em sua área pela passagem de uma estrada de chão permitiu a exposição de um perfil evidenciando parte de uma espessa mancha de solo escurecido, na qual é possível identificar um alto número de fragmentos cerâmicos dos mais diversos tipos e tamanhos. Durante trabalho de campo realizado no início de 2016 foi analisada *in situ* uma amostra destes fragmentos expostos em um perfil com cerca 80 centímetros de altura e 12 metros de comprimento.

Figura 21. Perfil exposto pelo cruzamento da estrada e detalhe de fragmentos cerâmicos evidenciados.



Foto: Josiel dos Santos.

Em um terreno contíguo foi possível perceber outra área de solo escurecido, onde pôde-se também evidenciar a presença de vestígios cerâmicos. Assim, a área de dispersão visível do material arqueológico cobre cerca de 3200m².

Este sítio se reveste de especial interesse para o entendimento do processo histórico de contato com o colonizador por dispor, entre seus vestígios materiais, de fragmentos cerâmicos que apresentam elementos refletindo o contato com as missões jesuítas relatadas pelos escritos etnohistóricos para a região (RODRIGUES, [1607] 1940; MELLO, 2005; LINO, 2007, MILHEIRA, 2010; MILHEIRA; DEBLASIS, 2013; SANTOS, 2013). Trata-se de fragmentos de vasilhames com fundo plano e de uma base de castiçal confeccionada em cerâmica com elementos da tecnologia ceramista Guarani.

7.3 ESTRUTURAS DE ACAMPAMENTOS

Dentre o conjunto de sítios, há os que se caracterizam pela presença de reduzido número de vestígios arqueológicos, cuja quantidade de fragmentos cerâmicos identificados não atinge uma centena. Salientamos, todavia, que a presença reduzida de vestígios não redundam em uma hierarquia de importância ou impacto entre o total dos sítios, mas nos oferece, ao contrário, elementos que possibilitam a formulação de modelos locais e estratégicos da organização social regional, como será discutido adiante.

Deste subconjunto, 4 sítios estão inseridos sobre o sistema Laguna-Barreira pleistocênica, notadamente no entorno das lagoas dos Esteves e do Faxinal. Pela sua disposição e proximidade, depreende-se que podem também estar associados aos outros sítios de maior porte que se encontram dispostos ao longo desta área.

Inserido em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica, o sítio SC-ARA-019 (Arseno) encontra-se a aproximadamente 950 metros da Lagoa do Faxinal. Neste sítio foram identificados e coletados, durante o projeto Interpraias, apenas 6 fragmentos cerâmicos, dos quais um de borda e 5 de paredes de vasilhames, com predominância de tratamento de superfície alisado.

Recentemente, no âmbito do licenciamento ambiental para a implantação de um loteamento residencial, foi realizado o salvamento deste sítio. O plano de escavação do mesmo foi realizado com a abertura de uma quadrícula de 1m x 1m e de duas trincheiras de 3m x 1m e de 2m x 1m, respectivamente, efetuadas na área onde se verificou a ocorrência de vestígios cerâmicos em superfície.

Na escavação da quadrícula, realizada em níveis artificiais de 10 cm, apenas foi identificado um fragmento cerâmico a 30 cm abaixo da superfície, sem nenhuma outra evidência de vestígios arqueológicos, solo escurecido ou outro tipo de estrutura. Após atingir 50 centímetros de profundidade sem a evidência de camada de ocupação, foi realizado um poço-teste de 1 metro de profundidade, cujo resultado foi negativo no que diz respeito à presença de quaisquer vestígios ou feições arqueológicas.

Figura 22. Área parcial do sítio SC-ARA-019.



Foto: Josiel dos Santos.

Figura 23. Seta vermelha indicando a posição de vestígio cerâmico e Poço-teste realizado ao fim da escavação da Quadrícula 1 do sítio SC-ARA-019.



Foto: Josiel dos Santos.

Posteriormente efetuou-se a escavação da Trincheira 1, onde foi evidenciada parte de uma mancha tênue de solo escurecido, bem como duas estruturas de combustão, uma dentro e uma fora da referida mancha (Estrutura 1 e Estrutura 2, respectivamente), além de esparsos fragmentos cerâmicos. Após chegar à parte estéril desta Trincheira, foi procedida a abertura da Trincheira 2, contígua a esta, com o intuito de delimitar a espessura e horizontalidade da mancha escurecida. Foi possível constatar

que sua espessura variou entre cinco e dez centímetros, com uma área estimada de 25 m².

As estruturas de combustão se caracterizaram por seu diminuto tamanho, ambas não alcançando mais de 20 cm de diâmetro e espessura. Estavam compostas por carvão vegetal, fuligem e solo carbonizado, sem que se pudessem evidenciar quaisquer outras estruturas associadas.

Figura 24. Medição da espessura da mancha de solo escurecido no Perfil leste da Trincheira 1 e Seta vermelha indicando posição de fragmento cerâmico identificado no nível 5 da Trincheira 1 do Sítio SC-ARA-019.



Foto: Diego Dias Pavei.

Figura 25. Nível 2 da Trincheira 2 – em primeiro plano é possível visualizar a tênue camada de solo escurecido do sítio SC-ARA-019.



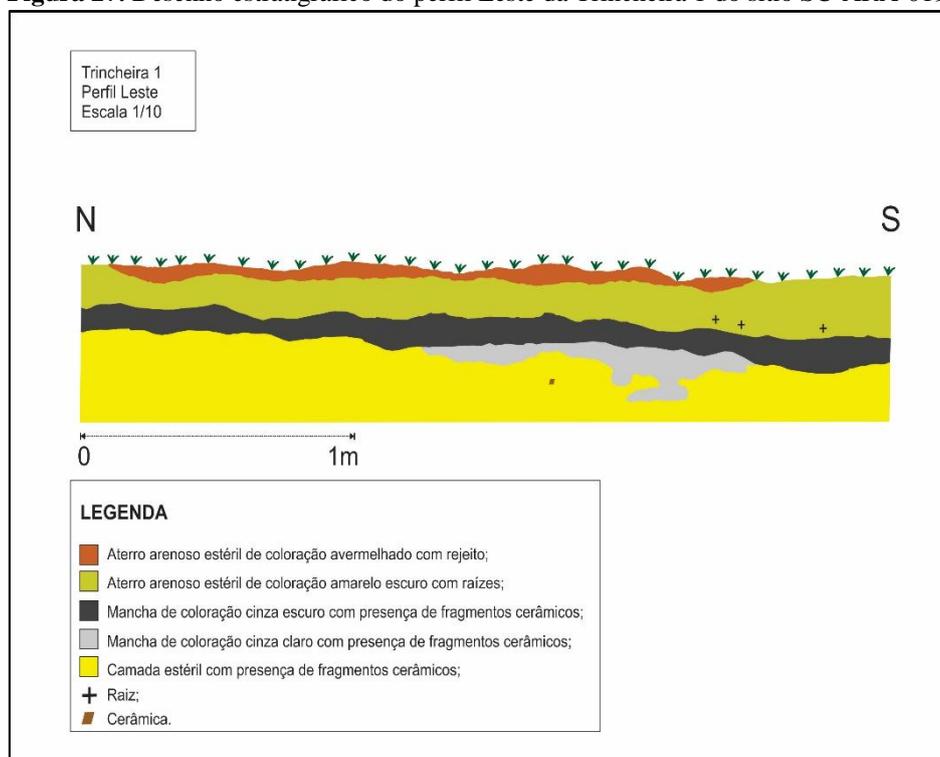
Foto: Josiel dos Santos.

Figura 26. Estruturas de combustão 1 e 2, respectivamente. Os círculos vermelhos demonstram as áreas de maior concentração de material carbonizado do sítio SC-ARA-019.



Foto: Josiel dos Santos

Figura 27. Desenho estratigráfico do perfil Leste da Trincheira 1 do sítio SC-ARA-019.



Elaboração: Alan Sezara de Souza e Diego Dias Pavei.

Inserido em área de planície costeira, a aproximadamente 50 metros da Lagoa dos Esteves, o sítio SC-ARA-024 (Camping Silva) é caracterizado pela presença de fragmentos de cerâmica. Durante os trabalhos de campo do Projeto Interpraias foi efetuada a coleta da totalidade dos vestígios identificados em superfície, que quantificaram um total de 14 fragmentos, sendo 12 paredes de vasilhame, um de borda e um de base, dos quais a maior parte é caracterizada por tratamento superficial externo corrugado. Não foram identificados quaisquer vestígios líticos, faunísticos ou

florísticos, tampouco estruturas associadas. Está situado a aproximadamente 50 metros da Lagoa dos Esteves, sobre a planície contígua à lagoa. Atualmente o terreno se encontra nas proximidades de uma área de camping, sendo sua cobertura composta por gramínea.

A cerca de 500 metros do sítio anterior, em um compartimento topográfico distinto, em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica, localiza-se o sítio SC-ARA-022 (Pasto do Mussuline). Durante o Projeto Interpraias foram coletados 68 fragmentos cerâmicos, cuja maioria se caracterizou pelo tratamento superficial corrugado, seguido pelo alisado. No entanto, outros tipos de tratamento puderam ser observados, como o corrugado-ungulado, o ungulado e os que continham engobe branco e pintura vermelha ou preta. Quanto à sua secção de origem, esta quantificação pôde ser dividida entre 54 paredes de vasilhame e 14 de bordas. Quanto ao material lítico, foi identificado um fragmento de basalto. Não foi observada a presença de quaisquer estruturas. Este sítio está situado a aproximadamente 200 metros da Lagoa dos Esteves.

Figura 28. Vista da Lagoa dos Esteves a partir do sítio SC-ARA-022.



Foto: Josiel dos Santos.

O sítio SC-ARA-016 (Luquinha do Zé Pequeno), também situado em área de meia encosta do sistema Laguna-Barreira pleistocênica, está a aproximadamente 350 metros da Lagoa do Faxinal. Nele foram identificados e coletados, durante os trabalhos do Projeto Interpraias, um total de 10 fragmentos de parede de vasilhames cerâmicos,

cuja maioria possuía tratamento de superfície corrugado. Não foram identificados outros tipos de vestígios ou estruturas materiais. Atualmente sua área está coberta por cultivo de laranja.

Nas proximidades deste sítio foram encontrados pelo morador em anos anteriores dois vasilhames cerâmicos, possivelmente pertencentes a um conjunto funerário. O vasilhame maior remete a um *cambuchí* com decoração externa marcada por motivos lineares pintados em vermelho desde a metade de seu corpo até os lábios, com faixas também vermelhas demarcando as inflexões. O restante da superfície externa e a superfície interna são compostas pelo tratamento alisado. Já o vasilhame menor trata-se de um *ñaetá*, apresentando superfície externa corrugada e superfície interna alisada (Anexo 2, figuras E e I).

Figura 29. Vista parcial do sítio SC-ARA-016, atualmente sob cultivo de laranja.



Foto: Josiel dos Santos.

Parte dos sítios aqui caracterizados como de composição reduzida está inserida no ambiente das dunas holocênicas da costa atlântica, apresentando, ao mesmo tempo, semelhanças e distinções entre si. Os sítios SC-ARA-028 e SC-ARA-057 são caracterizados pela presença de material cerâmico esparsamente espalhado sobre as dunas móveis, sem associação com nenhum outro vestígio material. Uma característica relevante a ser considerada sobre estes locais diz respeito à constante movimentação eólica do sedimento arenoso, provocando, assim, um processo de movimentação do material arqueológico. Considerando este fator, em ambos os sítios aqui tratados foi

realizado caminhamento sistemático objetivando delimitar a área de dispersão do material arqueológico, bem como efetuada a abertura de poços-teste, com o uso de cavadeira manual boca-de-lobo, com o objetivo de identificar eventual presença de mancha de solo escurecido ou outras estruturas arqueológicas – obtendo-se resultado negativo em ambos os casos.

O primeiro destes, localizado na comunidade de Barra Velha, município de Balneário Rincão, situa-se a aproximadamente 600 metros da Lagoa do Faxinal e 1100 metros do Oceano Atlântico. Foi identificado durante as atividades do Projeto Interpraias, ocasião em que se efetuou a coleta total do material arqueológico superficial, representado pelo montante de 25 fragmentos cerâmicos, distribuídos entre 23 fragmentos de parede de vasilhames e 2 fragmentos de borda altamente desgastados pela ação eólica.

Figura 30. Área do sítio SC-ARA-028.



Foto: Josiel dos Santos.

Já o sítio SC-ARA-057 foi identificado recentemente, durante um projeto de arqueologia preventiva, realizado pela equipe de arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (CAMPOS, 2015b). Situado sobre as dunas localizadas próximo ao sopé do Morro dos Conventos, na comunidade homônima, a aproximadamente 700 metros do Oceano Atlântico, é caracterizado pela presença de 37 fragmentos cerâmicos, dos quais 35 de parede de vasilhame e 2 de borda, espalhados em uma área de aproximadamente 400 m², formando dois conjuntos aglomerados

espaçados cerca de 50 metros entre si. Observou-se, a exemplo do sítio anterior, o alto índice de fragmentos com a superfície desgastada. Além dos fragmentos cerâmicos não foram evidenciados quaisquer outros tipos de vestígios arqueológicos.

Figura 31. Área de inserção do sítio SC-ARA-057.



Foto: Josiel dos Santos.

Os sítios SC-ARA-047 e SC-ARA-031 apresentam especial interesse por estarem compostos por reduzido número de fragmentos cerâmicos associados a pequenos concheiros situados nas dunas próximas à foz do rio Araranguá. O primeiro destes sítios é caracterizado por seis montículos cuja superfície é composta por denso material malacológico e fragmentos esparsos de rochas. Destaque-se, ainda, a dispersão das conchas entre os montículos, aventando para a possibilidade de terem havido outros montículos que foram espalhados pela ação eólica ou hidráulica, ou mesmo para uma eventual aglomeração maior que teria se dividido nos que se apresentam atualmente.

Figura 32. Vista parcial da área de inserção dos montículos que constituem o sítio SC-ARA-047.



Foto: Josiel dos Santos.

Associado a estes montículos foram identificados 11 fragmentos de parede de vasilhame com a superfície altamente desgastada dispersos em um raio de aproximadamente 15 metros. Através da análise *in situ* aferiu-se que os fragmentos provieram de um mesmo vasilhame, sendo possível, inclusive, a realização de remontagens do mesmo. Este sítio está localizado no ambiente dunar, situado entre o rio Araranguá e o Oceano Atlântico, dos quais se distanciam, respectivamente, 110 e 140 metros. Apesar do vento constante, a conformação atual das dunas ameniza sua intensidade. O local apresenta, ainda, uma boa visibilidade do entorno.

Já o sítio SC-ARA-031 está localizado a aproximadamente 850 metros do anterior. Composto por cinco montículos apresentando denso material malacológico em superfície. Foram identificados e analisados *in situ* um total de 15 fragmentos cerâmicos, dos quais 2 de bordas e 13 de paredes de vasilhame, todos com o tratamento superficial corrugado. A frequência na espessura destes fragmentos, associadas à similaridade em sua tecnologia de produção, sugere tratar-se, como no sítio anterior, de um mesmo vasilhame.

O levantamento topográfico (Apêndice 2) deste sítio permitiu demonstrar que o mesmo se insere em um ambiente de “vale” entre as elevações dunares do seu entorno, apontando para a facilidade de recorrência de alagamentos em sua área. Pensando desta maneira, as elevações poderiam ter atuado como pequenas ilhas em um eventual cenário de alagamento deste ambiente, cujo papel das conchas espalhadas em sua superfície poderia ser exercer a estabilidade do terreno, provocando desta forma o assentamento das dunas, como forma de resistência à ação da água e do vento constante.

Figura 33. Levantamento topográfico da área do sítio SC-ARA-031 e do seu entorno.

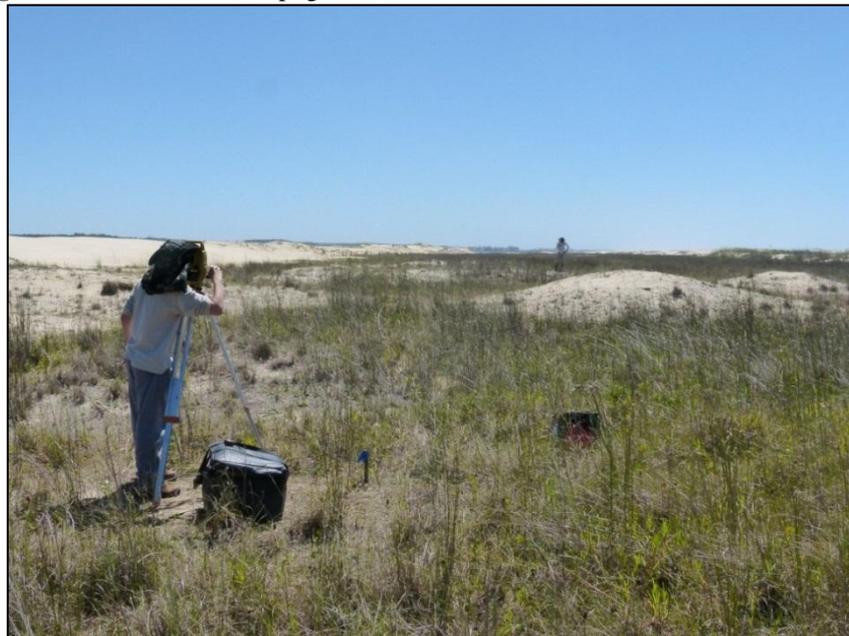


Foto: Josiel dos Santos.

Foram efetuadas, no âmbito do projeto de licenciamento para implantação dos trapiches de pesca do rio Araranguá (CAMPOS, 2015b), intervenções pontuais objetivando levantar informações que pudessem contribuir para a compreensão da formação destes montículos e a visualização de eventual presença de material em subsuperfície. Estas intervenções consistiram na abertura de três sondagens de 50cm x 50cm no topo de três dos montículos.

Estas sondagens permitiram a observação da composição destes montículos, indicando que, no caso dos dois primeiros, o material malacológico se restringiu à sua superfície. Ou seja, em ambos os casos as sondagens, abertas até os 50 cm, evidenciaram um sedimento arenoso claro, sem a presença das conchas ou fragmentos de rochas, como as existentes na superfície. Não foram evidenciadas, também, quaisquer alterações na coloração do solo ou em sua compactação que pudesse sugerir a presença de qualquer estrutura ou feição arqueológica.

Já a sondagem realizada no terceiro montículo permitiu visualizar a recorrência de conchas até os 40 cm de profundidade. No entanto esta presença foi muito esparsa, misturando-se ao sedimento arenoso de coloração clara. Além das conchas, compostas por bivalves indeterminados e *Anomalocárdia brasiliana* (Gmelin, 1791) e de esparsos fragmentos de rochas, não foi identificado nenhum outro tipo de material arqueológico, tais como carvões, feições de terra escurecida, estruturas ou artefatos e fragmentos.

Figura 34. Abertura das sondagens 1 e 2 no sítio SC-ARA-031.



Foto: Rafael Guedes Milheira.

Figura 35. Sondagens 1 e 2 no sítio SC-ARA-031.



Foto: Josiel dos Santos.

Figura 36. Sondagem 3 do sítio SC-ARA-031, onde se nota a presença de material conquiológico e rochoso até 40 cm de profundidade.



Foto: Josiel dos Santos.

7.4 FRAGMENTOS CERÂMICOS ISOLADOS

Os sítios SC-ARA-049, SC-ARA-037, SC-ARA-039 e SC-ARA-056 são distinguidos pela ocorrência de apenas um fragmento isolado em cada um deles. O primeiro destes (SC-ARA-049) está inserido em meio ao cordão de dunas móveis localizado próximo à base do Morro dos Conventos. Encontra-se aproximadamente a uma distância de 500 metros da linha de costa e a 800 metros do sítio mais próximo – SC-ARA-057. Foi identificado um fragmento cerâmico corrugado, não sendo observado nenhum vestígio de outro material ou de eventual mancha de solo escurecido (CAMPOS, 2015).

O sítio SC-ARA-037 é caracterizado pela identificação de um fragmento de cerâmica corrugada às margens da Lagoa do Faxinal, na área do Camping Lagoa Azul. Embora não tenha sido identificada a presença de mais nenhum vestígio arqueológico em superfície, a erosão provocada na margem da lagoa permitiu observar uma camada de solo levemente escurecido em subsuperfície, cuja extensão não foi possível mensurar devido à área estar coberta por vegetação gramínea.

Já o sítio SC-ARA-039 está localizado em um ambiente de meia encosta, sobre o sistema Laguna-Barreira pleistocênica. Está a aproximadamente 1300 metros da Lagoa do Faxinal e 3700 metros da linha de costa. É caracterizado pela presença de um fragmento isolado de cerâmica corrugada. Este sítio, assim como o anterior, tem em seu entorno a presença de vários outros sítios identificados, desde os mais densos até os que apresentam apenas alguns materiais em superfície.

Finalmente, o sítio SC-ARA-056 é caracterizado pela presença de um fragmento de cerâmica corrugada, associada a vestígios conquiológicos e cerâmica histórica. Este material foi identificado junto à abertura de uma cava para utilização como bebedouro do gado, motivo pelo qual o contexto encontra-se intensamente perturbado, não se podendo associar os distintos materiais entre si, impossibilitando qualquer análise estratigráfica. Em sua proximidade, em um raio de 1000 metros, estão identificados outros sítios, também caracterizados pela presença de poucos fragmentos de cerâmica arqueológica. Localizado no terraço de um antigo meandro do rio Araranguá, sua distância do traçado atual deste rio é de aproximadamente 1000 metros.

7.5 SEPULTAMENTOS ISOLADOS

Em campanha de campo realizada no início de 2016 entramos em contato com vários moradores das localidades onde estão inseridos os sítios, a fim de obter informações acerca de sua localização bem como do conhecimento de eventuais sítios inéditos. Foi possível perceber de forma nítida as lembranças que os moradores têm das equipes de arqueologia que passaram pela comunidade em momentos de pesquisas anteriores. Grande parte das pessoas com as quais conversávamos lembrava-se dos trabalhos realizados durante o Projeto Interpraías, em 1999, e das escavações realizadas pelo Instituto Anchieta de Pesquisas, na década de 1990, em um sítio-cemitério na localidade de Barra Velha, município de Balneário Rincão. Em suas narrativas sobre esta escavação em específico os moradores sempre mencionam os enterramentos exumados, descrevendo de forma muito nítida suas observações das atividades de escavação e dos vestígios arqueológicos que foram encontrados.

É recorrente, neste sentido, o relato de desenterramentos de urnas funerárias de forma eventual, seja em construções ou nos trabalhos agrícolas. As descrições feitas destes enterramentos, sejam por aqueles que as encontraram ou por filhos, netos ou mesmo conhecidos, sugerem se tratar de elementos associados à ocupação Guarani na região, apontando, deste modo, para um importante aspecto sociocultural de apropriação do espaço por estas populações.

Com efeito, os sítios SC-ARA-051 e SC-URU-001 tratam-se de urnas funerárias encontradas de maneira fortuita pelos moradores durante o manuseio do solo. O primeiro é constituído por um vasilhame cerâmico que foi localizado durante a construção de uma casa na localidade de Morro dos Conventos. Está situado em área de

baixa encosta do Morro dos Conventos (CAMPOS, 2015). Já o segundo é constituído pelo conjunto de três vasilhames, caracterizando um conjunto funerário, encontrados pelo proprietário do terreno durante atividades agrícolas. Está situado na localidade de Urussanga Velha, município de Balneário Rincão. Situa-se em uma área de topo de elevação, com boa visão do entorno, destacando-se no ambiente a Lagoa da Urussanga Velha e a proximidade do Oceano Atlântico. Segundo o morador do local, seu avô costumava encontrar frequentemente destes vasilhames com as mesmas características enterrados em roças próximas.

7.6 DEMAIS SÍTIOS

Também inseridos na área de estudo, os sítios SC-ARA-003, SC-ARA-005, SC-ARA-006, SC-ARA-020, SC-ARA-023, SC-ARA-027, SC-ARA-034, SC-ARA-036, SC-ARA-054, SC-ARA-055, SC-ARA-058, SC-ARA-060, SC-ARA-061 e SC-URU-002 podem ser entendidos como pertencentes ao sistema de assentamento das populações Guarani pré-coloniais que utilizaram os vários compartimentos ambientais do litoral sul catarinense de forma estratégica e planejada. Neste momento, devido às reduzidas informações disponíveis a respeito da composição dos mesmos, não se pode ainda inferir acerca de sua função dentro do contexto de ocupação regional, requerendo-se, para isso, o aprofundamento destas informações.

7.7 DATAÇÕES OBTIDAS

As escavações efetuadas em anos recentes permitiram a realização de uma série de datações que possibilitam inserir os sítios arqueológicos dentro de um horizonte cronológico. Corroborando as informações etno-históricas e as inferências a partir dos vestígios materiais, as datas apontam para a época em torno do início do período colonial. Ao serem calibradas, englobam um período que vai desde 1450 até 1650 da era cristã, conforme os dados da tabela 11.

Tabela 11. Resultados das datações por C¹⁴.

Sítio	Amostra	Idade Convencional (B.P.)	Calibração Sigma 2	B.P. Cal.	Cód. Laboratório
SC-ARA-008	Carvão	340±30	1450-1640 A.D.	500-310	BETA 366854
SC-ARA-008	Carvão	340±30	1450-1640 A.D.	500-310	BETA 366853
SC-ARA-008	Carvão	320±30	1470-1650 A.D.	480-300	BETA 366851
SC-ARA-008	Carvão	350±30	1450-1640 A.D.	500-310	BETA 366850
SC-ARA-010	Carvão	380±30	1460-1635 A.D.	490-315	BETA 403218
SC-ARA-002	Carvão	400±30	1455-1630 A.D.	495-320	BETA 403217

Comparando com as datações obtidas para o litoral de Jaguaruna, ao norte da região de pesquisa (MILHEIRA, 2010), observa-se a contemporaneidade da ocupação de ambas as regiões. Isto é, esta é uma ocupação que acontece em um mesmo momento, possibilitando inferir-se que se trata de um mesmo grupo que teria chegado e dominado este amplo espaço representado pelo litoral sul catarinense.

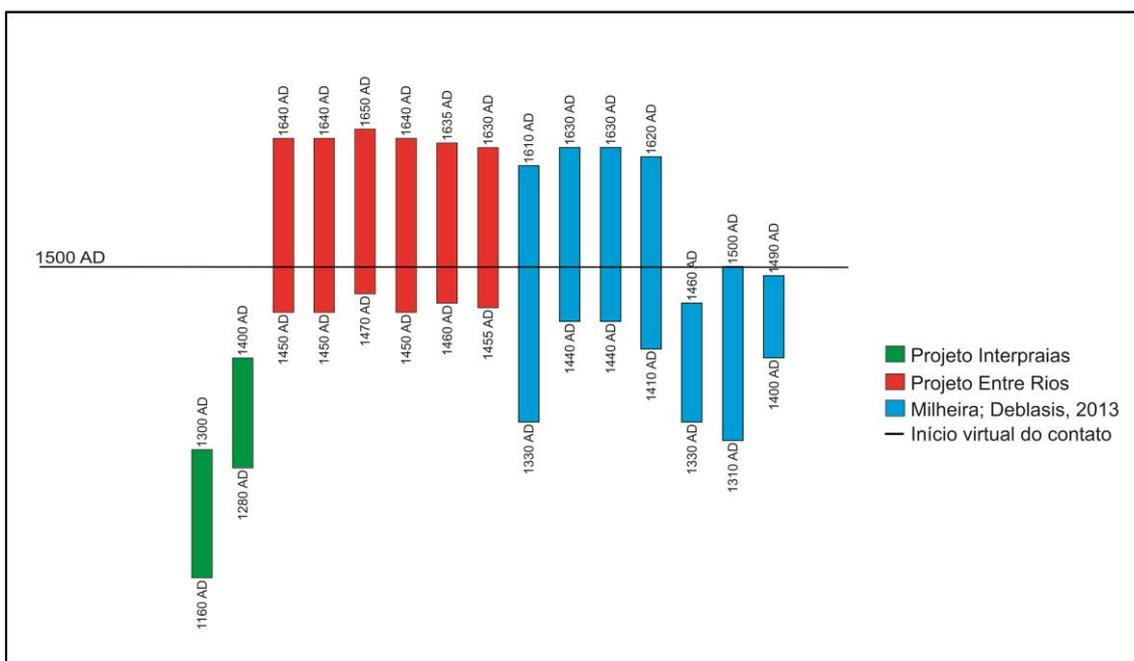
Todavia, a análise deste conjunto de datas permitem algumas reflexões acerca de como teria ocorrido este processo, bem como aponta para algumas problemáticas que precisam ser mais bem elucidadas.

Quando calibradas, estas datas apontam um horizonte de ocupação que demonstra uma evidente similaridade entre os resultados. No entanto, ainda assim apresenta-se a possibilidade de alguns sítios do litoral de Jaguaruna representarem uma ocupação anterior às datas obtidas para a região de Araranguá. A partir destes dados algumas discussões podem ser ventiladas. Neste sentido, as datas mais antigas observadas nos sítios mais ao norte da região de pesquisa apontam para este local como o escolhido em um momento inicial para principiar a ocupação do litoral sul catarinense. Com efeito, partindo do cenário proposto por Milheira (2010), de uma ocupação efetuada de maneira planejada, diante de um possível vazio demográfico local, esta área teria sido escolhida para a localização dos primeiros assentamentos que, com o tempo e o crescimento populacional, ocupariam as outras regiões seguindo a dinâmica do modelo de “enxameamento” proposto por Brochado (1984).

O espaço entre a data mais antiga e a mais recente destes conjuntos chega a 340 anos, apontando para uma rápida ocupação. Rápida e intensa, haja vista a densidade dos registros arqueológicos identificados ao longo do território litorâneo. As datas associadas aos sítios da região de Araranguá, de outra parte, apontam que esses sítios têm seu horizonte de ocupação notadamente depois de 1500. Isto pode estar relacionado

ao processo de conflito com os bandeirantes relatado pela crônica etno-histórica⁴, que situa o rio Araranguá como um importante ponto de comércio de escravos dentro da rede que teria se formado na região sob a liderança de Tubarão – um destacado e conhecido líder regional – e seus aliados. Assim, esta região teria sido alvo de ataques e desagregação social em momento posterior ao que acontece mais ao norte, nas regiões de Laguna, Jaguaruna e Urussanga.

Gráfico 15. Datações de sítios Guarani no litoral sul catarinense.



Todavia, estas hipóteses são complexificadas ao se inserir nas discussões as datações por Termoluminescência efetuadas durante o Projeto Interpraias (LAVINA, 2000), cujos resultados apontaram para 720 ± 70 A.P. no Sítio SC-ARA-021 e 610 ± 60 A.P. no Sítio SC-ARA-004. Estas são notadamente mais antigas que todo o conjunto obtido para o vale do Araranguá, aproximando-se, todavia, de algumas obtidas no litoral de Jaguaruna, mas ainda assim permanecendo como as mais antigas. Considerando-as, o horizonte cronológico da ocupação regional recuar-se-ia e demandaria em se pensar que, destarte, a bacia do Araranguá é que teria sido ocupada em um primeiro momento.

No entanto, observa-se que Milheira (2010) aponta para uma discussão em torno dos resultados destas datações, com interlocução do próprio autor das mesmas, o arqueólogo Rodrigo Lavina, que coloca em questão o resultado das mesmas, pois, ainda

⁴ Este processo histórico é discutido mais extensamente no item “8.2 As etapas do contato e o processo de desocupação”.

que algumas destas datas possam estar dentro do horizonte cronológico de ocupação regional, outras destoam de forma contundente⁵. Entretanto, não se descarta a hipótese de que estes sítios compunham o cenário do primeiro momento da chegada dos Guarani na região, fazendo parte, por seu expressivo recuo temporal, de uma frente exploratória deste território a partir de outras regiões – como a planície norte sul-rio-grandense, por exemplo. Todavia, estas questões precisam ser refinadas com a execução de novas datações, nos mesmos sítios e em outros mais, para que assim se possa proceder às comparações dos resultados e apurar estes dados cronológicos.

⁵ Sobretudo às que foram realizadas no âmbito do Salvamento da ZPE, no município de Imbituba, pelo mesmo pesquisador (LAVINA, 1999).

8. DISCUSSÃO

8.1 DOMINANDO O ESPAÇO ENTRE AS LAGOAS E O MAR: HIPOTETIZANDO A OCUPAÇÃO GUARANI NO LITORAL DO EXTREMO SUL CATARINENSE

A diversidade dos registros arqueológicos aqui apresentada aponta para diferentes estratégias de domínio do ambiente litorâneo, com a presença de locais característicos de assentamentos duradouros, bem como registros que apontam para acampamentos efêmeros relacionados a determinadas atividades específicas dentro do âmbito econômico e social do grupo, como têm apontado a bibliografia sobre o tema (NOELLI, 1993; ASSIS, 1996; SOARES, 1997; MILHEIRA, 2008).

Dentre os sítios que consideramos como aldeias, destacam-se o SC-ARA-004, SC-ARA-007, SC-ARA-008, SC-ARA-017, SC-ARA-018 e SC-ARA-021. Embora destes nem todos tenham sido alvo de escavações, suas características superficiais e locais apontam para a constituição de importantes assentamentos regionais, como uma ampla e diversa quantidade de vestígios arqueológicos em superfície associadas a manchas de solo escurecido e uma localização estratégica no que diz respeito aos recursos disponíveis no ambiente.

Nos sítios SC-ARA-004 e SC-ARA-021, resgatados durante o Projeto Interpraias (LAVINA, 2000), ainda que tenha sido recolhida uma parte amostral dos vestígios, pôde-se observar a ampla variedade do pacote arqueológico, com vestígios cerâmicos e líticos de diversos tipos associadas às manchas de solo escurecido identificadas.

As intervenções realizadas no sítio SC-ARA-008 demonstraram diversos elementos que podem ser relacionados a um local de moradia. O primeiro item a se destacar diz respeito à expressiva quantidade e variedade do conjunto arqueológico exumado nas escavações em relação às outras escavações realizadas nas proximidades. Das três manchas de solo escurecido e seu entorno foi recolhido um montante de aproximadamente 10000 vestígios arqueológicos, entre fragmentos cerâmicos, líticos, conchas, sementes e carvões. Apesar de todo o conjunto cerâmico encontrar-se fragmentado, as análises do tratamento superficial, da frequência de espessura e das projeções gráficas das formas demonstraram a variedade dos vasilhames que teriam sido produzidos e utilizados dentro do contexto de ocupação deste sítio. São elementos que apontam para distintas utilizações, desde aqueles relacionados a um caráter utilitário e

de uso doméstico cotidiano até os que remetem a utilizações em contextos específicos – como momentos de reuniões cerimoniais e festivas.

Outro elemento identificado no sítio SC-ARA-008 ajuda a compreender o contexto de utilização do mesmo. Tratam-se das estruturas de combustão situadas fora das manchas de solo escurecido. Ambas as estruturas identificadas são caracterizadas pela ausência de vestígios líticos ou quaisquer sinais de estacas (que pudessem remeter a uma estrutura de moquém). Além dos carvões e do solo fortemente enegrecido (queimado), foram recolhidos fragmentos de cerâmica de diversos tamanhos. Sua localização fora das manchas escuras aponta para seu uso comunitário entre os membros ocupantes do assentamento. Por suas características componenciais, infere-se que seriam locais de preparo de alimentos. Salienta-se, no entanto, que estes locais poderiam também ser utilizados no processo de queima dos vasilhames cerâmicos. Com efeito, no contexto etnográfico da produção cerâmica entre os Asurini do Xingu, Silva (2000) relata que a queima ocorre em dois estágios. No primeiro o vasilhame é colocado próximo ao fogo durante cerca de meio dia para que ocorra a secagem da pasta. Neste momento, pode ser utilizada de forma complementar uma fogueira onde alimentos estejam sendo cozidos. No momento contínuo, da queima propriamente dita, as vasilhas a serem queimadas são arrumadas na fogueira, apoiadas por pedras ou cacos de cerâmicas, e cobertas por madeiras selecionadas para a realização eficaz da queima. Este processo final da confecção do vasilhame cerâmico ocorre fora da unidade doméstica. Assim, a presença dos fragmentos cerâmicos e a localização fora das manchas escuras indicam, também, a possibilidade de estas estruturas de combustão estarem relacionadas ao processo de confecção de vasilhames cerâmicos.

Quanto à sua localização – exceto pelos sítios SC-ARA-018 e SC-ARA-021 – estão assentados na planície lagunar litorânea. Já o SC-ARA-018 localiza-se na beira do rio Araranguá, ao sopé do Morro dos Conventos, e o SC-ARA-021 se situa em uma área de meia encosta a aproximadamente 200 metros da lagoa dos Esteves. Os sítios SC-ARA-007 e SC-ARA-008 ficam a aproximadamente 900 metros de distância entre si, e entre 1,8 km e 3 km do rio Araranguá, do Oceano Atlântico e da lagoa Mãe Luzia. Já o sítio SC-ARA-017 encontra-se a aproximadamente 200 metros da lagoa dos Esteves.

Observando a distribuição deste conjunto de sítios, percebe-se que há uma preferência em estabelecer os assentamentos a uma relativa distância do oceano, em uma área de planície entre as lagoas e que tem em seu raio de alcance uma variedade de outros sítios que estariam associados a distintas funções dentro do contexto de

organização territorial. Salienta-se, ainda, que este ambiente nos tempos pretéritos seria coberto por vegetação característica da Mata Atlântica, com importantes semelhanças ao ambiente preferencialmente ocupado no histórico de expansão Guarani.

Embora não tenha sido analisado aqui de forma detida, aponta-se que a expressiva quantidade de vestígios líticos identificados nestes sítios reforça a indicação de que se tratariam de aldeias. Neste sentido, estes vestígios materiais representariam a centralidade destes locais na produção, armazenamento e manutenção de ferramentas. As matérias-primas utilizadas, de outra parte, ajudam-nos a vislumbrar o domínio territorial mínimo destes grupos. Para obtenção de determinadas matérias-primas, como arenito Botucatu, calcedônia e quartzo, precisariam realizar incursões ao interior.

De fato, poderiam ocorrer expedições similares às levantadas por Noelli (1993, p. 122):

[...] existem muitas informações históricas sobre os amplos deslocamentos para guerrear ou buscar matérias-primas [...]. As pesquisas etnobiológicas sobre caçadas de populações tropicais também demonstram que várias atividades concomitantes eram desenvolvidas durante as saídas da aldeia, entre as quais a procura e localização de matérias-primas.

São expedições, portanto, que poderiam também ocorrer nesta região, haja vista os relatos etno-históricos de incursões ao interior onde ‘faziam guerra aos Tapuias’ (RODRIGUES, [1607] 1940). Estas viagens poderiam ser aproveitadas, também, para a obtenção destes recursos líticos.

De outra parte, há o sítio SC-ARA-002, localizado em área de topo de elevação proveniente das dunas holocênicas que se situam ao oeste do cordão lagunar. Este, pelo seu conjunto material, pode ser considerado como um assentamento permanente de pequenas dimensões. Isto pode ser inferido a partir da relativa variedade observada em seu conjunto cerâmico, bem como pela presença de manchas de solo escurecido que, embora apresente espessura menos em relação aos sítios maiores localizados na planície lagunar, pode ser considerada como oriunda de uma estrutura de habitação. Esse sítio, localizado em área elevada, pode ser entendido como um importante ponto de observação do ambiente regional, com uma ampla vista do complexo lagunar e da linha costeira, e conseqüentemente dos assentamentos alocados nessa área. Esta inserção privilegiada poderia, ainda, contribuir para a eleição deste e de outros locais semelhantes como lugares de atividade ‘especiais’ dentro do contexto sociocultural do grupo, como execuções de atividades rituais e religiosas.

Em contrapartida a estes sítios com maior densidade de vestígios estão aqueles que, embora inicialmente possam ser considerados como de poucas informações, apresentam um imenso potencial para o entendimento das estratégias de ocupação do ambiente regional. São caracterizados, sobretudo, por um reduzido número de fragmentos cerâmicos – menos de uma centena em cada um. Estes estão inseridos em diversos compartimentos ambientais ao longo do litoral.

Pensando a forma como os Guarani se apropriavam do ambiente, a bibliografia demonstra que, além dos conhecidos cultivos de mandioca, milho e batata, dos quais dominavam um variado número de espécies e técnicas de preparo e processamento, produziam uma extensa gama de produtos vegetais – um contundente exemplo deste domínio é a *Enciclopedia Guaraní-Castellano de Ciencias Naturales y Conocimientos Paraguayos*, compilada por Carlos Gatti em 1985, que arrola, tanto através do contato com os Guarani do Paraguai quanto a partir de levantamentos históricos, cerca de 2000 plantas por eles utilizadas. Consoante Noelli (1994, p. 17), “analizando los datos antiguos, los primeros diccionarios y los restos arqueológicos, se revela ante nuestros ojos un cuadro [...] caracterizado por la riqueza y variedad de sus elementos”.

Los cultivos de la chacra guaraní muestran indirectamente un adecuado manejo agroforestal y la capacidad de este pueblo agricultor por realizar amplias modificaciones fitogeográficas y fitosociológicas. Dentro del cuadro de las agriculturas amazónicas, la chacra guaraní las supera a casi todas en el número de especies que son por ellos cultivadas (NOELLI, 1994, p. 17).

Neste sentido, mais do que grupos com uma economia baseada em víveres pouco variados ou grupos dependentes da oferta de coleta, caça ou pesca, sendo assim dependentes passivos das potencialidades do ambiente em que se inserem – como de certa forma têm-se defendido por parte dos pesquisadores sob uma perspectiva da “arqueologia da fome” (como aponta CEREZER, 2011) – estas populações eram hábeis manipuladoras e transformadoras do ambiente ao seu redor. O grande número de designações referentes ao ecossistema (em seus termos faunísticos, florísticos e geológicos) dentro da língua Guarani demonstra seu refinado conhecimento ecológico (GATTI, 1985; NOELLI, 1994; 1998a e b, PEREIRA, 2014), que seria, por sua vez, adquirido, reproduzido, transformado e transmitido ao longo das gerações. Em sua compilação etnográfica, Carlos Gatti (1947 apud NOELLI, 1998a, p. 73) aponta:

Observador meticuloso [o povo Guarani] dejó muy pocas plantas o animales sin denominar. Esta virtud o arte para denominar adecuadamente las cosas se manifiesta constantemente en la facilidad con que nuestro pueblo apoda o

bautiza a las personas y los objetos y, en forma tan acertada que estos nombres no se borran ni olvidan nunca.

Na produção têxtil eram utilizadas diversas variedades vegetais para a confecção de tecidos, cordas, fios, como Bromeliáceas, Urticáceas, Palmáceas, cipós dentre outras, além do algodão. Os próprios equipamentos, como teares, urdideiras, agulhas, “laçadeiras de tecelã”, “pentes de tecelã”, eram elaborados a partir de diferentes matérias-primas provenientes do meio vegetal (NOELLI; LANDA, 1993; LANDA, 1995). A escolha das melhores espécies para cada uma destas atividades era baseada no conhecimento tradicional, que ao longo do tempo manter-se-ia na tensão entre a permanência do tradicional e os novos ambientes encontrados ao longo de sua expansão, modificando-os à sua maneira a partir dos transplantes e da inserção de espécies trazidas de territórios anteriormente dominados (NOELLI, 1998b; 1999/2000).

Diante desta complexa gama de atividades, utilizações e mesmo modificações, não é de estranhar que estas populações seriam portadoras de um refinado capital cognitivo ecológico. Certamente, toda uma tradição ontológica e epistemológica se mantinha através do tempo e era transmitida entre as gerações. O natural e o sociocultural, dentro desta ótica, não se veem delimitados em lugares distintos e separados, mas participam de uma rede intrínseca, não dissociada, que permeiam os diversos aspectos da vida cotidiana, englobando elementos religiosos, culturais, sociais, econômicos, simbólicos, afetivos e políticos.

Todo este elaborado conhecimento exigia, portanto, um mapeamento sofisticado do território em que estavam inseridos, redundando na formulação de complexas estratégias de domínio ecológico. Assim, os espaços seriam continuamente apropriados física, social e cognitivamente, com a implantação de diversos pontos avançados além dos limites das áreas centrais das aldeias e das unidades habitacionais propriamente ditas. Com efeito, a bibliografia demonstra esta organização territorial com a presença de acampamentos em locais de roça, caça, coleta (tanto de gêneros alimentícios quanto de matéria-prima para a confecção de seus artefatos) e pesca (NOELLI, 1993; ASSIS, 1996; SOARES, 1997).

Os registros materiais destas atividades, por suas características específicas, se diferem daqueles oriundos dos assentamentos de moradias por terem um caráter mais efêmero e tênue. Estes sítios, assim, por vezes considerados como de menor interesse de estudo, equivocadamente interpretados como detentores de poucas informações em

relação aos sítios maiores, carregam um potencial essencial para que se amplie o entendimento das estratégias que os Guarani utilizavam em seu meio.

Dentre os sítios aqui pesquisados, observa-se uma importante diversidade de inserção em variados ambientes, apontando para uma dinâmica exploração desta área litorânea. Dentro desta perspectiva, os sítios SC-ARA-019 e SC-ARA-020 são sítio que apontam para atividades relacionadas ao cultivo, à caça e à coleta. Distanciando-se 900 e 300 metros, respectivamente, da lagoa mais próxima, a funcionalidade destes sítios não parecem estar relacionadas às atividades ligadas à pesca nestes locais. Distanciando-se 1300 metros entre si, estes sítios estão implantados em área de baixa vertente, sobre depósitos da planície lagunar. Este ambiente estaria coberto pelo ecossistema de Mata Atlântica, onde encontrar-se-iam as espécies animais e vegetais que faziam parte de seu conjunto alimentar e artefactual. Como foi extensamente demonstrado por Noelli (1993), o vasto conhecimento de técnicas de caça desenvolvido pelos Guarani estaria sendo utilizado neste ambiente para apresar e iniciar o processamento da carne de animais de variados portes.

A constatação de uma tênue mancha de solo escurecido e duas pequenas estruturas de combustão no sítio SC-ARA-019 leva a pensar, ainda, em uma ocupação não tão efêmera, contudo não chegando a se configurar como um local de moradia, haja vista a escassez dos vestígios materiais e a reduzida área da mancha de solo escurecido. A parca quantidade de fragmentos cerâmicos resgatados está relacionada à vasilhas utilitárias de pequeno porte, como demonstram seu tratamento de superfície e espessuras. Outros tipos de vestígios são ausentes. Estas informações nos permitem, desta maneira, aventar uma incipiente interpretação acerca da funcionalidade do sítio. Ao que parece, trata-se do que restou de uma estrutura complementar que estaria ligada às atividades realizadas no meio da mata, em local distante da aldeia principal. Estas atividades podem estar relacionadas ao preparo e cultivo da roça. Embora não tenhamos mais vestígios materiais que demonstrem de forma contundente esta hipótese, parte-se do pressuposto de que os acampamentos relacionados à caça ou coleta teriam duração mais rápida, o que não parece ser este o caso, haja vista a formação da mancha de solo escurecido. Assim, este acampamento poderia ser mais duradouro sendo ocupado durante as distintas etapas necessárias para o cuidado dos cultivos. Em seu *Vocabulario de la lengua guaraní*, Montoya denomina estas estruturas relacionadas às roças de “choça de chácara” – *capiaba, amunda* – que seriam utilizados tanto para

dormir quanto para o depósito, processamento e produção de variados itens (NOELLI, 1993).

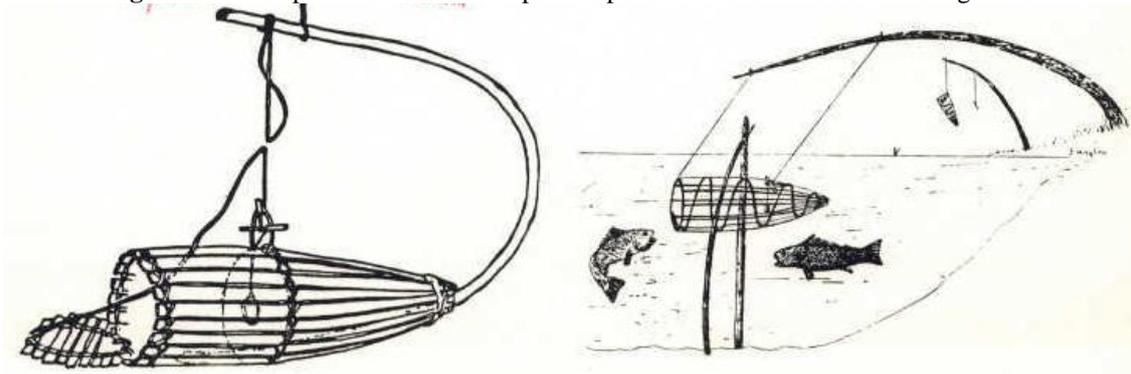
Já os sítios SC-ARA-022 e SC-ARA-024 situam-se nas proximidades da margem oeste da lagoa dos Esteves. A reduzida quantidade de fragmentos cerâmicos de ambos estão associados à pequenos vasilhames de utilidade prática, como o demonstram seu tratamento de superfície e sua espessura.

As informações etno-históricas apontam para uma variada gama de técnicas e instrumentos utilizados para a pesca, sendo que Métraux lista, para os Tupi-Guarani em geral, onze delas, e para os Guarani em específico uma quantia de no mínimo quatro. Montoya também cita uma variedade de verbetes que apontam para no mínimo oito tipos de técnicas utilizadas na pesca. Estas técnicas, por suposto, seriam aplicadas de acordo com os ecossistemas e com as necessidades ou resultados esperados pela comunidade ou pelos indivíduos (NOELLI, 1993).

Dentre os variados equipamentos e estratégias para captura de peixes e outros animais aquáticos, comuns à várias populações indígenas, estão anzóis, arco e flecha, tridentes, lanças, peneiras, puçás, variedades de redes e naças, paris, ictiotóxicos, currais dentre outros. A efetuação destas atividades realizar-se-ia tanto individualmente quando em grupos. A pesca por arco e flecha, lança e anzóis, por exemplo, poderia ser realizada individualmente, ao passo que a utilização de redes, peneiras e ictiológicos eram realizadas por mais pessoas (NOELLI, 1993; NOELLI, MOTA; SILVA, 1996).

Uma modalidade de armadilha que poderia ter sido utilizada nas lagoas seria uma espécie de cesto trançado associado à um mecanismo de gatilho e tensão por elasticidade (Figura 37). Esta armadilha seria uma variedade de nassa (NOELLI, 1993). A instalação de um número variável às margens das lagoas potencializariam a pesca, na medida em que poderia ser feita por um número pequeno de indivíduos e, devido seu mecanismo de alçapão, não precisaria de vigilância constante, deixando tempo livre para a execução de outras atividades.

Figura 37. Exemplo de armadilhas de pesca a partir de mecanismo de tensão e gatilho.



Fonte: Noelli, 1993.

Considera-se válido, ainda, inferir a utilização de canoas na obtenção dos recursos aquáticos e na locomoção. Em âmbito local, os rios Araranguá, Urussanga e dos Porcos e o Oceano Atlântico se apresentam como potenciais vias navegáveis dentro do território. Já no rosário de lagoas as canoas poderiam ter sido utilizadas também na prática da pesca, aliando-se com o uso de arco e flecha, lança e anzóis. Com efeito, o uso de canoas é comum atualmente entre as comunidades tradicionais de pescadores do litoral sul catarinense.

Figura 38. Pesca embarcada praticada atualmente no rio Araranguá.



Foto: Josiel dos Santos.

Não obstante a ausência de exemplares etnográficos ou arqueológicos, as canoas são fartamente mencionadas nas crônicas etno-históricas, onde são relatados seus usos, formas de confecção, instrumentos utilizados, dentre outros elementos. O documentos iconográficos também são contundentes em representar sua utilização (NOELLI, 1993).

Figura 39. Gravura representando práticas de pesca.



Fonte: Hans Staden, [1557] 1930.

Destes sítios que apontam para funções específicas dentro de um contexto sistêmico têm-se ainda os que encontram-se sobre as dunas holocênicas, próximos à linha da costa atlântica. Este ambiente, associado a lagoas, matas de restinga e banhados, apresenta grande potencialidade para a obtenção de alimentos, como peixes, moluscos e pequenos animais. Este seria o caso dos sítios SC-ARA-028 e SC-ARA-057, que, implantados nestas regiões dunares, podem ser considerados como pontos avançados relacionados às aldeias localizadas sobre as planícies mais ao interior. Infere-se isto na medida em que se calcula a distância que haveria entre estes pontos e os corpos aquáticos locais (lagoas, rios e mar). Os vestígios arqueológicos identificados nestes sítios, como nos casos anteriores, remetem a ocupações efêmeras, relacionadas a acampamentos. O vento constante destas áreas certamente contribuía para que não se instalassem moradias permanentes. Todavia, a riqueza faunística e florística destes ecossistemas inseriam-nos dentro da economia do grupo, resultando assim no domínio destas ecozonas.

Outro tipo de sítio presente sobre as dunas holocênicas refere-se a pequenos montículos cobertos por conchas em cuja superfície foram identificados fragmentos de cerâmica associada aos Guarani – é o caso dos sítios SC-ARA-031 e SC-ARA-047.

O levantamento topográfico em um destes sítios permitiu observar que este conjunto de elevações se insere em um pequeno ‘vale’ entre os montes de dunas que os rodeiam. Por se localizar em uma área mais baixa que o seu entorno, o alagamento destas áreas em determinados períodos do ano certamente redundava em oferta de recursos aquáticos, dentre os quais se encontrariam os moluscos. Isto aponta, em um primeiro momento, para sua utilização estratégica como postos avançados para a coleta destes recursos, sendo que os montículos de conchas seriam resultantes dos processos do processamento inicial e descarte das conchas. Todavia, as intervenções realizadas no sítio SC-ARA-031 demonstraram que estas conchas estão presentes apenas na superfície dos montículos. Esta informação aponta, portanto, para a presença do material conchífero não como restos alimentares, mas como elementos construtivos, que teriam sido utilizados sobre a superfície das dunas para manter sua estabilidade.

Um fator que fica em aberto, no entanto, diz respeito a se estes locais foram contruídos pelos Guarani ou se são espaços reapropriados de ocupações anteriores e inseridas dentro de seu contexto social – questão a ser elucidada com novas intervenções e com a efetuação de datações. O reduzido número de fragmentos cerâmicos associados à estas elevações apontam, assim como em sítios anteriores, para vasilhames de contexto de uso prático e de pequeno porte. Neste sentido, pode-se pensar estes locais como acampamentos avançados especializados na obtenção de recursos aquáticos, sejam aqueles oriundos dos alagamentos esporádicos das dunas, do rio Araranguá ou mesmo do Oceano Atlântico.

Os fragmentos isolados, por sua vez, encontram-se dispersos entre todo este complexo de sítios, podendo ser tomados como mais um testemunho de que estes ambientes eram intensamente explorados através dos vários tipos de atividades desenvolvidas. Podem ser tomados como um registro dos constantes deslocamentos dentro do território de domínio, fruto das transições entre os diversos ambientes do seu cotidiano.

Vive-se e morre-se. E a morte também tem seu lugar dentro do território dominado, demonstrando sua apropriação simbólica e cultural. Objetos de infundáveis práticas rituais e simbólicas entre as mais distintas culturas, arqueologicamente este fenômeno pôde ser percebido nesta pesquisa nos sepultamentos e urnas funerárias, identificados nas prospecções e relatados fartamente nos momentos em que entrávamos em contato com as pessoas da comunidade durante as campanhas de campo.

Salienta-se, por fim, que não consideramos que estejamos tratando de um *Teko'á* em sua totalidade territorial, no interior do qual se desenrolariam suas diversas dinâmicas sociais e políticas (SOARES, 1997), mas de uma porção interna a um território de domínio mais amplo, que se estende tanto ao norte, na direção dos vales dos rios Urussanga e Jaguaruna, quanto ao sul, se dispersando ao redor do conjunto de lagoas que caracterizam a região limítrofe entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se alongando sobre a bacia do rio Mampituba e, quiçá, adentrando a planície costeira do litoral norte sul-rio-grandense. A ocupação deste amplo território litorâneo é corroborada pelas evidências arqueológicas e etno-históricas (RIBEIRO, 2004; ROGGE, 2006; PESTANA 2007; MILHEIRA, 2008; ROGGE; SCHMITZ, 2010; WAGNER, 2014).

Contudo, as eventuais fronteiras naturais e as características dos vestígios arqueológicos não permitem, ainda, estabelecer limites geográficos precisos quanto a unidades sócio-políticas que delimitem a formação de distintos *teko'ás* nesta ampla área litorânea. A este respeito, pode-se tomar o relato do jesuíta Jerônimo Rodrigues como aporte inicial para elucidar esta questão, considerando que este religioso testemunha, em suas descrições, ainda que implicitamente, certa unidade de parentesco entre grupos que viviam desde a região de Laguna até o rio Mampituba, ao passo que relata, de outra parte, relações ora de comércio ora de distanciamento que ocorriam entre estes e outros grupos que habitavam mais ao sul do Mampituba – pelo religioso denominados de Arachã (RODRIGUES, [1607] 1940).

8.2 AS ETAPAS DO CONTATO E O PROCESSO DE DESOCUPAÇÃO: POR UMA HISTÓRIA INDÍGENA DO LITORAL CATARINENSE

O contato entre as populações indígenas que viviam no litoral catarinense e a sociedade europeia remete já aos primeiros anos de exploração no continente recém-descoberto. Estes contatos ocorrem de forma intensa e com características peculiares de acordo com o período e a intencionalidade das partes concorrentes, que do lado europeu representaram diversas nações, como França, Espanha, Portugal, Alemanha e Inglaterra (MELLO, 2005).

O momento inicial deste processo é caracterizado pelo reconhecimento e primeiras explorações da costa e de seus habitantes. O primeiro relato de que se tem notícia é o do comerciante francês Binot Paulmier de Gonneville, que em 1504 teria

atracado involuntariamente na costa norte catarinense, na região de São Francisco do Sul, onde convivera por um breve período com a população (supostamente Guarani) que ocupava aquela região. Este primeiro contato trata mais dos estranhamentos e primeiras relações entre os desconhecidos, que teria ocorrido aparentemente de forma amistosa, haja vista que, quando este viajante retorna à sua terra natal leva consigo o filho do líder do grupo (PERRONE-MOISÉS, 1992).

Os primeiros europeus a efetivamente se estabelecerem no litoral catarinense, contudo, são os sobreviventes do naufrágio de uma caravela da expedição de João Dias de Solis ao Rio da Prata, em 1516. Estes são contatados posteriormente por Rodrigo de Acuña, que, após vários reveses durante a expedição da *Segunda Armada al Maluco [Molucas]*, aporta na baía dos Patos, que posteriormente nomear-se-ia Porto de Don Rodrigo (atual município de Garopaba). Durante sua estada, reabastece sua nau com água, comidas e lenha e toma informação, junto aos espanhóis que ali moravam desde o naufrágio da caravela da expedição de Solis, de incursões que haviam sido realizadas ao interior do continente (MELLO, 2005).

A instabilidade dos limites territoriais desta parte do continente quando da partilha do Novo Mundo pelas coroas portuguesa e espanhola – no Tratado de Tordesilhas, em 1494 – e o desinteresse inicial dos portugueses na exploração de sua colônia nas primeiras décadas após 1500, preferindo concentrar seus esforços no comércio asiático e africano, concorreram para que ocorresse uma relativa facilidade no estabelecimento de contatos e comércios entre os habitantes desta costa e navios sob a bandeira da coroa espanhola. Com efeito, as qualidades de seus portos naturais foi ponto marcante para a potencialização destas relações, pois as esquadras vindas do outro lado do Atlântico encontravam aqui importantes entrepostos antes de alcançarem o rio da Prata, pelo qual adentrariam o continente (MELLO, 2005).

Estas transações comerciais se estruturam de tal forma e com tal rapidez que já em 1527 uma *Relación de lo recibido y pagado por Henrique Montes em la isla de Santa Catalina* narra extensamente os produtos europeus que eram trocados por artigos da terra. Vivendo nesta região há dez anos, desde que escapara do naufrágio da caravela da expedição de Solis, a relação de Henrique Montes dá, ainda, subsídios para se vislumbrar os primeiros anos da presença europeia neste lugar, como o surgimento de um “Arraial” na baía sul da ilha de Santa Catarina, fundado e estruturado sob a liderança de Sebastião Caboto (MELLO, 2005).

Chegando à ilha de Santa Catarina em 1549, Hans Staden atesta o desenvolvimento desta protoformação de uma sociedade entre espanhóis e indígenas.

Relata o viajante alemão:

Adiantando-nos, vimos ao longe, sobre uma rocha, um madeiro, que nos pareceu uma cruz e não compreendíamos quem a teria posto ali. Chegámos a ella e achámos uma grande cruz de madeira, apoiada com pedras e com um pedaço de fundo de barril amarrado e, neste fundo, gravadas uas letras que não podíamos lêr, nem adivinhar qual o navio que teria erigido esta cruz [...] Continuámos então rio acima e levámos o fundo do barril. Durante a viagem, um dos nossos examinou de novo a inscrição e começou a comprehendel-a. Estava ali gravado em lingua espanhola: SI VEHN POR VENTURA, ECKY LA ARMADA DE SU MAJESTET, TIREN UHN TIRE AY AUERAN RECADO (se viene por ventura aqui la armada de su magestad, tiren um tiro y haran recado) (STADEN, 1930 [1557], p. 45).

Ao se encontrar com um espanhol que ali vivia entre os índios, este lhe relatou que há três anos estava naquela costa. Vindo de Assunção, na província do Rio da Prata, ali ficara por ordem do capitão João de Salazar – um dos colaboradores de Pedro de Mendoza na fundação de Buenos Aires – a fim de “fazer com os Cariós, que eram amigos dos espanhóis, plantassem raízes que se chamam mandioca e suprissem as naus que disso precisassem” (STADEN, 1930 [1557], p. 47). Isto aponta, portanto, para a existência de uma rede de relações comerciais entre os indígenas da costa e os espanhóis que navegavam o mar litorâneo em direção à foz do Prata e seus domínios no interior do continente.

Esta brevíssima reminiscência histórica justifica-se na medida em que insere as populações Guarani que habitavam a costa catarinense dentro do contexto histórico da formação colonial do Novo Mundo, não apenas como agente passivo ou isolado do empreendimento colonial, mas como agente ativo e participante. De relevância fundamental para as navegações espanholas que atingiram a foz do Prata e o interior do continente, foram colaboradores inclusive de incursões pelo interior do território catarinense – como seria o caso do *adelantado* Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (em 1542). Talvez por tratar-se de eventos ligados à formação da América Espanhola, este é um quadro da história Guarani e catarinense que aguarda a devida exploração (para um exemplo profícuo da potencialidade historiográfica deste período, veja-se MELLO, 2005).

No litoral sul catarinense o contato se deu de forma mais efetiva a partir da instalação das missões religiosas e da chegada das bandeiras, sendo deste momento,

portanto, que temos informações históricas e arqueológicas especificamente para a região de pesquisa e suas adjacências.

As missões religiosas, tanto na América portuguesa quanto na América espanhola, acontecem de forma paralela e associada ao projeto colonizador, ora confrontando-o, ora avalizando-o. Neste sentido, o primeiro esforço de cristianização Guarani que ocorre na região litorânea da Província de Santa Catarina remete-se à instalação dos frades franciscanos frei Bernaldo de Armenta e frei Alonso Lebrón, no ano de 1538. Ao que tudo indica, estes religiosos inicialmente não encontraram resistência quanto à pregação da nova fé aos Guarani da região de Viaça (Laguna). O frei Armenta tinha grande respeito local, o que facilitava sua inserção entre os habitantes desta localidade e a disseminação de suas pregações. No entanto, estas relações tiveram um interlúdio conflituoso quando, por volta de 1541, os indígenas se revoltaram com os frades por estes queimarem algumas de suas casas – possivelmente por causa de pestilências que teriam tomado o lugar. Revoltados, os Guarani mataram dois dos franciscanos, provocando o temor e posterior fuga do restante dos religiosos, que se juntaram ao grupo de Cabeza de Vaca em sua viagem desde o litoral catarinense até o Paraguai. Questões políticas, no entanto, fizeram com que ocorressem desavenças entre o *adelantado* e os franciscanos. Estes, então, retornaram seu caminho, retomando a missão evangelizadora em Viaça até a morte de Bernaldo de Armenta em 1546 e o sequestro de Alonso Lebrón e outros religiosos por duas caravelas portuguesas, em 1548 (MELLO, 2005).

Este sequestro certamente está associado com o início das investidas bandeirantes à região com o objetivo de capturar mão-de-obra escrava que seria levada e vendida no sudeste. Em 1549 o Pe. Manuel da Nóbrega, fundador da Companhia de Jesus no Brasil, denuncia, a partir da Bahia, os ataques perpetrados pelos vicentistas à missão franciscana no Viaça em epístola que escreve ao Pe. Simão Rodrigues de Azevedo. Assim descreve este assalto:

Entre outros saltos que nesta costa são feitos, hum se fez a dous annos muito cruel, que foy irem huns navios a hum gentio que chamão os Charijos, que estão além de S. Vicente [...] Elle somente tem 200 legoas de terra, entre eles estavam convertidos e baptizados muitos [por dous clérigos que lá foram]. Morreu um destes clérigos e ficou o outro e prosseguio o fructo. Forão ali ter estes navios que digo, e tomarão o Padre dentro em hum dos navios com outros que com ele vinhão e levantarão as vellas. Hos outros que ficarão em terra vierão em paos à borda do navio, que levassem embora os negros⁶ e que

⁶ Era costume, nos primeiros tempos da colonização portuguesa, a referência às populações indígenas como “os negros da terra”.

deixassem ho seu Padre, e por nom quererem hos dos navios, tornarão a dizer que, pois levavão ho seu Padre, que levassem também a eles, e logo hos recolherão e os trouxerão, e ho Padre poserão em terra (apud MELLO, 2005, p. 290).

Segundo a continuação do relato, os indígenas que subiram ao navio foram vendidos nas capitâneas do sudeste. O padre Nóbrega continua sua missiva exortando à que se revogue o aprisionamento destes e que se lhes restitua à sua terra.

Outra missão, desta vez encabeçada pelos missionários Jerónimo Rodrigues e João Lobato, da Companhia de Jesus, é empreendida na região entre os anos de 1605 e 1607. Esta missão ficou conhecida como a “Missão dos Carijó”. A narração de Jerónimo Rodrigues demonstra que estes religiosos estiveram por toda a região do litoral sul catarinense, desde Imbituba até o rio Mampituba.

O relato dos trabalhos evangelizadores efetuados por estes padres dá conta de importantes informações acerca do contexto histórico da época. Faz ligeira referência a uma missão catequizadora anterior, ao se referir a “[...] alguns Cristão antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vícios e desventuras” (RODRIGUES, [1607] 1940, p. 224).

Bastante evidente na carta de Jerónimo Rodrigues é a ocorrência de apresamentos e negociações levadas a termo tanto por “brancos” quanto por próprios indivíduos do grupo Guarani. Um personagem conhecido na região por realizar esta prática, segundo o jesuíta Jerónimo Rodrigues, é Tubarão⁷. De acordo com o missivista, este personagem, juntamente com seus irmãos, adquiriu fama a partir do apresamento e da negociação de Guarani com comerciantes escravistas do sudeste da colônia.

A esse respeito, o religioso relata:

Este índio é o afamado Tubarão, o qual não é principal, nem tem gente, mas tem grande fama entre estes por ser feiticeiro e ter três ou quatro irmãos, todos feiticeiros, e todos eles são grandíssimos tiranos e vendedores, e de quem os brancos fazem muito caso, por que estes lhes enchem os navios de peças [...] (RODRIGUES, [1607] 1940, p. 222).

Os rios da região, bem como sua foz, são mencionados como importantes pontos de comercialização destes escravos, como se infere da seguinte citação:

⁷ Embora aqui o nome *Tubarão* se refira a um indivíduo específico, é importante ressaltar que este termo designa, muitas vezes, os indígenas especializados no apresamento e comércio de escravos oriundos de seu próprio grupo (MONTEIRO, 2005). Este termo aparece com este sentido em outra passagem desse mesmo relato.

O lugar aonde os brancos vão resgatar, são dous rios que estão além da Laguna dos Patos, *scilicet*, Ararunguaba, e Boipitiba. Entrando pois os navios na Laguna, que é boa barra e segura pera qualquer negócio que suceder, mandam logo recado ao Tubarão, ou qualquer de seus irmãos, que são por todos quatro ou cinco (RODRIGUES, [1607] 1940, p. 222).

Após a vinda destes missionários, várias outras expedições, durante os 35 anos seguintes, buscaram difundir os ensinamentos e o modo de vida católico aos habitantes que aí encontrassem – dentre as quais se encontra a do Pe. Inácio de Cerqueira, em 1635 (LINO, 2007).

Retomando a narrativa empreendida por Jerónimo Rodrigues, pode-se entrever que na região havia se estabelecido uma complexa rede de apresamentos e comercialização de escravos, levadas a cabo por bandeirantes associados a lideranças Guarani. Com efeito, este fenômeno, relatado na bibliografia etno-histórica, fez parte de um projeto político e econômico empreendido pelos vicentistas em direção aos “sertões”, cujo principal objetivo era a captura de mão-de-obra escrava indígena, mas que, de forma secundária, contribuiu para a expansão dos domínios coloniais portugueses e para o encontro de fontes de metais preciosos.

Além das já aludidas menções dos padres Manuel da Nóbrega e Jerónimo Rodrigues, vários outros são os relatos sobre estas incursões no litoral sul catarinense. O depoimento do jovem português Martim de Brás Árias, prestado no ano de 1549 em Sevilha, sobre uma expedição vicentista da qual fizera parte dois anos antes, demonstra que as missões evangelizadoras exerciam atração sobre os ataques dos bandeirantes, que viam nestas aglomerações maior facilidade de domínio e apresamento. Segundo seu relato, após a chegada de duas naus à missão franciscana do Viaça, comandadas por Pascoal Fernandes, senhor de engenho em São Vicente, e por Martim Vaz, de Ilhéus, a relação entre as partes foi de cordialidade. No entanto, em dado momento – assim como relatado por Manuel da Nóbrega – os religiosos foram sequestrados nos navios.

E depois de os terem preso, foram o padre frei Lebrón e os ditos donos do navio à terra para onde os ditos espanhóis tinham os índios e índias cristãos em seu catecismo, e os cativaram todos, que no cálculo desta testemunha seriam cento e tantas peças entre homens e mulheres, e os meteram nos ditos navios, como também ao dito frei Alonso Lebrón e Alonso Benítez, e partiram de lá os dois navios com todos os presos acima declarados (apud MELLO, 2005, p. 293).

O processo histórico iniciado à época destes eventos constituir-se-á, ao longo da última metade do século XVI e primeira metade do século XVII, por intensos e

constantes ataques aos Guarani da região, compondo um trágico quadro de dizimação física e desestruturação social (MONTEIRO, 2005).

Os ataques, assim, vão sendo intensificados, ganhando força, em fins do século XVI, o processo de escravização, inserido no movimento de expansão de fronteiras empreendido pelos vicentistas. A violência é muitas vezes relatada e rechaçada pelos missionários, que se mantinham em constante tensão com os bandeirantes em torno da questão do apresamento indígena. O jesuíta Fernão Cardim narra que umas das práticas de apresamento era os vicentistas se passarem por padres, que “os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferrão, fazendo primeiro nelles lá no sertão grande mortandade, roubos e saltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc. [...]” (apud MELLO, 2005, p. 521).

A prática violenta dos bandeirantes nestes apresamentos adentra o século XVII. “Segundo o relato de um jesuíta, o método usual dos paulistas consistia em cercar a aldeia e persuadir seus habitantes, usando de forças ou de ameaças, a acompanhar os colonos de volta para São Paulo. Um destino terrível reservava-se às aldeias que ousassem resistir. Nestes casos, os portugueses ‘entram, matam e assolam [...] e casos houve em que se queimaram povoações inteiras só para o terror e espanto dos que ficavam vizinhos’” (MONTEIRO, 2005, p. 73).

A esta violência sistemática acrescenta-se as epidemias que seriam comuns no processo de contato entre as populações do Velho e do Novo Mundo (CROSBY, 2011). Diante disto, observa-se o rápido e intenso esvaziamento da ocupação Guarani na região litorânea, resultado do genocídio e dos aprisionamentos provocados pelos ataques dos bandeirantes vicentistas, das epidemias trazidas já desde os primeiros naufragos que aportaram na costa nos primeiros anos do século XVI e da fuga, principalmente para o interior, dos que sobreviveram a este processo violento.

Desta série de eventos históricos a arqueologia da região permite entrever importantes traços materiais. No caso das missões religiosas empreendidas no litoral sul, alguns objetos identificados no sítio SC-ARA-017, apesar de constituírem-se em uma amostra mínima, apresentam-se como um contundente testemunho material da presença missionária e das correspondências culturais ocorridas.

Um primeiro destes vestígios refere-se a uma base de castiçal em cerâmica. Trata-se de um artefato claramente confeccionado a partir de uma tecnologia semelhante à utilizada nas confecções de objetos cerâmicos tradicionais desta população. Embora este objeto esteja fragmentado, não permitindo sua reconstituição

completa, foi possível observar, no interior de um orifício de cerca de 2 centímetros de diâmetro, a presença de uma forte fuligem impregnada em sua superfície interna, sugerindo contato ou proximidade com fogo, o que pode ser interpretado como a utilização de velas ou similares em momentos cerimoniais.

Figura 40. Base de castiçal em cerâmica.

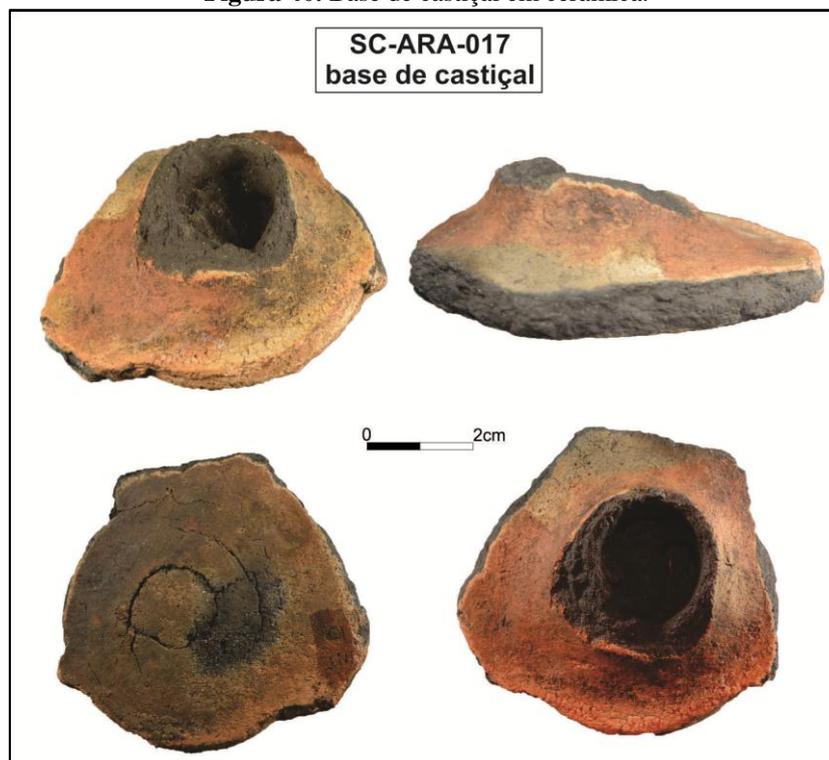


Foto: Josiel dos Santos.

Ainda que este artefato seja único dentre o conjunto dos vestígios materiais, apresenta um importante potencial de testemunho do processo de evangelização na região. Como descrito anteriormente, as crônicas etno-históricas permitem observar que o esforço de missionários desta costa começou a ser empreendido desde os primeiros anos do contato, primeiramente com os franciscanos e posteriormente com os jesuítas. No breve período de um século toda a sorte de relações foi estabelecida entre os religiosos e os Guarani, desde conversões até desavenças resultando em mortes. Neste ínterim, os religiosos são quase unânimes em relatar a relativa facilidade com a qual estabeleciam relações com os grupos potencialmente evangelizáveis⁸. Neste sentido, a

⁸ Com isto não se quer dizer que os Guarani – assim como era corrente no pensamento missionário dos primeiros séculos da colonização em relação às populações indígenas –, por estarem abertos às pregações dos evangelizadores, demonstrassem frouxidão no limite de suas crenças ou mesmo alheamento a conceitos cosmológicos, tal como parecia advogar Pero Vaz de Caminha quando em sua missiva a El Rei declara: “Parece-me gente de tal inocência que, se homens os entendessem e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crenças”. Sobre esta questão,

presença de um objeto que remeta a uma situação litúrgica entre os vestígios materiais de um sítio arqueológico insere-o neste amplo contexto histórico de contato intercultural.

Complementando estas inferências, outro elemento material deste mesmo sítio refina esta contextualização, permitindo-nos inferir, inclusive, de qual ordem religiosa estamos nos referindo. Trata-se de dois fragmentos de base plana de vasilhames de pequeno porte, também confeccionadas a partir da tecnologia ceramista tradicional Guarani, mas que nitidamente foge à tipologia formal tradicional de seu conjunto de vasilhames. Inicialmente diferente da maioria do conjunto arqueológico relacionado à cerâmica Guarani regional, este tipo de material pode ser associado à produção cerâmica de contato missioneiro. Analisando uma coleção cerâmica do sítio Pedra Grande, em São Pedro do Sul/RS, associado a uma Redução Jesuítica, Zuse e Milder (2008) constatam novas características na produção cerâmica que encontra paralelo no caso do sítio SC-ARA-017, pois dentre estas mudanças está a presença de vasilhames com base plana.

Figura 41. Fragmento cerâmico de base plana do Sítio SC-ARA-017.

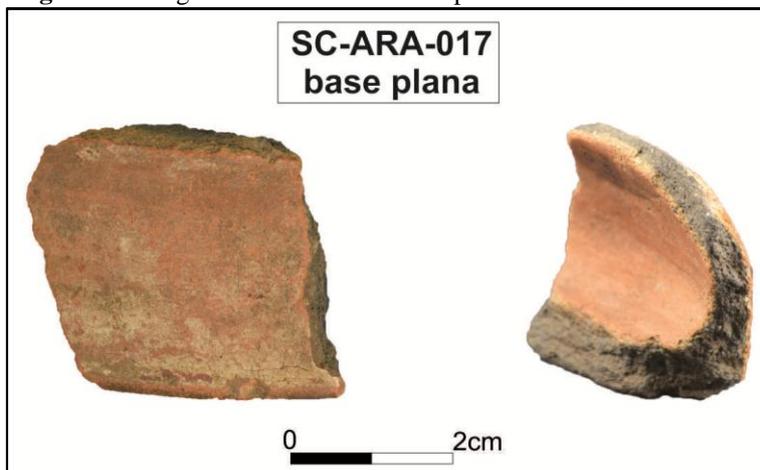


Foto: Josiel dos Santos.

Viveiros de Castro (2002) faz uma refinada análise em seu *O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, demonstrando a complexidade destas relações, que constituíam-se como uma intrincada relação dialética entre a manutenção e ressignificação do tradicional na medida em que o novo era recebido, inserido dentro do sistema de crenças e, não raro, posteriormente descartado, ao mesmo tempo em que a aparente aceitação das ideias religiosas pregadas pelos missionários não acarretava na rejeição de suas crenças anteriores.

Figura 42. Fragmento cerâmico de base plana do Sítio SC-ARA-017.



Foto: Josiel dos Santos.

Ora, como já mencionado, estes vestígios materiais são ainda em número reduzido, mas ainda assim nos permitem inserir, mesmo que de forma incipiente, este sítio dentro do contexto missionário jesuíta que teria atuado no litoral sul catarinense. Futuras escavações, possibilitando a identificação e análise de novos elementos materiais, bem como a realização de datações, poderão melhor elucidar esta hipótese.

Quanto ao conflito com os bandeirantes, Milheira (2010) levanta uma importante reflexão a respeito da evidenciação destes eventos nos registros arqueológicos a partir de alguns aspectos relativos ao abandono destes locais. Observando a literatura que discorre acerca das práticas de abandono, este autor identifica, no conjunto de sítios por ele estudado no litoral de Jaguaruna e Laguna, as esferas do abandono planejado e do abandono não planejado. Assim, estas formas de abandono poderiam ser identificadas no registro arqueológico a partir da observação de uma série de elementos formadores e constituidores dos mesmos. Desta forma, contextos onde nas manchas de solo escurecido, ainda que caracterizadas como locais de habitação, não foram identificadas a densidade e variedade de vestígios arqueológicos, ou mesmo considerável proporção de carvão, poderiam ser considerados locais que foram abandonados de forma planejada, ou seja, não por fatores episódicos, mas por causas estruturadas e previstas dentro do sistema econômico e sociopolítico do grupo.

Por outro lado, sítios onde são identificados uma extensa gama de materiais fragmentados, associados a uma alta presença de carvões espalhados por sobre as manchas de solo escurecido, sugerem um abandono rápido e não planejado destes locais. Milheira (2010) destaca que as datações destes sítios, no litoral de Jaguaruna, são de dois momentos, que sugerem eventos distintos de abandono. De um lado, estão os sítios com datações anteriores à chegada dos bandeirantes paulistas, o que indicaria que a desocupação ocasional, impulsionada por conflitos internos entre grupos regionais. De outra parte, estão aqueles sítios cujas datas apontam para o limiar do contato com o elemento colonial, apontando para a interface material do conflito etno-histórica e historicamente registrado que redundaram no apresamento, morte ou expulsão dos Guarani diante do processo histórico das bandeiras paulistas.

Assim, a densa presença de carvão encontrada em alguns sítios de nossa área de estudo, associados a estruturas de habitações bem como em peças arqueológicas, pode ser atribuída às queimas descritas pelos cronistas quando dos ataques dos bandeirantes ou, em outro caso, ao processo de abandono do território, causado pela chegada de epidemias trazidas pelos não-índios, fato ainda recentemente registrado entre os *Mbyá* (GARLET, 1997).

As características em que objetos, notadamente a cerâmica, são encontrados também podem testemunhar esse declínio demográfico, seja causado pelo aprisionamento ou pela fuga. Assim, é ilustrativo disso a presença nestes sítios de uma variada gama de fragmentos que remetem a diversos potes cerâmicos, com diversas dimensões e formas, denotando que este espaço teria sido desocupado de maneira abrupta, resultando no abandono de grande parte dos pertences do grupo que ali vivia. Isto indica que a retirada destes assentamentos poderia ter sido realizada de forma rápida, não planejada.

Estas hipóteses são reforçadas, finalmente, pela série de datações radiocarbônicas obtidas para os sítios SC-ARA-002 (495-320 A.P. - BETA 403217), SC-ARA-008 (500-310 A.P. - BETA 366854, 500-310 A.P. - BETA 366853, 500-310 A.P. - BETA 366851 e 480-300 A.P. - BETA 366850) e SC-ARA-010 (490-315 A.P. - BETA 403218), que os inserem cronologicamente dentro deste período de contato. Estas datas, ainda, estão dentro do horizonte cronológico apresentado por Milheira (2010), através de datações obtidas nos sítios Guarani do litoral do município de Jaguaruna: Sítio Morro Bonito I (520 ± 50 A.P.- Beta 262753), Morro Bonito II (510 ± 40 A.P. - Beta 262754), Morro Bonito III (440 ± 40 A.P.- Beta 262755), Laranjal I (440

± 40 A.P. - Beta 262751), Arroio Corrente V (470 ± 40 A.P. - Beta 280654), Olho d'água I (560 ± 40 A.P. - Beta 280652) e Sibelco (550 ± 60 A.P. - Beta 262752).

8.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho nos propomos a contribuir com o conhecimento acerca da ocupação das populações Guarani no litoral sul catarinense. Como têm demonstrado as pesquisas recentes, estas populações, oriundas da Amazônia e das grandes bacias hidrográficas do interior do continente, teriam chegado a esta região em um período próximo ao início da colonização ibérica na América do Sul. No entanto, esta chegada relativamente recente não significa que o domínio deste espaço tenha ocorrido de forma tênue, pois, como demonstram as pesquisas arqueológicas efetuadas em território litorâneo ao longo das últimas décadas, esta região foi densamente ocupada por esta população, como o demonstra a densidade de sítios que têm sido identificados.

Especificamente em nossa área de pesquisa, estes sítios têm se concentrado na planície litorânea e ao redor do complexo de lagoas que marcam o ambiente regional. Parte dos mesmos foi registrada e descrita no fim da década de 1990, com a realização de um projeto de arqueologia preventiva efetuado no âmbito da implantação de uma rodovia entre os municípios de Araranguá e Balneário Rincão. Este tipo de pesquisa, inédita na região até o momento, demonstrou a importância do patrimônio arqueológico presente na área. Ao longo dos anos seguintes novas pesquisas foram realizadas, demonstrando a densidade e a complexidade de sua ocupação.

Nosso objetivo foi estudar estes sítios, em sua diversidade, a fim de nos aproximarmos das estratégias utilizadas pelos Guarani dentro deste ambiente específico. Para isso, levamos em consideração os modelos de organização territorial proposto para a arqueologia Guarani, sobretudo o modelo ecológico elaborado por Noelli (1993). Assim, buscamos sistematizar os dados oriundos de pesquisas anteriores e realizar novas investidas em alguns sítios específicos a fim de levantar informações que nos pudessem permitir olhar para o contexto de ocupação e domínio do espaço que teria ocorrido nesta região a partir de um ponto de vista sistêmico, buscando, desta maneira, tomar as especificidades dos registros materiais como elemento essencial para entender os variados espaços dentro de um sistema de assentamento.

Neste sentido, partimos do pressuposto de que, ao longo de sua milenar história de expansão e domínio territorial em uma ampla área do cone sul-americano, estas

populações eram portadoras de complexas e sofisticadas estratégias de mapeamento e domínio do ambiente. Assim, consideramos que seria ingênuo e simplista pensar que estas comunidades não possuíam técnicas elaboradas de alteração do meio visando sua manutenção física e cultural. Ainda mais partindo da noção de que seu sistema ontológico, epistêmico e cognitivo estaria intimamente ligado ao ambiente, sem a tradicional dicotomia natureza-sociedade própria do pensamento moderno ocidental. O que não significa, contudo, advogar uma noção essencialista de sociedades idilicamente integradas à natureza, mas reconhecer o amplo conhecimento que as mesmas adquiriram e transferiram ao longo das gerações, fruto de uma forma diferenciada de apropriação daquilo que chamamos de potencialidades ambientais.

Assim, a diversidade dos sítios aqui focados, junto com seus vestígios cerâmicos, líticos, eventuais estruturas e inserção no ambiente, foram tomadas como elementos a serem considerados quando se pensa a complexidade destas estratégias. Desta forma, ancorados nos vestígios arqueológicos e nos modelos propostos, apontamos que o ambiente local foi explorado em suas especificidades e inserido dentro do âmbito econômico e social do grupo.

Dentro da amplitude da bibliografia produzida sobre a arqueologia Guarani, esperamos, com este trabalho, contribuir para o refinamento deste conhecimento a partir de uma abordagem regional, procurando agregar elementos que permitam demonstrar arqueologicamente como se configuram os diversos lugares constituidores de um território de domínio ecológico e social – o *teko'á*. Assim, acreditamos ter acrescentado informações e reflexões em torno das possibilidades de se demonstrar, por meio das evidências materiais, as estratégias utilizadas na configuração dos distintos espaços, representados pelas aldeias, acampamentos de roça, caça, pesca, áreas de sepultamento, dentre outros.

De outra parte, as reflexões em torno dos diversos estágios do contato com os europeus já desde o início da colonização do continente americano são essenciais para fazer emergir uma história indígena ainda incipiente na historiografia regional. A região litorânea catarinense foi palco de uma miríade de eventos históricos relacionados ao contato entre os dois mundos que se descobriam no limiar do século XVI. Como demonstram as narrativas etno-históricas, as primeiras relações de mais intensidade efetuadas pelos Guarani se dá inicialmente no âmbito das navegações espanholas, principalmente no âmbito comercial, com o estabelecimento de interpostos nesta costa à caminho do rio da Prata. As missões religiosas também são frequentes por estas

paragens, deixando tanto relatos documentais quanto vestígios materiais de sua passagem. Finalmente, quando a colonização portuguesa começa a se consolidar a partir do sudeste da colônia, iniciam-se as entradas dos bandeirantes aos sertões em busca de indígenas para servirem de mão-de-obra escrava. Este capítulo da história do Brasil deixou marcas profundas e ainda pouco exploradas no histórico das populações indígenas que já aqui viviam. São vários os relatos da violência dos ataques perpetrados pelos vicentistas no litoral catarinense, onde inclusive teriam estabelecido uma rede comercial com a cooptação de determinados líderes indígenas regionais.

Neste sentido, defendemos que a ocupação das populações Guarani no litoral catarinense precisa ser considerada a partir do ponto de vista de uma história de longa duração e como parte de um território mais amplo que englobaria uma grande extensão do litoral catarinense, com diferenciadas entradas para o interior. A presença de sítios Guarani é atestada arqueologicamente, ao longo do histórico de pesquisa, desde a região da grande Florianópolis, passando pelo litoral sul e se estendendo pelo litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. Ainda hoje são observados, ao longo desta grande área, a presença de aldeias ou pequenos acampamentos Guarani (*mbyá* e *nhadeva*), que atestariam esta continuidade histórica, encontrando um interlúdio no brutal processo colonizatório iniciado já no século XVI, e que atualmente têm sido objeto de lutas e requisições acerca de seus direitos originários e da ancestralidade de sua ocupação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando Ozorio de. A arqueologia dos fermentados: a etílica história dos Tupi-Guarani. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 83, p. 87-118, 2015.
- ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil. Avaliação e proposta. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 1, n. 7, p. 11-88, 1991.
- AMEGHINO, Florentino. **La antigüedad del hombre en el Plata**. Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1918.
- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **Teoria e método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema**. 2001. 366 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ASSIS, Valéria. **Da espacialidade Tupinambá**. 1996. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BONOMO, Mariano; ANGRIZANI, Rodrigo Costa; APOLINAIRE, Eduardo; NOELLI, Francisco Silva. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. **Quaternary International**, n. 356, p. 54-73, 2015.
- BROCHADO, José Proenza. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones** – Sociedade Argentina de Antropología, Nova Série, Buenos Aires, v. 7, p. 7-39, 1973.
- BROCHADO, José Proenza. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South América**. 1984. Tese (Doutorado) –University of Lllinois, Champaign, 1984.
- BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, n. 27, São Paulo, p. 65-82, 1989.
- BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.
- BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina – Brasil**. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2015a.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. **Diagnóstico arqueológico interventivo na área de regularização da pesca de caniço em deques fixos às margens do rio Araranguá**. Relatório Final. Criciúma: IPAT/UNESC, 2015b.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; ROSA, Rafael Casagrande da; RICKEN, Claudio; ZOCCHÉ, Jairo José. Arqueologia Entre

- Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira. **Programa de resgate arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Campo Mãe Luzia**. Relatório Final. Criciúma, UNESC, 2014.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira. **Programa de Resgate Arqueológico do Loteamento Residencial Mirante da Lagoa. Município de Içara (atualmente Balneário Rincão)**. Criciúma: IPAT/UNESC, 2015.
- CARBONERA, Miriam. **A Tradição Tupiguarani no Alto Uruguai: estudando o “Acervo Marilandi Goulart”**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2008.
- CEREZER, Jedson Francisco. **Cerâmica Guarani: Manual de Experimentação Arqueológica**. Erechim/RS: Habilis, 2011.
- CHMYZ, Igor (Ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Paranaguá, Ano I, n. 1, 1966.
- CHMYZ, Igor (Ed.) Terminologia Arqueológica para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Paranaguá/PR, ano 1, n. 1, p. 119-148, 1976.
- CRIADO BOADO, Felipe. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. **Boletín de Antropología Americana**, v. 24, p. 5-29, 1991.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900**. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-39, 1995.
- DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. 2003. 401 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DIAS, Adriana Schmidt; HOELTZ, Sirley. Proposta Metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do CEPA**, v. 21, n. 25, p. 21-62, 1997.
- DIAS, Adriana Schmidt; SILVA, Sergio Baptista da. Arqueologia Guarani no Lago Guaíba: refletindo sobre a territorialidade e a mobilidade pretérita e presente. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti. **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba: Appris, 2014, p. 81-114.
- EBLE, Alroino; SCHMITZ, Sergio. Sítio cerâmico sobre dunas (SC-LL-70). **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis, n. 5, p. 24-56, 1972.
- EVANS, Clifford; MEGGERS, Betty. Guia para prospecção arqueológica no Brasil. **Série Guias**, Belém, n. 2, p. 1-57, 1965.
- FORD, James. **Método quantitativo para estabelecer cronologías culturales**. Washington DC: Unión Panamericana, 1962.

- GARLET, Ivori José. **Mobilidade Mbyá: história e significação**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- GATTI, Carlos. **Encoclopedia guaraní-castellano de ciencias naturales y conocimientos paraguayos**. Assunción: Arte Nuevo Editores, 1985.
- HEPP, Mauricio. **Estudo Arqueológico da Ocupação Guarani no Vale do Rio Tibagi**. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- KLAMT, Sergio Celio. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani**. 2004. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- KLEIN, Roberto Miguel. Mapa Fitogeográfico de Santa Catarina. In: REITZ, Raulino (Ed.). **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LANDA, Beatriz dos S. **A mulher Guarani: atividades e cultura material**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- LAVINA, Rodrigo. **Levantamento Arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Hercílio Luz – Araranguá/SC**. Relatório de Pesquisa. Criciúma: IPAT/UNESC, 2006.
- LAVINA, Rodrigo. **Projeto de salvamento arqueológico da ZPE Imbituba, SC**. Relatório Final. Criciúma: IPAT/UNESC, 1999.
- LAVINA, Rodrigo. **Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpretaias**. Criciúma: IPAT/UNESC, 2000.
- LINGNER, Débora Vanessa; SEVEGNANI, Lucia; GASPER, André Luís; UHLMANN, Alexandre; VIBRANS, Alexander Christian. Grupos florísticos estruturais da Floresta Ombrófila Densa em Santa Catarina. In: VIBRANS, Alexander Christian; SEVEGNANI, Lucia; GASPER, André Luís de; LINGNER, Débora Vanessa (Eds.). **Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina**. V. 4. Floresta Ombrófila Densa. Blumenau: Edifurb, 2013, p. 143-157.
- LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina**. 2007. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.
- LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina**. Erechim/RS: Habilis, 2009.
- LOTHROP, Samuel. Indians of the Paraná Delta River. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. XXXIII, p. 77-232, 1932.
- LUZ, Juliana Aparecida Rocha; FACCIO, Neide Barrocá. A pedra lascada dos índios Guarani, pré-históricos, a partir de uma análise tecnológica. **Anais do V Encontro da SAB-Sul**. Rio Grande: FURG, 2006.

- MACHADO, Ademir José. **Avançar, adaptar e permanecer:** a Tradição Tupiguarani no Médio Rio das Antas. 2008. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.
- MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica.** Manual para arqueólogos. Washington, D.C: Smithsonian Institution, 1970.
- MELIÁ, Bartomeu. Introdução. In: MELIÁ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. **O Guarani:** uma bibliografia etnológica. Santo Ângelo: Fundação Missioneira de Ensino Superior, 1987, p. 17-71.
- MELLO, Amílcar D'Ávila. **Crônicas das Origens:** Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos. Florianópolis: Expressão, 2005, v. 3.
- MÉTRAUX, Alfred. Les migrations historiques des Tupi-Guarani. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, v. 19, p. 1-45, 1927.
- MÉTRAUX, Alfred. **La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani.** Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.
- MÉTRAUX, Alfred. O índio Guarani. In: STEWARD, Julian. **Handbook of South American Indians.** Washington: Bureau of American Ethnology, 1948, p. 69-94.
- MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guaranis.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. **Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste – RS.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense:** história e território. 2010. 224 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Os Guarani e seus artefatos líticos: um estudo tecnológico no sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 21, p. 129-152, 2011.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e na serra do Sudeste.** Pelotas: Editora da UFPel, 2014a.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Arqueologia e história Guarani no sul da laguna dos Patos e serra do Sudeste. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti. **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil.** Curitiba: Appris, 2014b, p. 125-154.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. O território Guarani no litoral sul catarinense: ocupação e abandono no limiar do período colonial. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 29, p. 147-182, 2013. p. 170.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra:** índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MONTICELLI, Gislene. **Vasilhas cerâmicas Guarani:** um resgate da memória entre os Mbya. 1995. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

- MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de la lengua Guaraní**. Madrid: Ed. facsim., 1876 [1639].
- MORAIS, José Luiz de. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista**. Erechim, RS: Habilis, 2011.
- MORALES, Walter Fagundes. Um estudo de Arqueologia Regional no médio curso do rio Tocantins, TO, Planalto Central brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 17, p. 69-97, 2007.
- NEUMANN, Mariana Araújo. **Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani**. 2008. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.
- NIMUENDAJU, Curt Unkel. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1987 [1914].
- NOELLI, Francisco Silva. **Sem tekoha não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio do delta do Jacuí – RS**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.
- NOELLI, Francisco Silva. El Guaraní Agricultor. **Acción – Revista paraguaya de reflexión y diálogo**, n. 144, p. 17-20, 1994.
- NOELLI, Francisco Silva. Os Jê do Brasil Meridional e a antiguidade da agricultura. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 13-25, 1996.
- NOELLI, Francisco Silva. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do arroio do Conde, Rio Grande do Sul. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 26, p. 113-131, 1997.
- NOELLI, Francisco Silva. A contribuição de Carlos Gatti à etnologia Guarani. **Revista de divulgação científica e cultural da Universidade Estadual de Maringá**, ano 13, n. 17, p. 73-75, 1998a.
- NOELLI, Francisco Silva. Aportes históricos e etnológicos para o reconhecimento da classificação Guarani de comunidades vegetais no século XVII. **Fronteiras**, Campo Grande/MS, v. 2, n. 4, p. 275-296, 1998b.
- NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999/2000.
- NOELLI, Francisco Silva. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. **Revista de Indias**, v. LXIV, n. 230, p. 17-34, 2004.
- NOELLI, Francisco Silva; DIAS, Adriana Schmidt. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 7-24, 1995.
- NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1239-1264, set.-dez. 2007.

- NOELLI, Francisco Silva; LANDA, Beatriz dos Santos. Introdução às atividades têxteis Guarani. **Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários**, Santa Rosa, p. 472-478, 1993.
- NOELLI, Francisco Silva; MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti. Tabela de Sítios Guarani do Litoral Sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (Orgs.). **Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil**. Curitiba: Appris, 2014, p. 205-256.
- NOELLI, Francisco Silva. MOTA, Lúcio; SILVA, Fabíola Andrea. Pari: armadilhas de pesca no sul do Brasil. **Coleção Arqueologia**, Porto Alegre, n. 1, v. 2, p. 435-446, 1996.
- OLIVEIRA, Solange Nunes de. **A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 2002.
- PEREIRA, Giovana de Souza. **Utilização das plantas pelos Guarani**. 2014. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- PESTANA, Marlon Borges. **A tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil**. 149 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2007.
- PILÓ, Henrique Moreira D. **Arqueologia Tupiguarani: relações entre as implantações dos sítios e cultura material no Médio Rio Doce**. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología: teorías, métodos e práctica**. Madrid: Ediciones Akal, 2011.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Levantamentos arqueológicos na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 17, p. 85-99, 2004.
- RICKEN, Claudio; ROSA, Rafael Casagrande da; MENEGHINI, James Willian; CAMPOS, Juliano Bitencourt; ZOCHE, Jairo José. A dinâmica da paisagem e o povoamento pré-histórico no sul de Santa Catarina. **Tempos Acadêmicos**, v. 11, p. 163-184, 2013.
- RODRIGUES, Jerónimo. A missão dos carijós – 1605-1607. In: LEITE, Serafim. (Org.). **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- ROGGE, Jairo Henrique. Os sítios arqueológicos estudados no litoral central. **Pesquisas, Antropologia**, n. 63, p. 133-178, 2006.
- ROGGE, Jairo Henrique; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no litoral norte do RS. **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, n. 68, p. 167-225, 2010.
- ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**, v. 22, p. 1-37, 1969.

- ROHR, João Alfredo. A pesquisa arqueológica do estado de Santa Catarina. **Dédalo**, v.17/18, p. 49-65, 1973.
- ROHR, João Alfredo. Pré-história da Laguna. In: CABRAL, Oswaldo Rodrigues (Coord.). **Santo Antônio dos Anjos da Laguna**. Seus valores históricos e humanos. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976, p. 13-50.
- ROHR, João Alfredo. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia**, v. 17, p. 77-168, 1984.
- SANTOS, Josiel dos. **Os Guarani no extremo sul catarinense: etnohistórica e arqueologia**. 2013. 57 f. Monografia (Graduação em História) – Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2013.
- SANTOS, Marcos Cesar Pereira; PAVEI, Diego Dias; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba: paleoambiente, cultura material e ocupação humana na paisagem litorânea do Extremo Sul Catarinense entre 3500-200 anos antes do Presente. **Cadernos do CEOM**, ano 29, n. 45 2016.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **A tradição Policrômica no Leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá**: fontes arqueológicas e etno-históricas. 1990. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- SCHEINSOHN, Vivian. 2001: Odisea del espacio. Paisajes y distribuciones artefactuales en arqueología. Resultados y propuestas. **Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología**, Buenos Aires, v. XXVI, p. 2185-301, 2001.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. “Territórios de Domínio” em Grupos Tupiguarani: considerações sobre o Médio e Alto Jacuí, RS. **Boletim do Marsul**, Museu arqueológico do Rio Grande do Sul, Taquara, n. 3, p. 45-52, 1985.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Considerações sobre a ocupação pré-histórica do litoral meridional do Brasil. **Pesquisas, Antropologia**, n. 63, p. 355-364, 2006.
- SEVEGNANI, Lucia; VIBRANS, Alexander Christian; GASPER, André Luís de. Considerações Finais sobre a Floresta Ombrófila Densa e Restinga. In: VIBRANS, Alexander Christian; SEVEGNANI, Lucia; GASPER, André Luís de; LINGNER, Débora Vanessa (Eds.). **Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina**. V. 4. Floresta Ombrófila Densa. Blumenau: Edifurb, 2013.
- SILVA, Fabíola. **As tecnologias e seus significados**: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria do Kaiapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. 2000. 265 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- SILVA, Sergio Baptista da. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos Guarani. In: PROUS, André; LIMA, Tânia Andrade. **Os ceramistas Tupiguarani**: eixos temáticos. Belo Horizonte: Superintendência do Iphan em Minas Gerais, 2010, p. 115-148, v. 3.
- SILVEIRA, Cleiton Silva da; SERPA, Christian Garcia. Visibilidade de vestígios arqueológicos e sua relação com a morfodinâmica dunar – estudo de caso do Sítio RS-LC: 73. **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. 12, n. 23, p. 92-122, 2015.

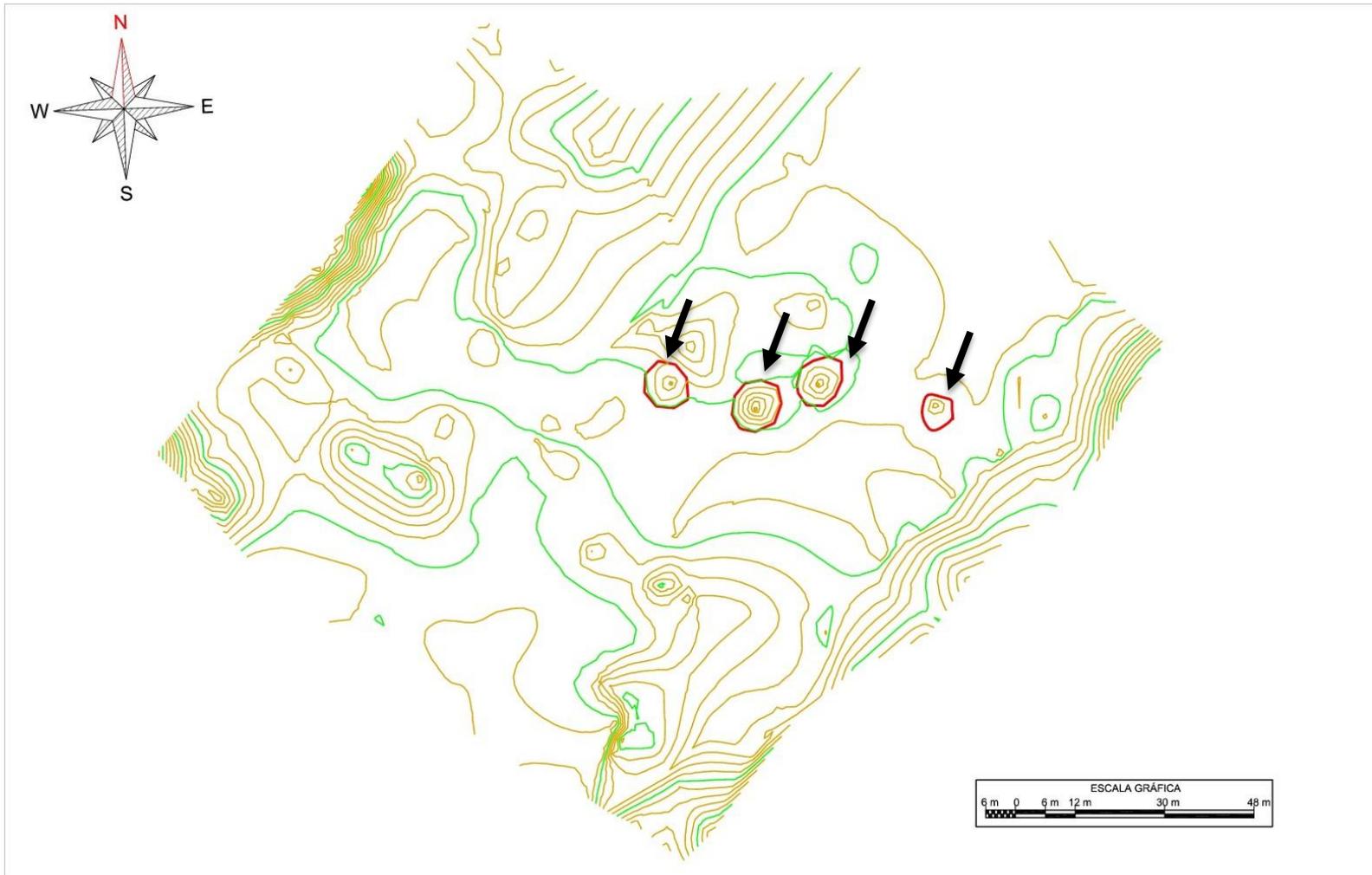
- SOARES, André Luís Ramos. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- SOARES, André Luís Ramos. **Contribuição à Arqueologia Guarani**: estudo do Sítio Röpke. 2004. 237 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SOARES, André Luís Ramos. Pelo fim do Frankenstein Guarani. **Diálogos** (Maringá. Online), v. 16, n. 2, p. 767-790, mai.-ago. 2012.
- STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Versão do texto de Marpurgo, de 1557. Por Alberto Loforen, revista e anotada por Theodoro Sampaio. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930 [1557].
- TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. 2 ed. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus, 2004.
- VAL, Cristina. **Ocupação pré-histórica e mudanças paleoambientais na planície costeira sul-catarinense**: abordagem integrada com base em dados palinológicos. 2015, 155 f. Mestrado (Quaternário e Pré-História) – Instituto Politécnico de Tomar / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 183-264.
- WAGNER, Gustavo Peretti. O povoamento Guarani do litoral norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. In: MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti. **Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil**. Curitiba : Appris, 2014, p. 39-622.
- WILLEY, Gordon. **Prehistoric Settlement Patterns in the Virú Valley, Perú**. Bureau of American Ethnology, Bulletin 155. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1953.
- WILLEY, Gordon. Cerâmica. In: RIBEIRO, Berta (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira**. V. 2. Tecnologia Indígena. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Finep, 1987.
- ZUSE, Silvana; MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Cerâmica Guarani e de Contato**: Permanências e Mudanças Técnicas em uma Redução Jesuítica do Início do século XVII. IX Encontro Estadual de História. 2008.

APÊNDICES

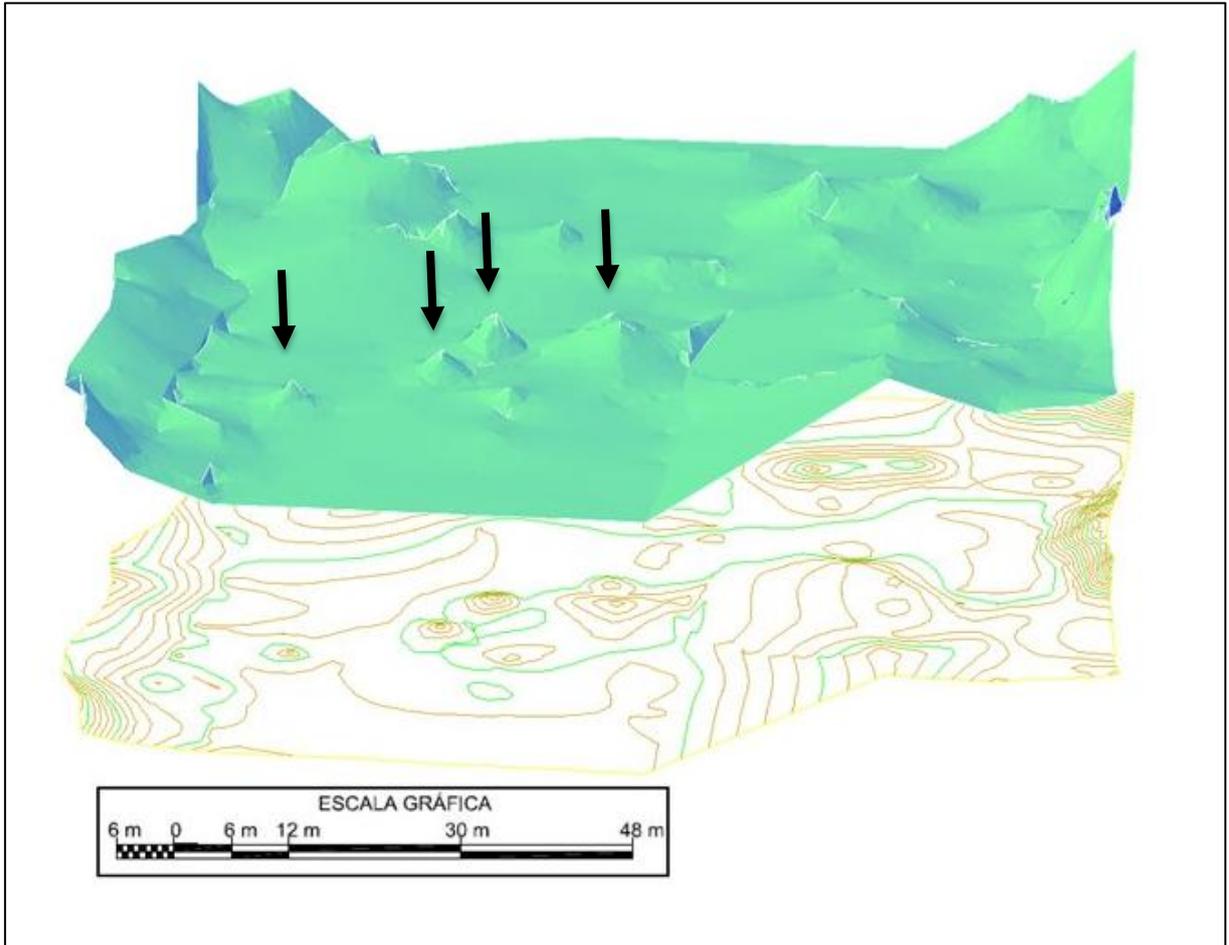
APÊNDICE 1
Distribuição dos sítios arqueológicos Guarani dentro da área piloto

APÊNDICE 2
Detalhe Topográfico do Sítio SC-ARA-031
(Coordenadas UTM 22 J 660.900 / 6.798.650)

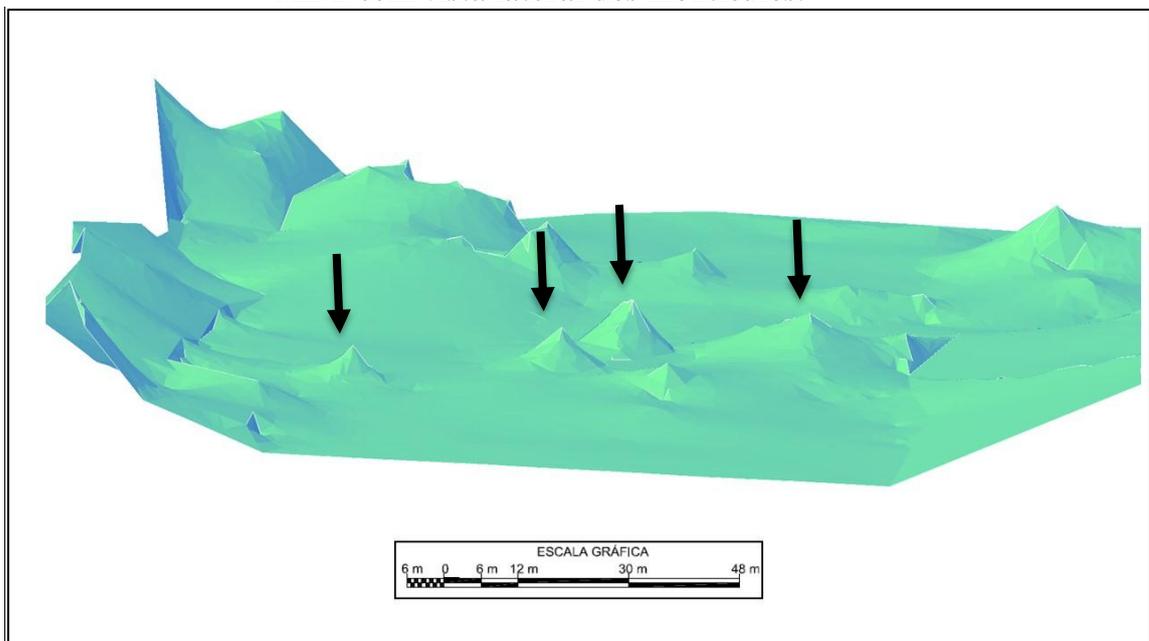
Curvas de nível com indicação do local dos montículos.



MDT com vista lateral dos montículos.

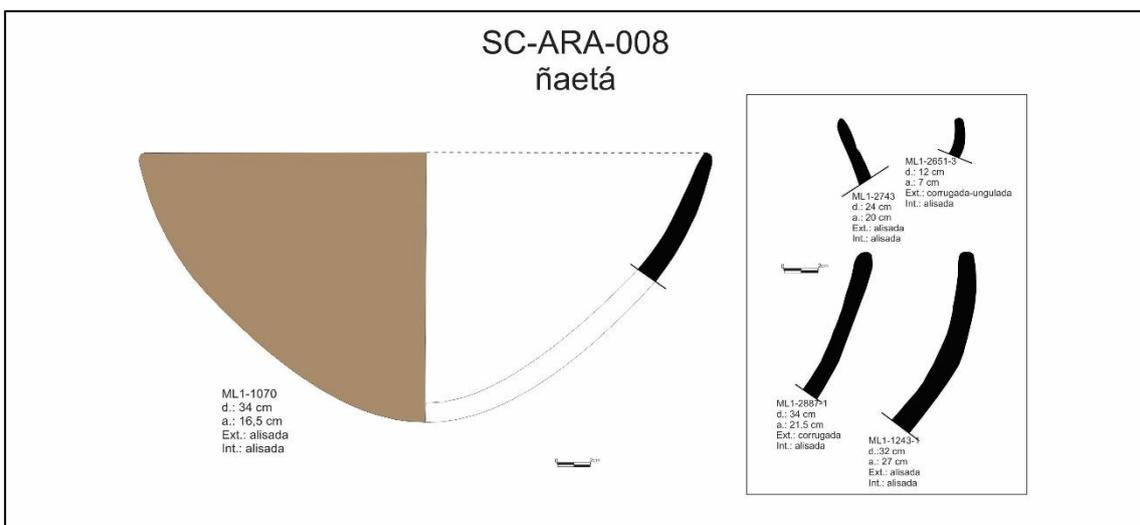
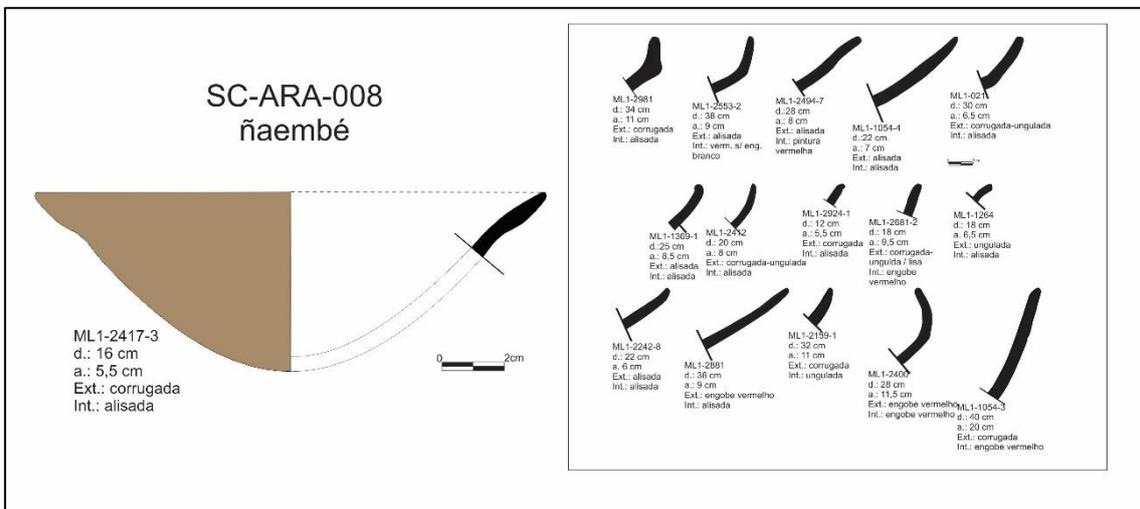
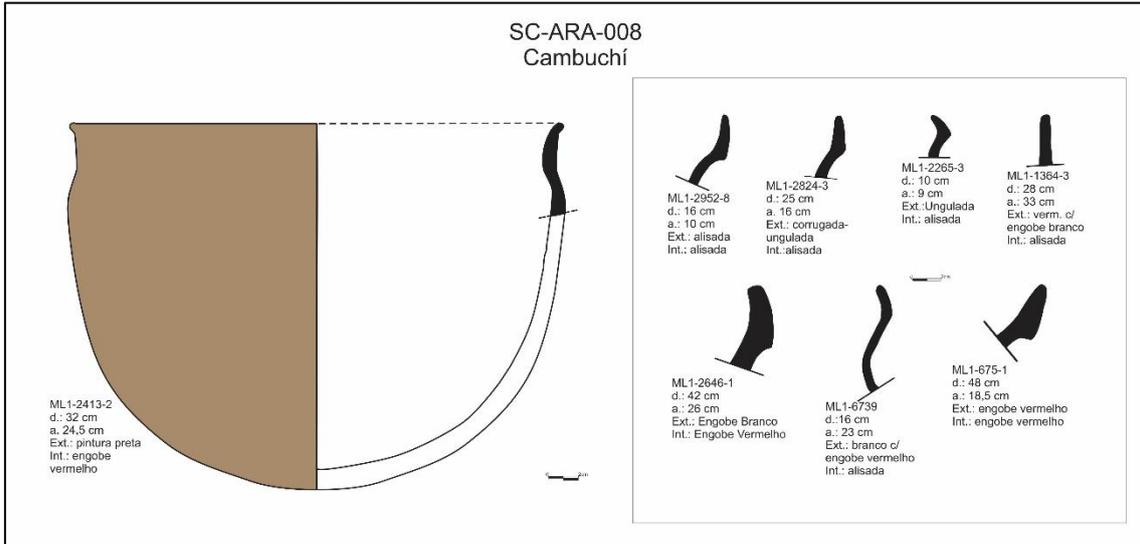


MDT com vista lateral dos montículos.



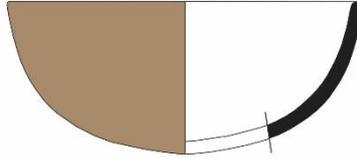
APÊNDICE 3

Desenhos de bordas e projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-008



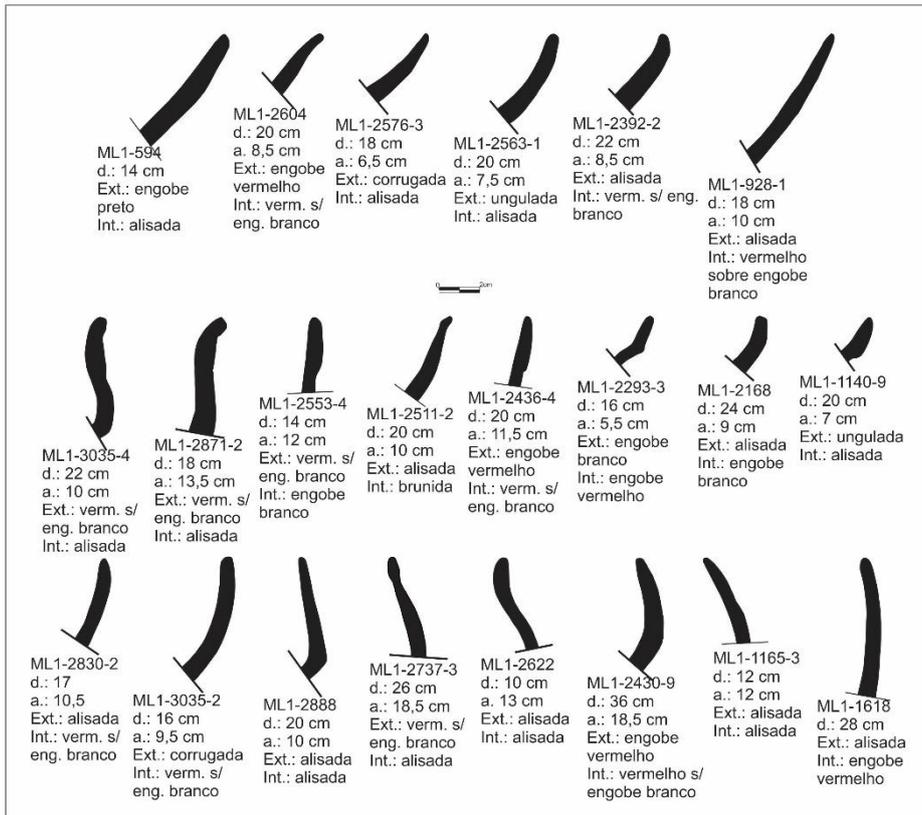
SC-ARA-008

Cambuchí Caguabá

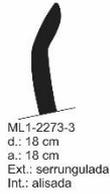
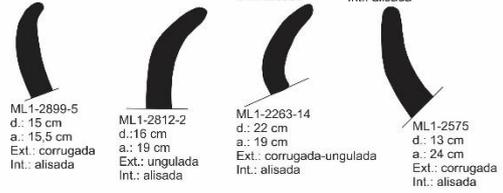
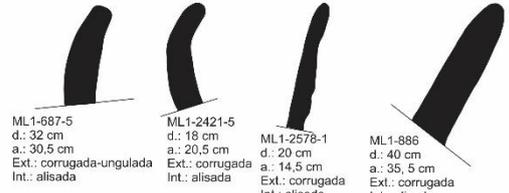
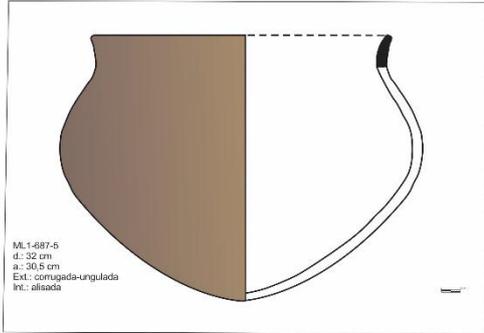


ML1-872
d.: 14 cm
a.: 6 cm
Ext.: alisada
Int.: alisada e pintada

0 2cm

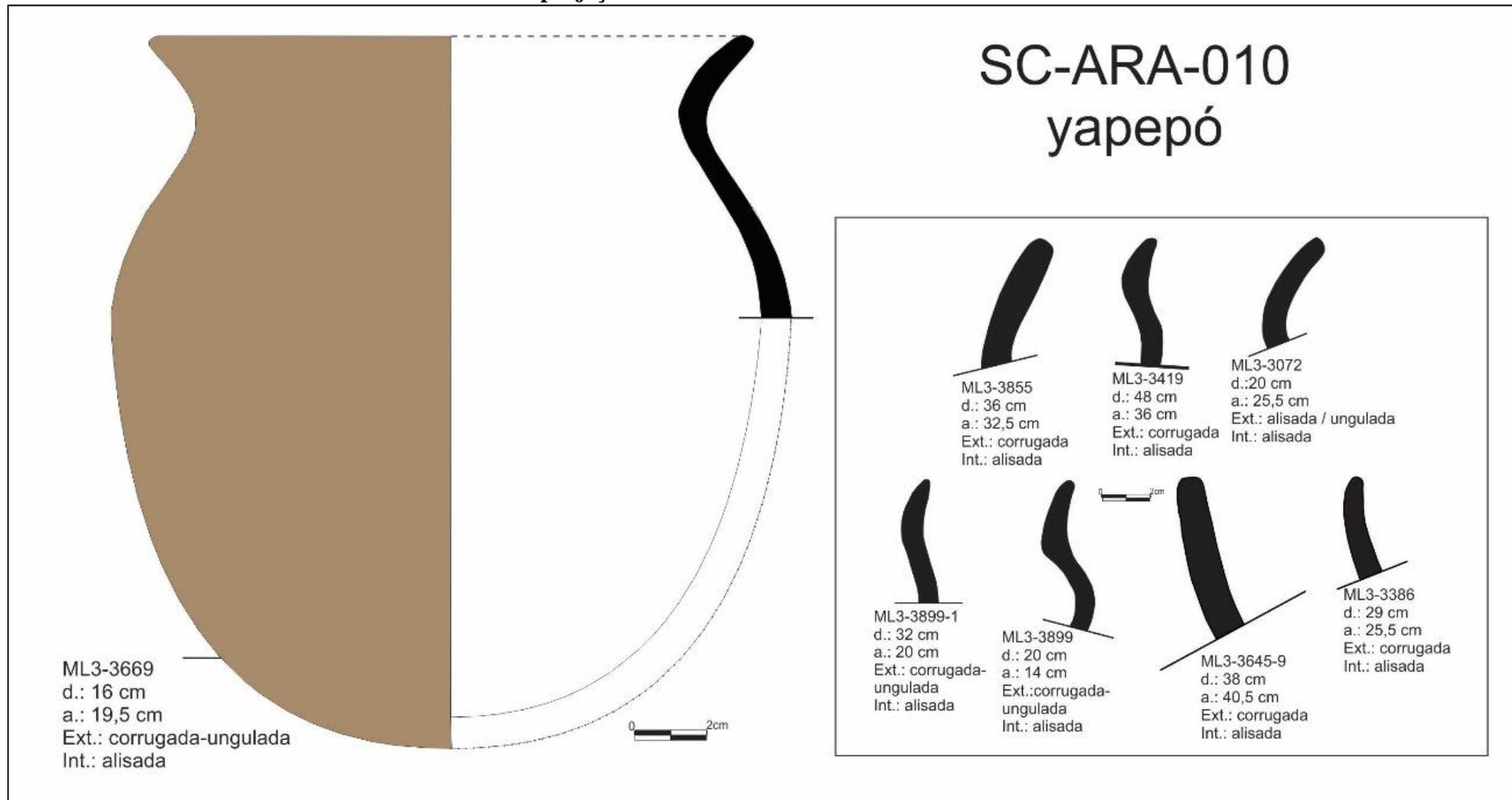


SC-ARA-008
Yapepó

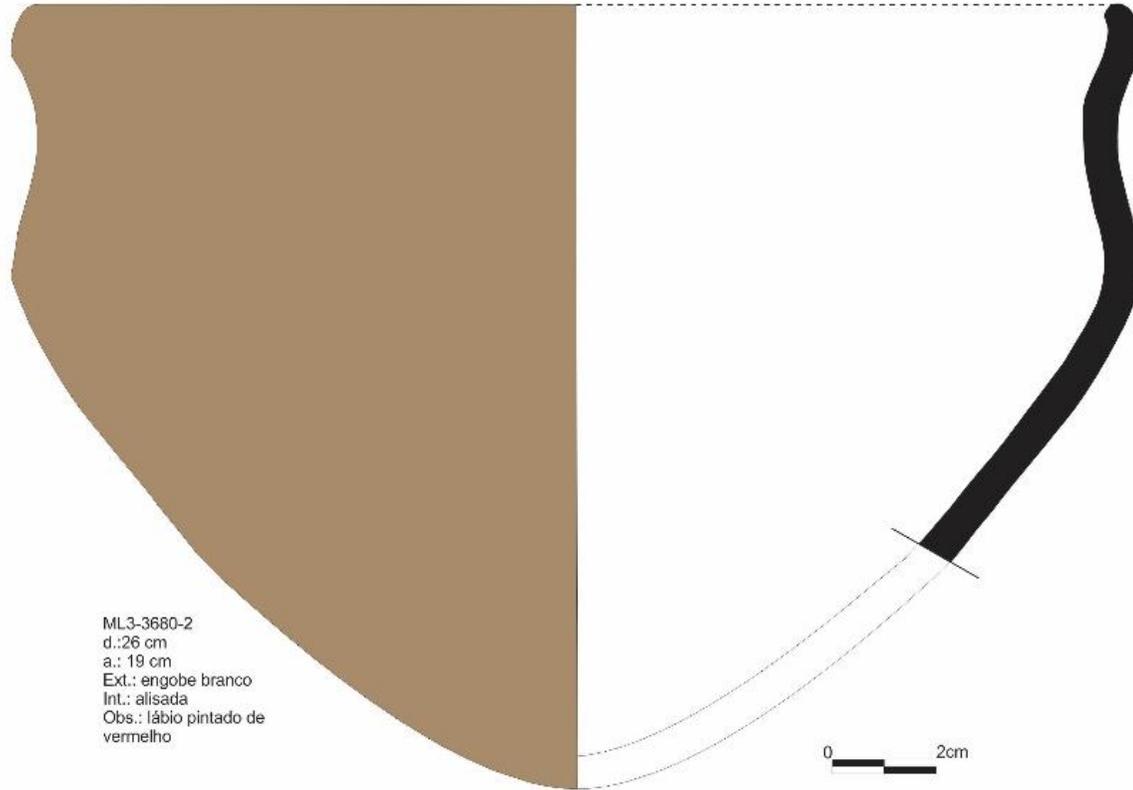


APÊNDICE 4

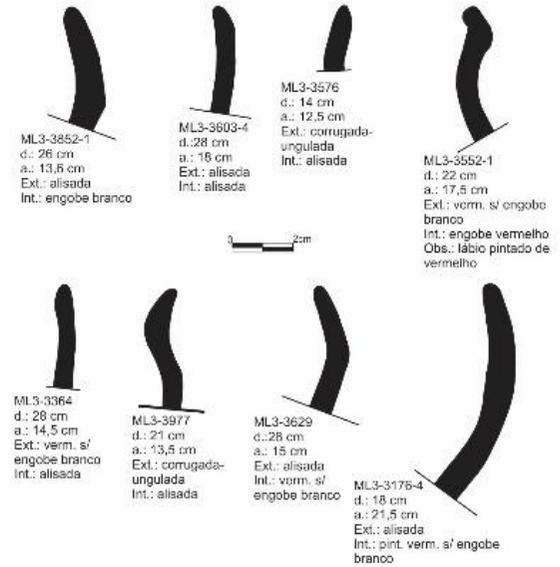
Desenhos de bordas e projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-010



SC-ARA-010 cambuchí caguaba

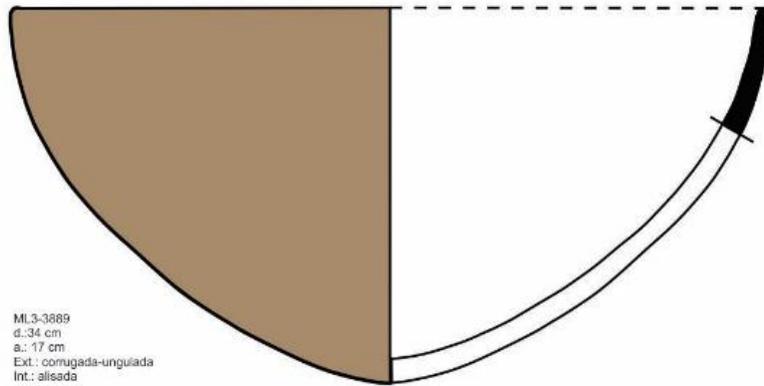


ML3-3680-2
d.: 26 cm
a.: 19 cm
Ext.: engobe branco
Int.: alisada
Obs.: lábio pintado de vermelho

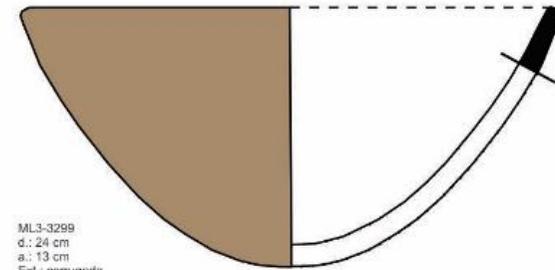


SC-ARA-010

ñaetá

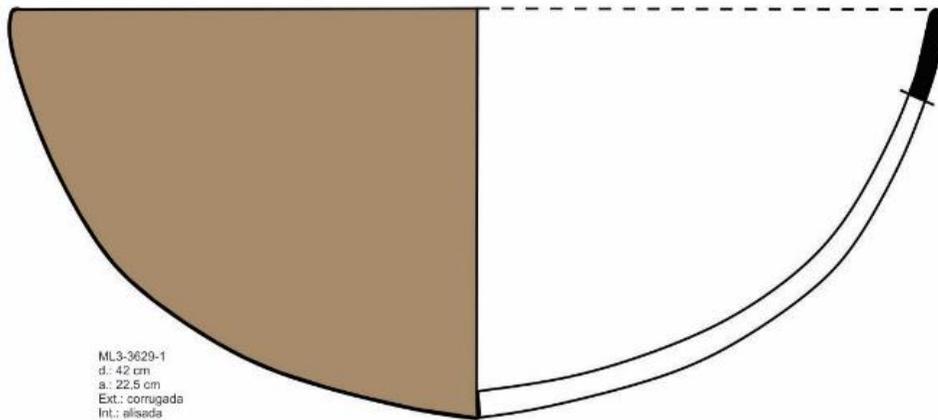


ML3-3889
d.: 34 cm
a.: 17 cm
Ext.: corrugada-ungulada
Int.: alisada

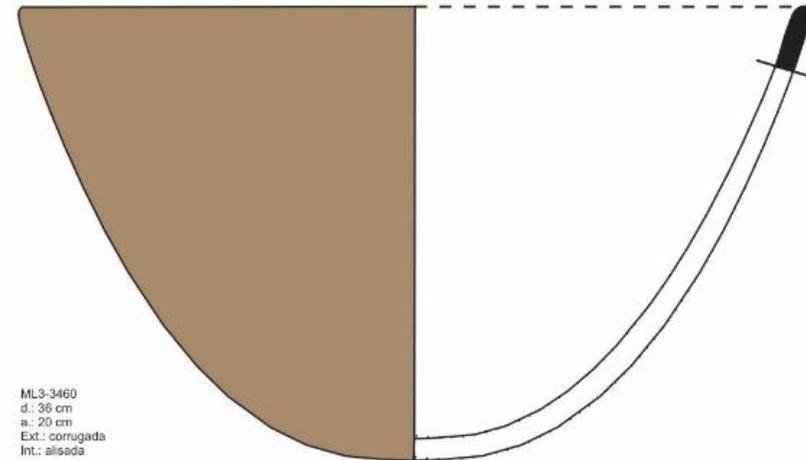


ML3-3299
d.: 24 cm
a.: 13 cm
Ext.: corrugada
Int.: alisada

0 4cm

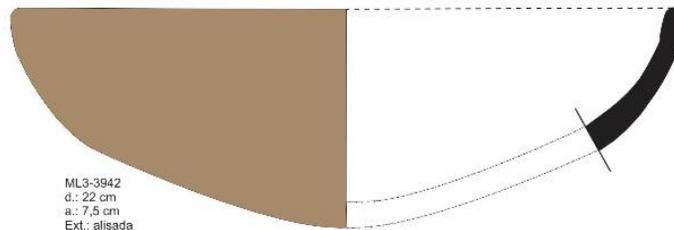


ML3-3629-1
d.: 42 cm
a.: 22.5 cm
Ext.: corrugada
Int.: alisada



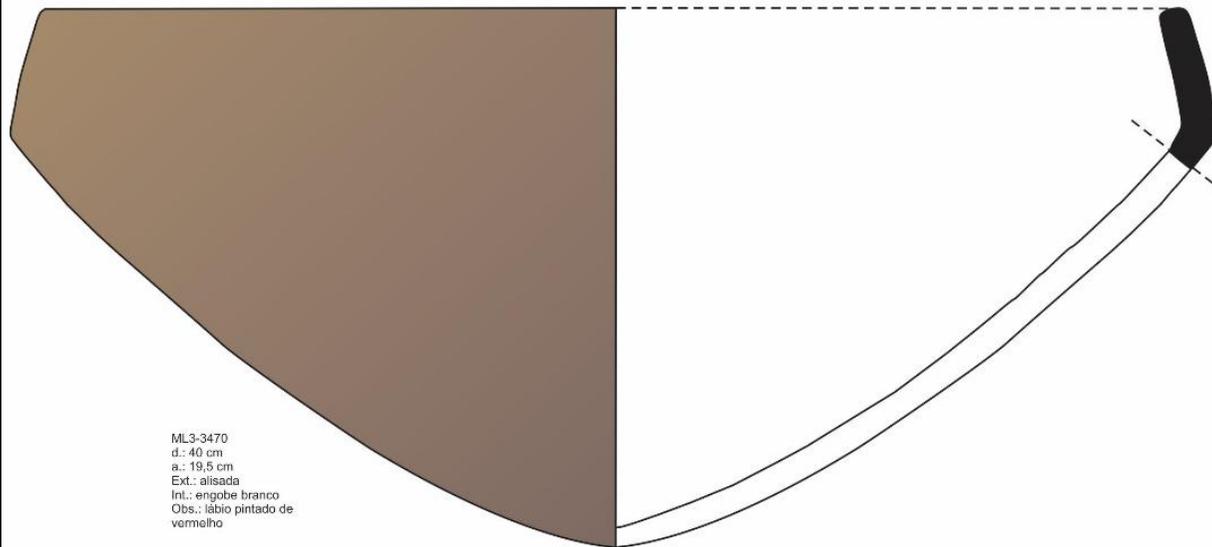
ML3-3460
d.: 36 cm
a.: 20 cm
Ext.: corrugada
Int.: alisada

SC-ARA-010
ñaembé



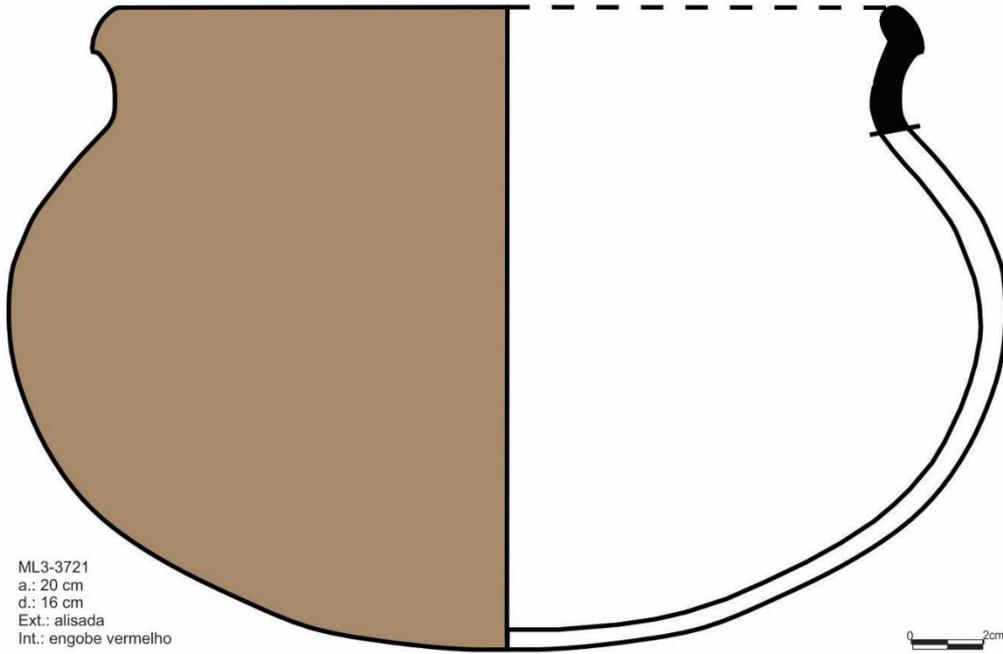
ML3-3942
d.: 22 cm
a.: 7,5 cm
Ext.: alisada
Int.: engobe branco

0 2cm

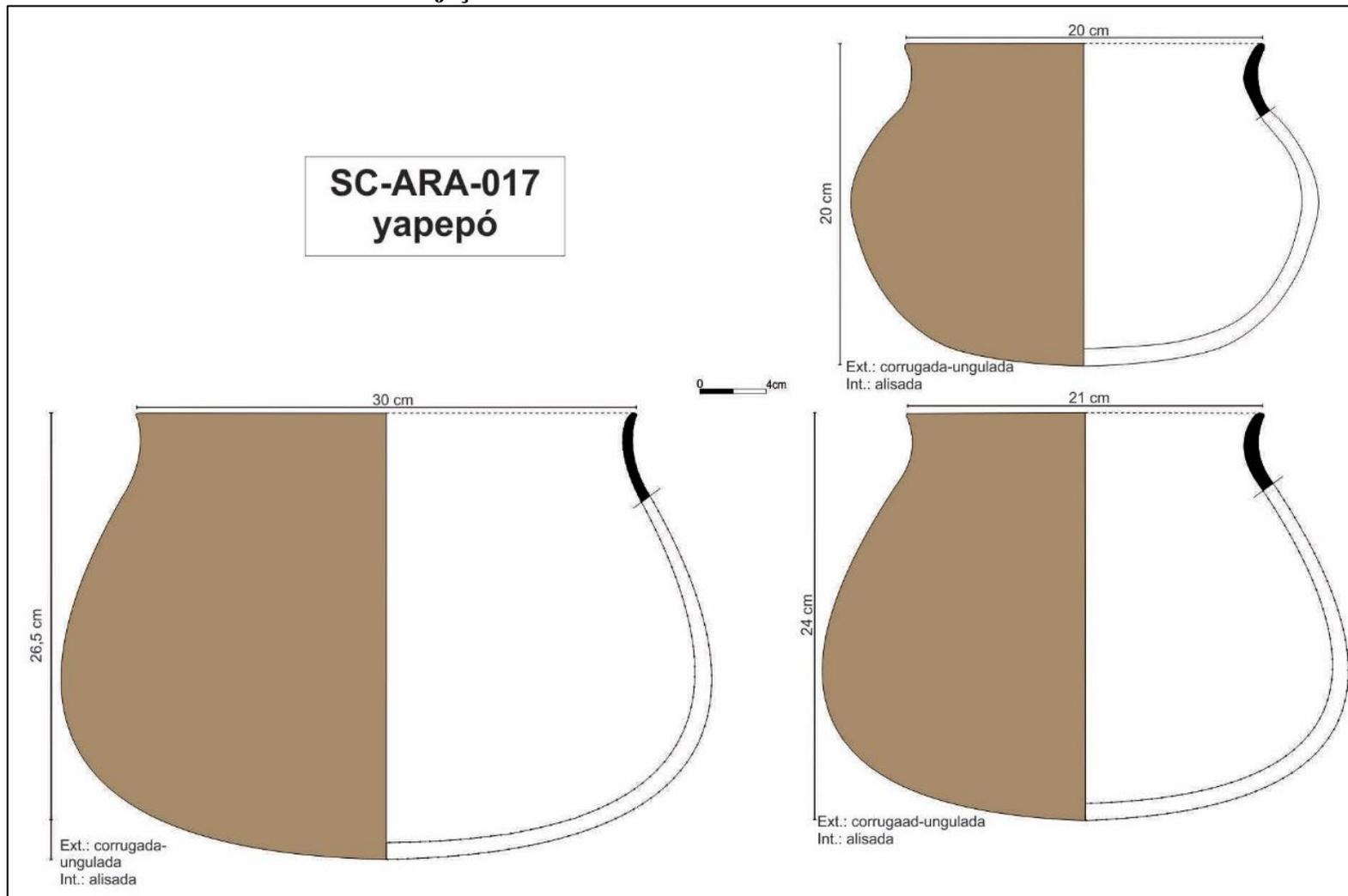


ML3-3470
d.: 40 cm
a.: 19,5 cm
Ext.: alisada
Int.: engobe branco
Obs.: lábio pintado de
vermelho

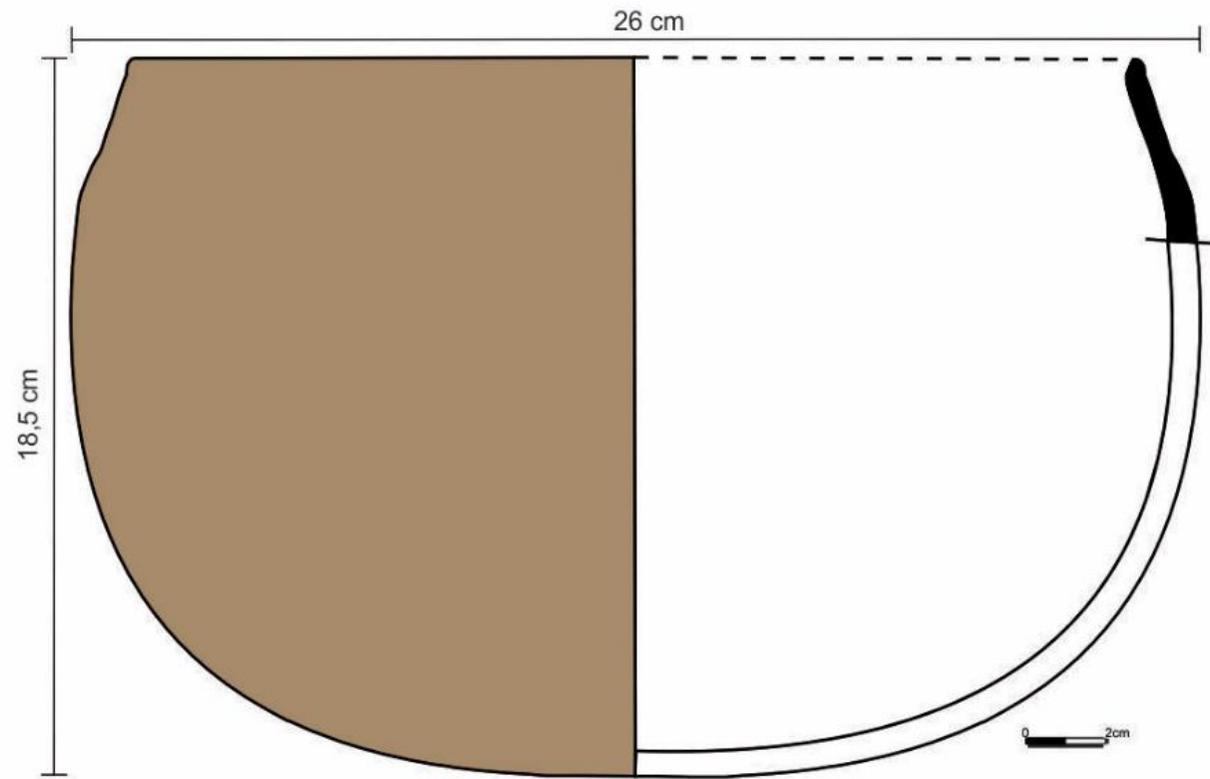
SC-ARA-010
cambuchí



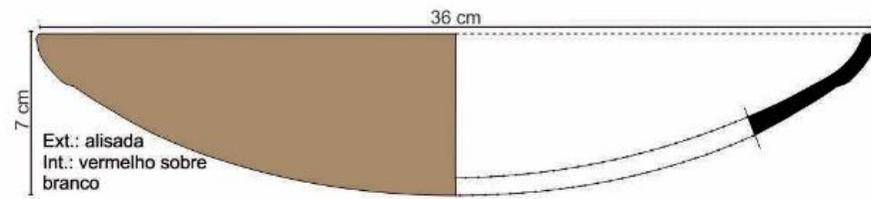
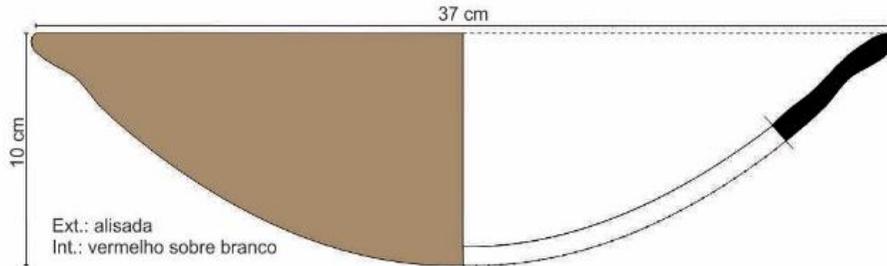
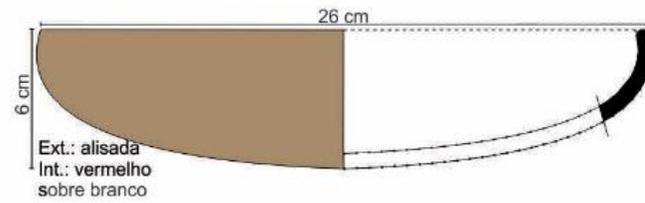
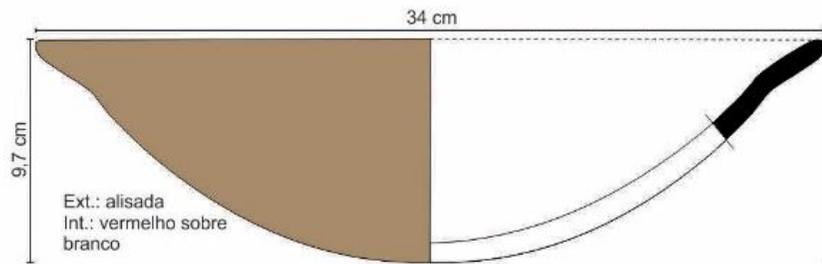
APÊNDICE 5
Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-017



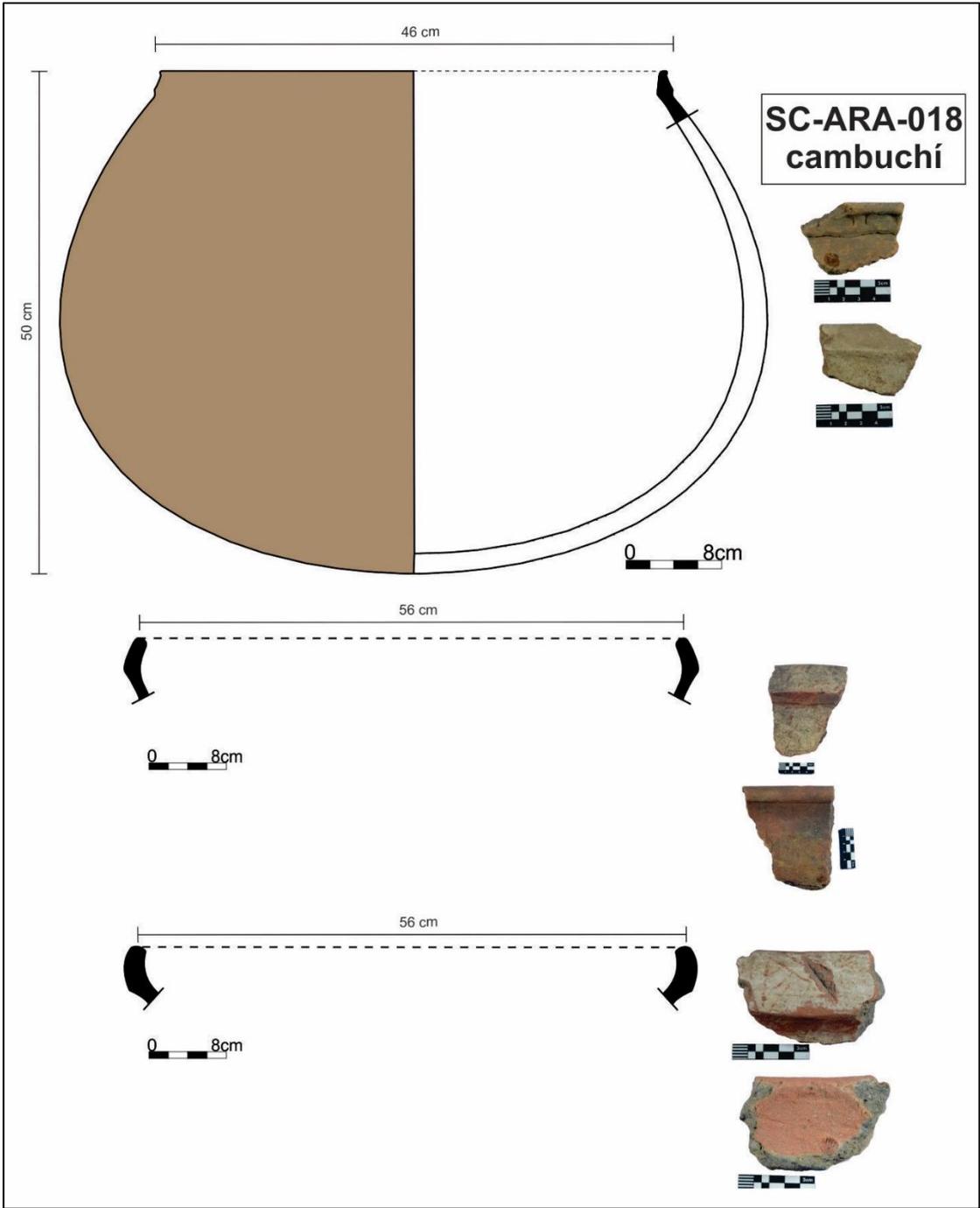
SC-ARA-017
cambuchí caguabá



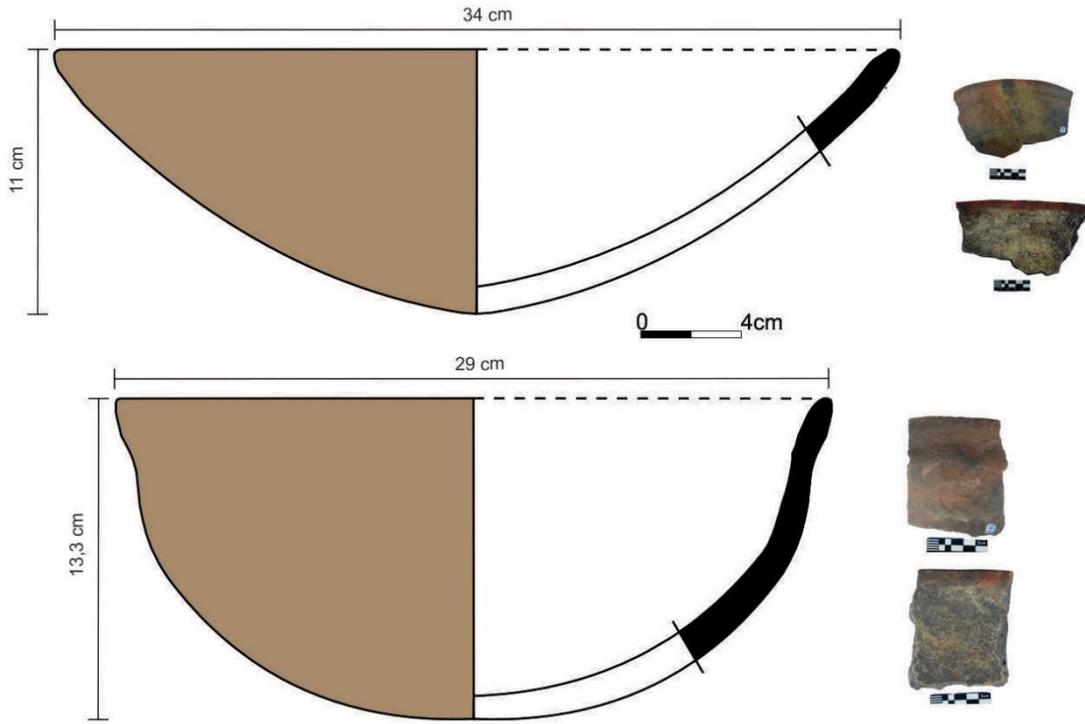
SC-ARA-017
ñaembé



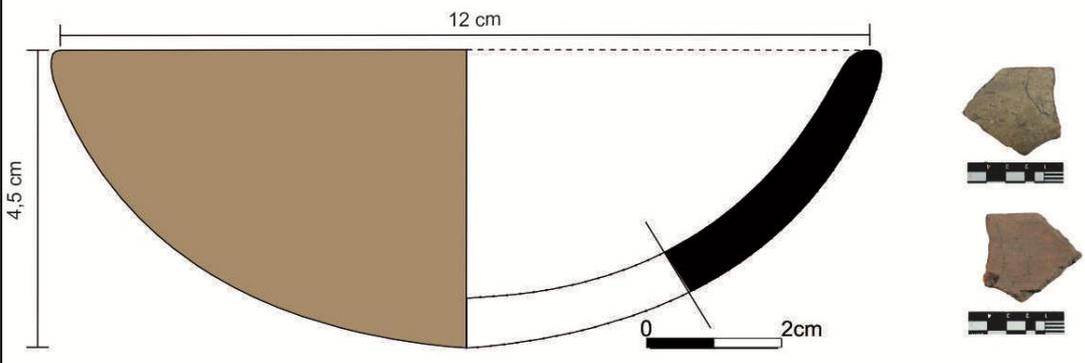
APÊNDICE 6
Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-018



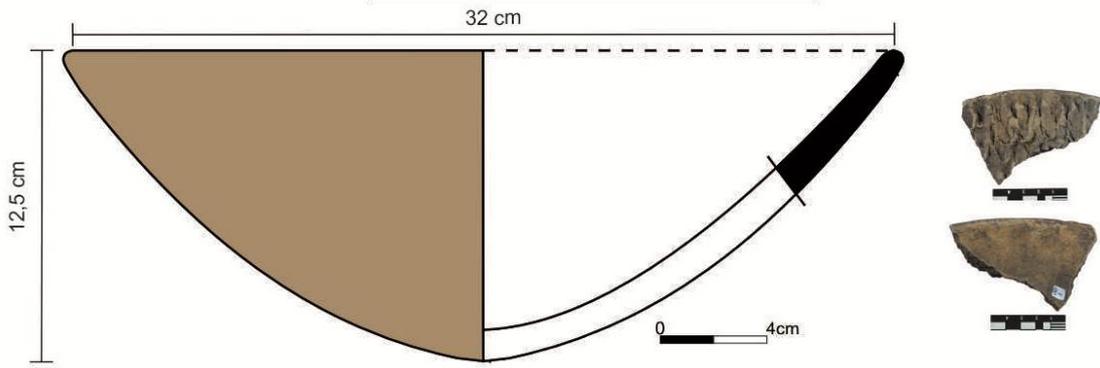
SC-ARA-018
cambuchí caguabá



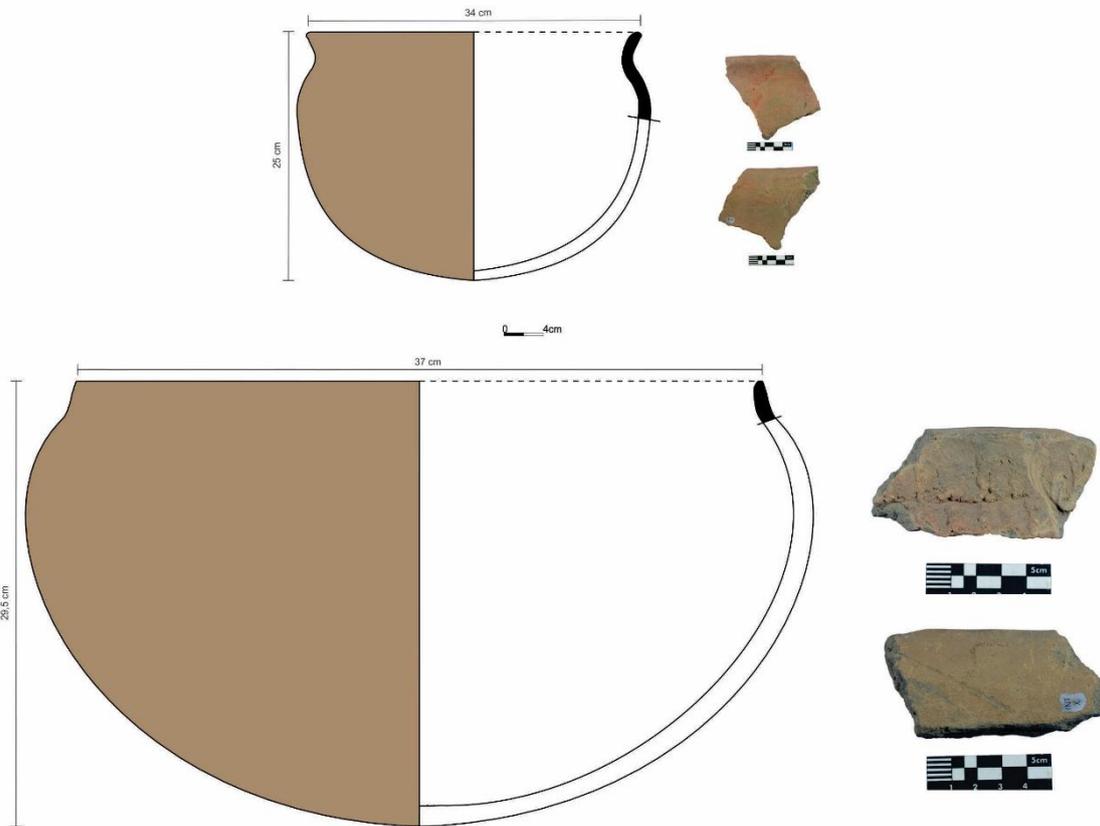
SC-ARA--18
cambuchí caguabá (miniatura)



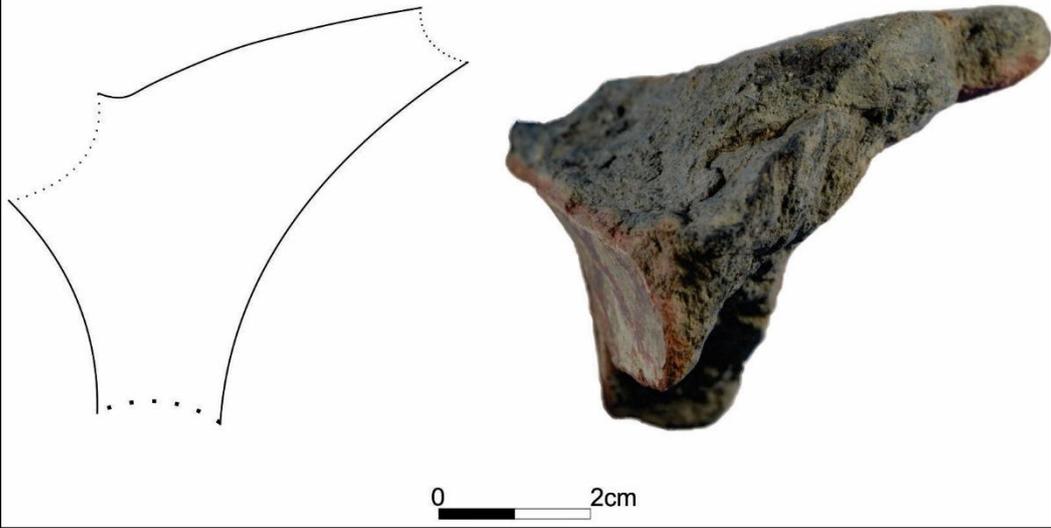
SC-ARA-018
ñaetá



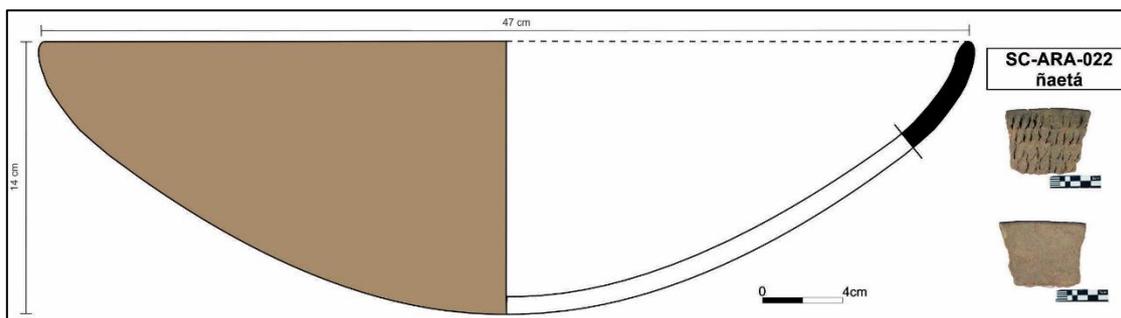
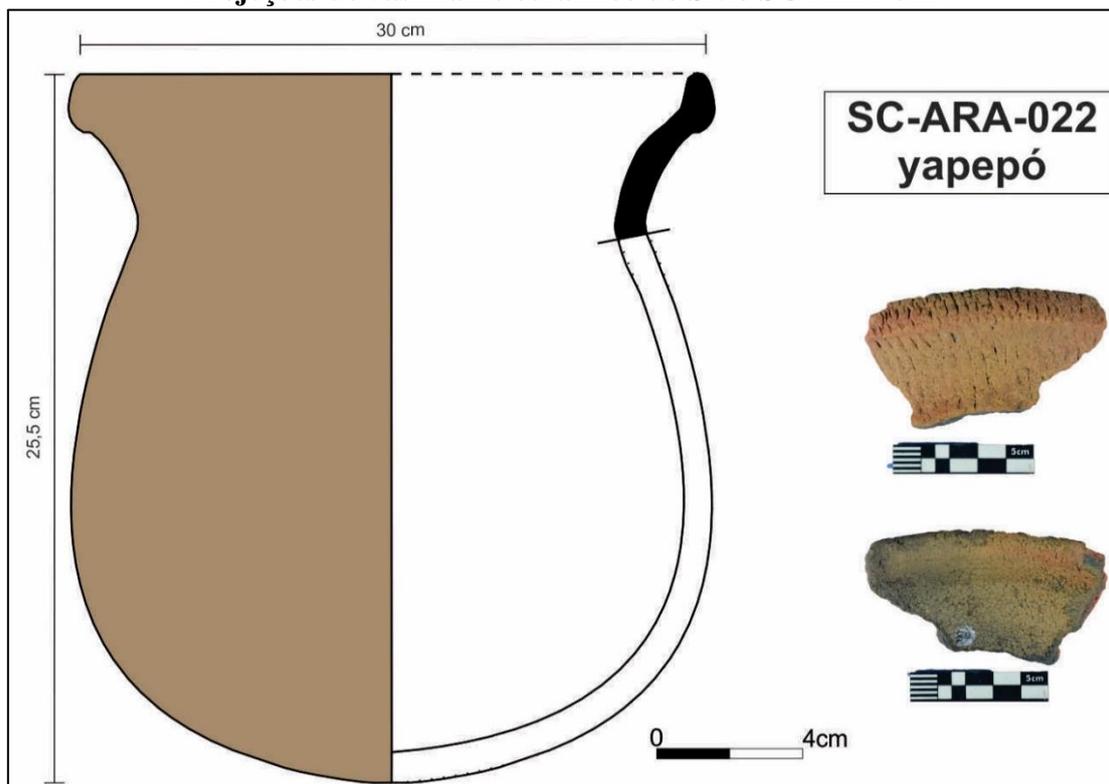
SC-ARA-018
yapepó



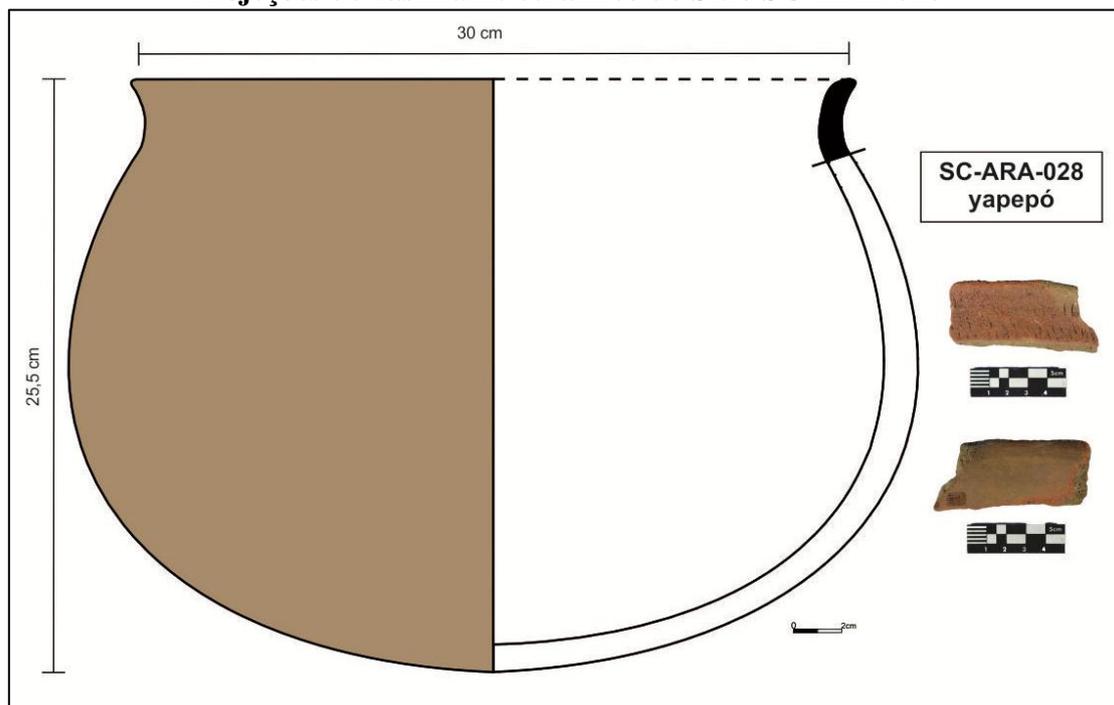
SC-ARA-018
suporte interno



APÊNDICE 7
Projeções de vasilhame cerâmico do Sítio SC-ARA-022



APÊNDICE 8
Projeções de vasilhame cerâmico do Sítio SC-ARA-028



APÊNDICE 9
Fragmentos cerâmicos oriundos de coletas superficiais dos sítios do Projeto
Interpraias

SÍTIO SC-ARA-016



SÍTIO SC-ARA-019



SÍTIO SC-ARA-017



SÍTIO SC-ARA-022



SÍTIO SC-ARA-024



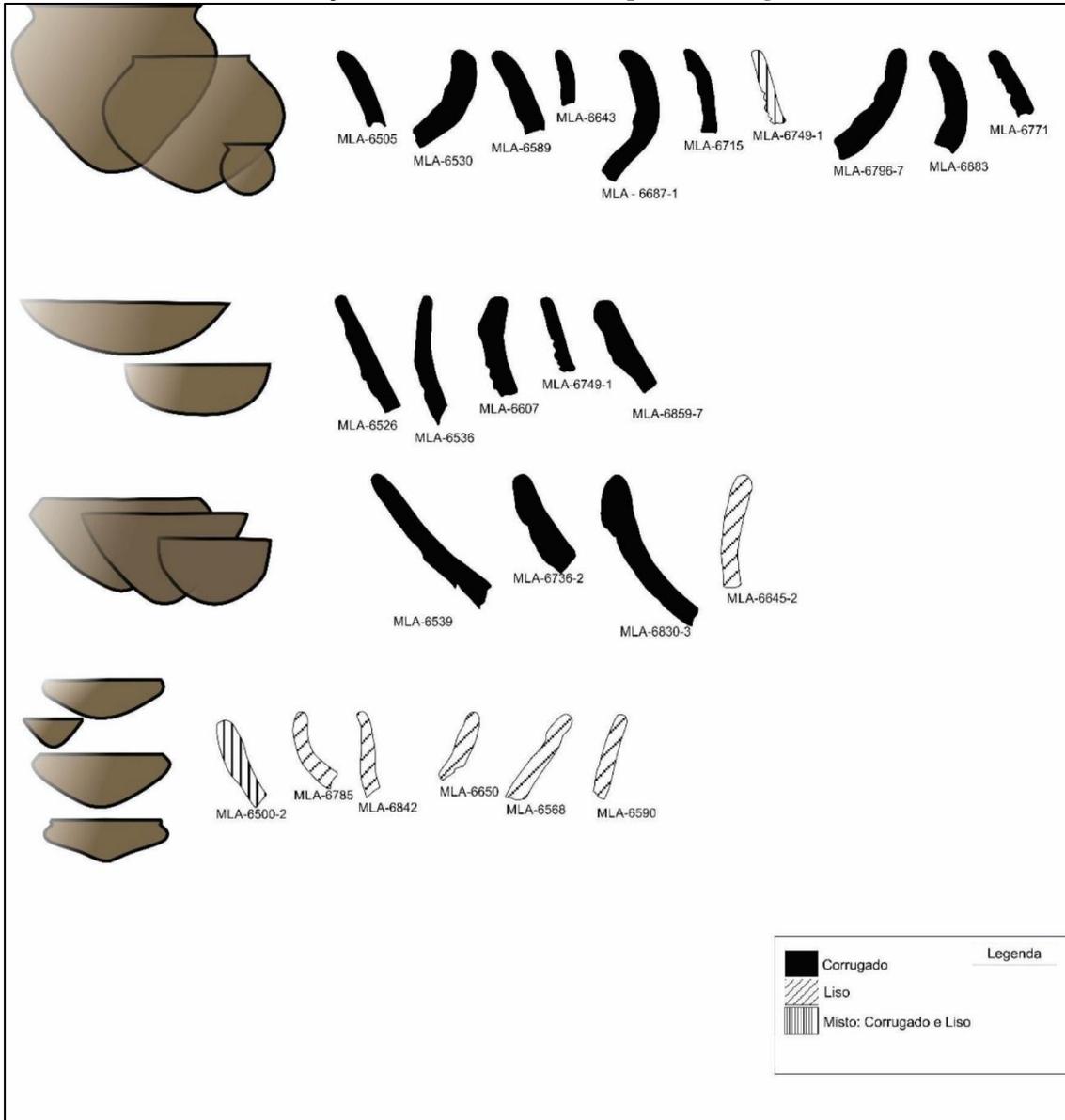
SÍTIO SC-ARA-028



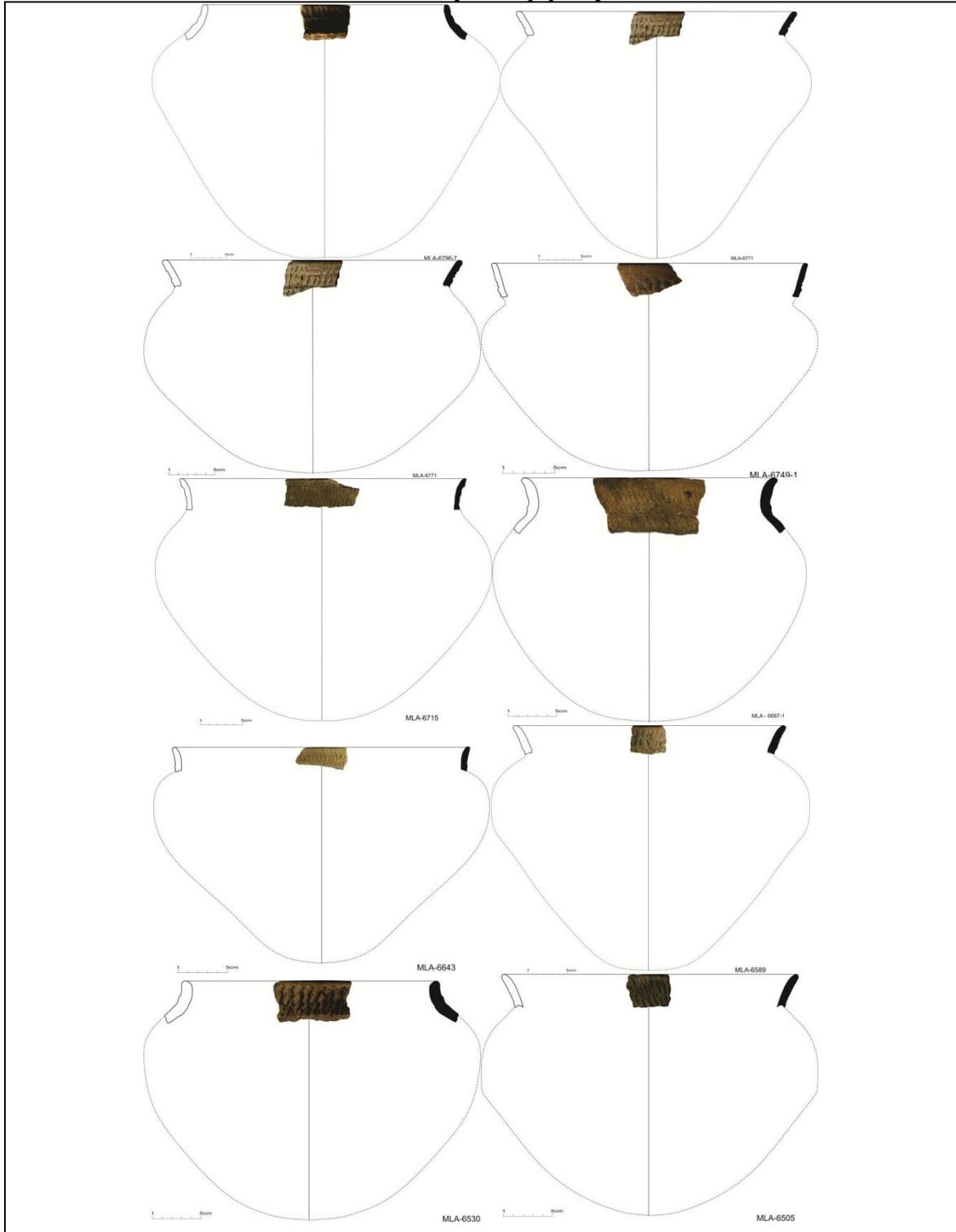
ANEXOS

ANEXO 1
Projeções de vasilhames cerâmicos do Sítio SC-ARA-002
Fonte: Campos e Santos, 2015.

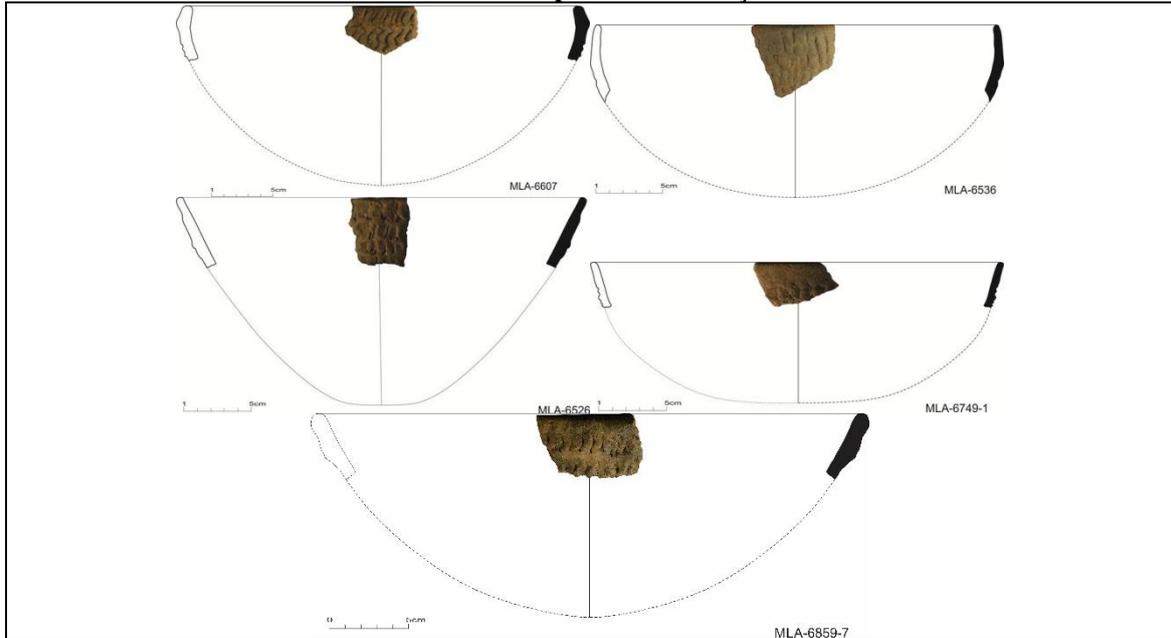
Prancha 1 - Associação das formas cerâmicas a partir de fragmentos de bordo.



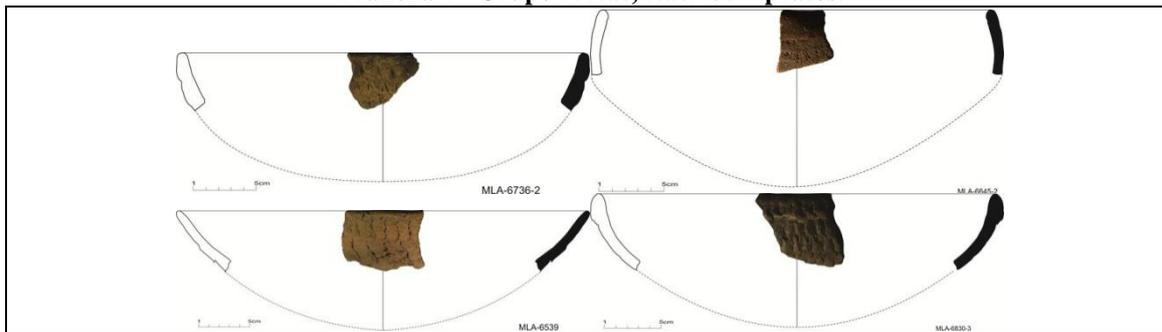
Prancha 2 - Grupo 1: *Yapepó* – panela.



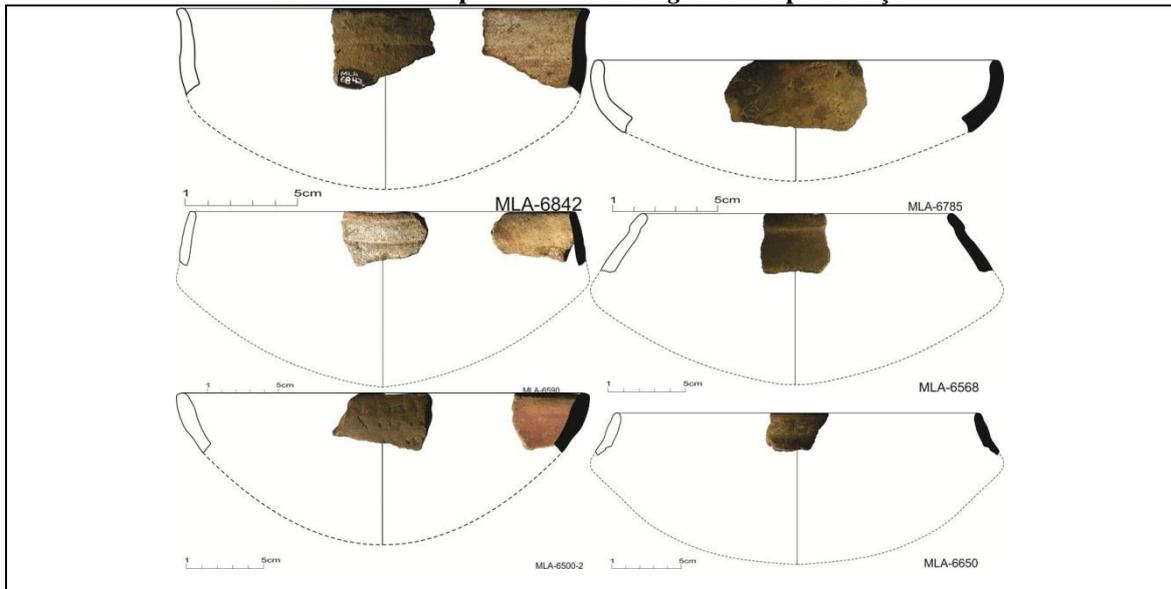
Prancha 3 - Grupo 2: *Ñaetá* – caçarola.



Prancha 4 - Grupo 5: *Ñaé, Nãembé* – pratos.



Prancha 5 - Grupo 6: *Cambuchí caguabã* - copo ou taça.



ANEXO 2

Conjunto de vasilhames cerâmicos inteiros encontrados ao longo da área da pesquisa.

Fonte: Santos, Pavei e Campos, 2016.

Vasilhas A, B, D e F - comunidade de Boa Vista, Balneário Rincão; C - SC-ARA-051; E e I - SC-ARA-016 (Luquinha do Zé Pequeno); G - Lagoa dos Esteves - Rincão; H e J - Balneário Gaivota.

